

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

DIOGO FRIZZO DE MEDEIROS

DA CLASSE MÉDIA À PERIFERIA?  
O PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012)

São Paulo  
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

DA CLASSE MÉDIA À PERIFERIA?  
O PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012)

Diogo Frizzo de Medeiros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

São Paulo  
2013

FRIZZO, Diogo.

Da classe média à periferia? O PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Findado esse processo, gostaria de prestar meus agradecimentos aos que, de alguma forma, contribuíram para sua realização. Sei que nominar as pessoas é uma tarefa difícil, pois é certa a chance de alguém ser esquecido nesse momento. Por isso, peço desculpas antecipadas pelas possíveis omissões e desde já presto minha gratidão a todas essas pessoas.

Agradeço a minha mãe (*in memoriam*), meu pai, minha avó materna (*in memoriam*) e aos demais familiares, por tudo que fizeram por mim, pelo suporte, pelo apoio, enfim tudo o que permitiu que eu pudesse chegar até aqui e concluir esta etapa na minha vida.

À minha companheira Ana Paula, companheira de vida e de sonhos, por estar junto comigo nesse momento, a você, meus sinceros e singelos agradecimentos.

Ao meu orientador Prof. Dr. André Singer, pela presteza e dedicação com que me orientou nesse período, foi uma satisfação e um rico aprendizado poder partilhar de sua experiência ao longo desse ciclo.

Aos amigos, Alessandra Dadona, João Doin, João Paulo Soares, Adenílson e Marquinhos Duarte, pelo apoio e incentivo, condições fundamentais para seguir adiante.

Aos colegas do programa de pós-graduação em Ciência Política e de grupo de estudo, Camila Rocha, Vinicius Valle, Ricardo Ribeiro, Jairo Pimentel, Paula Cabrini e demais, pelas importantes contribuições e sugestões ao texto ao longo desse período, que ajudaram, e muito, a aprimorar esse estudo.

Aos professores doutores Gustavo Venturi (DS/USP) e Elizabeth Balbachevsky (DCP/USP), que aceitaram participar da minha banca de qualificação, pelas sugestões e observações pertinentes que foram imprescindíveis para formatação final desse trabalho.

Ao departamento de Ciência Política e aos seus funcionários, Raí, Vasne e todos os demais, pela prontidão e gentileza no auxílio do atendimento as demandas e as dúvidas relacionadas ao desenvolvimento do mestrado.

Ao CESOP/Unicamp e ao CIS/USP pela cessão do banco de dados, sem o qual essa pesquisa não seria possível.

E por fim, a CAPES que financiou e permitiu a realização desta dissertação.

À minha mãe e à minha avó  
(*in memoriam*)

*O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem*

**Guimarães Rosa**

## RESUMO

FRIZZO, Diogo. Da classe média à periferia? O PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Este trabalho busca analisar a trajetória do Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições para prefeito de São Paulo no período de 1996 a 2012, tendo como foco seu desempenho nos diversos estratos socioeconômicos do eleitorado paulistano. Ao longo das eleições municipais disputadas, o partido cresceu e assumiu a posição de principal protagonista nas disputas, vencendo em 2000 e 2012. Entretanto, a consolidação desse crescimento não se manifestou de maneira uniforme nos diversos estratos socioeconômicos da cidade. A hipótese sugerida é a de que houve mudanças significativas no perfil do eleitorado petista. A partir da análise da literatura sobre o comportamento eleitoral na cidade, procurou-se reconstituir as características iniciais do eleitor do PT, a fim de verificar quais eram seus principais aspectos. Para essa análise, foram utilizados os dados dos *surveys* eleitorais das eleições paulistanas de 1996 a 2012 e, para verificar a existência de padrões geográficos na votação da agremiação nos distritos da cidade, foi empregada a técnica de análise espacial. Com isso, foi possível observar que: (1) nas primeiras eleições disputadas, o PT apresentava uma base popular, embora de pouca expressão, localizada geograficamente em uma região específica: os distritos próximos ao ABC paulista; (2) houve mudanças na composição da base eleitoral do PT a partir das eleições de 2000, passando de um partido com um perfil de classe média (de 1985 a 2000) para um partido com apelo mais popular (de 2004 em diante). Se até então o voto petista estava localizado em uma periferia geográfica determinada da cidade, ele passa a acompanhar essa transformação, ganhando expressão na periferia socioeconômica do eleitorado paulistano.

Palavras-chave: Comportamento eleitoral; Partido dos Trabalhadores (PT); Eleições municipais; São Paulo; Análise espacial.

## ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the trajectory of the Workers' Party (Partido dos Trabalhadores, PT) in the municipal elections for the post of Mayor of the city of São Paulo over the period comprising the years between 1996 and 2012 and it focuses on the party's performance with regard to the various socio-economic strata in São Paulo city's electoral roll. In the course of the municipal elections held over that period, the party was able to expand to the point of reaching the position of main protagonist in election fights, beating its opponents both in 2000 and 2012. Nevertheless, consolidation of such growth has not taken place in a uniform manner concerning the city's various socioeconomic strata. The hypothesis investigated herein is that there have been significant changes in the profile of PT voters. Departing from careful analysis of the available literature on the city's electoral behavior, one has sought to reconstruct the initial characteristics of PT voters so as to obtain their main features. So as to draw up this analysis, data from electoral survey researches of the São Paulo's 1996-2012 municipal elections were closely examined. Additionally, the spatial analysis method was used in order to verify the existence of any geographic patterns related to the voters' choice of this political organization in the various districts of the city. As a result, the following elements were found: 1) in the early elections taken, PT showed a popular power base, which, despite being of limited scope, was geographically situated within a specific area, i.e., the districts close to the so-called São Paulo's ABC (the neighboring towns of Santo André, São Bernardo and São Caetano); 2) since the elections held in 2000, there have been changes in the make-up of PT's electoral base, seeing that it has moved from a party which had a middle-class profile (between 1985-2000) to one having a wider popular appeal (from 2004 onwards). Up until 2004 PT's winning ballots could be located in and around a certain geographic periphery of the city, but since then they have undergone the transformation described above and thus have gained volume in the socioeconomic periphery of São Paulo's electoral body as a whole.

Key words: electoral behavior; Workers' Party (PT); municipal elections; São Paulo; spatial analysis.



# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. CAPÍTULO I - COMPORTAMENTO ELEITORAL EM SÃO PAULO</b> .....	4
2.1. As bases eleitorais do PT na cidade de São Paulo: o que diz a literatura ...	6
2.1.1. O PT nas eleições de 1982 a 1992 .....	6
2.1.2. O PT nas eleições de 1996 a 2008 .....	30
2.2. Algumas questões sobre a literatura .....	35
2.2.1. A base eleitoral petista: de classe média ou de periferia? .....	36
2.2.2. Continuidade ou mudança? .....	37
<b>3. CAPÍTULO II - AS BASES ELEITORAIS DO PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO PAULO (1996-2012): ANÁLISE DOS SURVEYS</b> .....	40
3.1. Os <i>surveys</i> de 1996 a 2012 .....	41
3.1.1. Intenção de voto no PT .....	42
3.1.2. Preferência partidária pelo PT .....	48
3.2. Algumas considerações sobre os dados dos <i>surveys</i> .....	54
3.2.1. O PT nas eleições de 1996 e 2000 .....	56
3.2.2. O PT nas eleições de 2004 e 2008 .....	57
3.2.3. O PT nas eleições de 2012 .....	57
<b>4. CAPÍTULO III - AS BASES ELEITORAIS DO PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO PAULO (1996-2012): ANÁLISE ESPACIAL</b> .....	62
4.1. As bases geográficas do PT .....	62
4.2. Peso dos distritos na composição do voto do PT .....	66
4.3. Os distritos que permaneceram constantes nas eleições municipais de 1996 a 2012 .....	69
4.3.1. Localização e peso dos distritos .....	70
4.3.2. As características dos distritos .....	73
4.4. As eleições de 2008 e 2012: analisando os dados do 2º turno .....	79
4.5. Algumas considerações sobre a análise espacial .....	83

<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	85
5.1. De classe média, mas também de periferia .....	86
5.2. Da classe média à periferia .....	88
5.3. Razões para explicar a mudança .....	90
5.4. O caso de 2012: o que aconteceu? .....	93
5.5. O futuro do PT na cidade de São Paulo .....	95
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 – Votação para Governador do Estado no município de São Paulo (1982), por área homogênea – somente votos no PT .....	8
Gráfico 2.2 – Preferência partidária pelo PT, por escolaridade (1982) .....	14
Gráfico 2.3 – Intenção de voto, por nível ocupacional (1986) – somente intenção de votos no PT.....	19
Gráfico 2.4 – Intenção de voto, por autodefinição de classe (1986) – somente intenção de votos no PT.....	20
Gráfico 2.5 – Intenção de voto para prefeito, por renda familiar (1988) – somente intenção de votos no PT.....	24
Gráfico 2.6 – Intenção de voto para prefeito, por escolaridade (1988) – somente intenção de votos no PT.....	24
Gráfico 2.7 – Intenção de voto para prefeito, por renda familiar (1992) – somente intenção de votos no PT.....	28
Gráfico 2.8 – Intenção de voto para prefeito, por escolaridade (1992) – somente intenção de votos no PT .....	29
Gráfico 2.9 – Percentual de votos válidos para prefeito (1º turno) recebidos pelo PT (1985-2012) .....	38
Gráfico 3.1 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (1º turno), por renda (1996-2012) – somente intenção de votos no PT .....	42
Gráfico 3.2 – Composição da intenção de voto no PT (1º turno), por renda (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra .....	45
Gráfico 3.3 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (1º turno), por escolaridade (1996-2012) – somente intenção de votos no PT .....	46
Gráfico 3.4 – Composição da intenção de voto no PT (1º turno), por escolaridade (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra .....	48
Gráfico 3.5 – Preferência partidária, por renda (1996-2012) – somente preferência partidária pelo PT .....	49

Gráfico 3.6 – Composição da preferência partidária pelo PT, por renda (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra .....	51
Gráfico 3.7 – Preferência partidária, por escolaridade (1996-2012) – somente preferência partidária pelo PT .....	52
Gráfico 3.8 – Composição da preferência partidária pelo PT, por escolaridade (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra .....	53
Gráfico 3.9 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (2º turno), por renda (2012) – somente intenção de votos no PT .....	59
Gráfico 3.10 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (2º turno), por escolaridade (2012) – somente intenção de votos no PT .....	60
Gráfico 4.1 – Peso dos distritos <i>PT Forte</i> , <i>PT Fraco</i> e <i>Não Significativo</i> para a composição do voto do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) – com o percentual dos votos válidos recebidos pelo partido no 1º turno em cada ano .....	67
Gráfico 4.2 – Peso dos distritos <i>PT Forte</i> e <i>PT Fraco</i> na composição do voto do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) – somente os distritos que permaneceram constantes .....	72
Gráfico 4.3 – Distribuição por escolaridade nos distritos <i>PT Forte</i> .....	74
Gráfico 4.4 – Distribuição por renda nos distritos <i>PT Forte</i> .....	74
Gráfico 4.5 – Preferência partidária nos distritos <i>PT Forte</i> .....	75
Gráfico 4.6 – Preferência partidária nos distritos <i>PT Fraco</i> .....	76
Gráfico 4.7 – Distribuição por renda nos distritos <i>PT Fraco</i> .....	77
Gráfico 4.8 – Distribuição por escolaridade nos distritos <i>PT Fraco</i> .....	78
Gráfico 4.9 – Peso dos distritos <i>PT Forte</i> , <i>PT Fraco</i> e <i>Não Significativo</i> para a composição do voto do PT nas eleições municipais paulistanas (2008-2012) – com o percentual dos votos válidos recebidos pelo partido no 2º turno de cada ano .....	82

## LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Divisão do município de São Paulo em oito áreas homogêneas .....	11
Figura 2.2 – Divisão do município de São Paulo por distritos e limites dos municípios do ABC paulista .....	12
Figura 4.1 – Moran Local (LISA) dos resultados do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) – dados do 1º turno .....	65
Figura 4.2 – Mapa dos distritos que permaneceram constantes: <i>PT Forte</i> e <i>PT Fraco</i> nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) .....	70
Figura 4.3 – Moran Local (LISA) dos resultados do PT nas eleições municipais paulistanas (2008 e 2012) – dados do 2º turno .....	80

## LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1 – Preferência partidária pelo PT e intenção de voto para prefeito, segundo a preferência partidária pelo PT .....	58
Tabela 4.1 – Teste Moran I (Moran Global) para os percentuais de votos válidos do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) .....	63
Tabela 4.2 – Número de distritos por indicação no Moran Local (LISA) das eleições (1996-2012) – dados do 1º turno .....	69
Tabela 4.3 – Relação dos distritos que permaneceram constantes: <i>PT Forte</i> e <i>PT Fraco</i> entre as eleições municipais paulistanas (1996-2012) .....	71
Tabela 4.4 – Teste Moran I (Moran Global) para os percentuais de votos válidos do PT nas eleições municipais paulistanas (2008 e 2012) – dados do 2º turno .....	80
Tabela 4.5 – Número de distritos por indicação no Moran Local (LISA) nas eleições municipais paulistanas (2008 e 2012) – dados do 2º turno .....	81

## LISTA DE SIGLAS

AH	- Áreas Homogêneas
CESOP	- Centro de Estudos de Opinião Pública
CIS	- Consórcio de Informações Sociais
DEM	- Democratas (partido político)
IDESP	- Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo
IEX	- Índice de Exclusão Social
LISA	- <i>Local Indicators of Spatial Association</i>
PDS	- Partido Democrático Social
PMDB	- Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNS	- Piso Nacional de Salários
PP	- Partido Progressista
PPB	- Partido Progressista Brasileiro
PRB	- Partido Republicano Brasileiro
PRN	- Partido da Reconstrução Nacional
PSDB	- Partido da Social Democracia Brasileira
PT	- Partido dos Trabalhadores
PTB	- Partido Trabalhista Brasileiro
SEPLAN	- Secretaria de Economia e Planejamento do Governo do Estado de São Paulo, atual Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo
SM	- salário mínimo
Unicamp	- Universidade de Campinas
USP	- Universidade de São Paulo

# 1. INTRODUÇÃO

O Partido dos Trabalhadores (PT) é a única legenda que lançou candidatura própria à prefeitura da cidade de São Paulo em todas as eleições municipais de 1985 a 2012. Ao todo, foram oito eleições disputadas na capital paulistana (1985, 1988, 1992, 1996, 2000, 2004, 2008 e 2012) sendo que na primeira, em 1985, o partido ficou em terceiro lugar. O PT começa a crescer e assumir a posição de principal protagonista nas disputas, vencendo as eleições dos anos de 1988, 2000 e 2012, ficando na segunda colocação nas demais votações.

Contudo, e isto é o que o presente trabalho pretende destacar, a consolidação desse crescimento não se manifestou de maneira uniforme nos diversos estratos socioeconômicos da cidade. Há sinais que indicam mudança no perfil do eleitorado petista em São Paulo, sobretudo a partir de 2004<sup>1</sup> e, por esse motivo, torna-se pertinente a investigação da forma e da intensidade dessa mudança.

Para verificar esses indícios, no **Capítulo I**, buscaremos reconstituir as características iniciais da base eleitoral petista a partir da análise da literatura sobre o comportamento eleitoral na cidade, desde as primeiras eleições disputadas pela agremiação na capital paulista, a fim de verificarmos quais eram os principais aspectos dessa base.

Tendo em vista que trabalharemos com dados coletados pelo próprio autor sobre as eleições de 1996 a 2012, que serão analisados nos capítulos subsequentes. Na revisão da literatura daremos destaque, sobretudo, às características da base eleitoral do PT até as eleições de 1992. Esperamos que, o que for observado como características dessa base petista entre as eleições de 1982 a 1992 possa servir de subsídio para os capítulos seguintes nos quais serão verificadas as transformações da base eleitoral do partido.

---

<sup>1</sup> Alguns trabalhos sugerem a existência de uma mudança na base eleitoral do PT do ponto de vista nacional a partir de 2006, resultado de um realinhamento (Singer, 2009), da mudança de territórios eleitorais com a inversão de apoio entre as regiões nordeste e sudeste (Terron, 2009) e de mudança da base eleitoral (Venturi, 2010).



Como complemento a essa revisão, o Capítulo I também inclui as contribuições da literatura sobre as eleições posteriores a esse período (1996-2008). Nesse caso, serão destacados os principais aspectos da base analisada.

No **Capítulo II** serão analisadas as bases eleitorais do PT na cidade de São Paulo entre as eleições de 1996 a 2012 a partir da utilização dos *surveys* do Instituto Datafolha. O objetivo nesse capítulo é a constatação da mudança ou da manutenção do perfil socioeconômico do eleitorado petista entre as eleições de 1996 a 2012, tendo como referência as características da base petista até as eleições de 1992.

Com o propósito de verificar a existência de padrões geográficos na votação do PT na cidade, no **Capítulo III**, será empregada a técnica de análise espacial com o propósito de observar ao longo das eleições (1996-2012) os sinais de mudança e/ou continuidade dos padrões a serem verificados nos distritos da cidade.<sup>2</sup> Com a utilização da análise espacial, pretendemos identificar as regiões onde o PT era considerado “mais forte” e “mais fraco” e, assim, observaremos onde se situam geograficamente os redutos petistas na capital paulista, indicando, inclusive se eles se mantiveram estáveis ou se foram modificados ao longo dos pleitos observados.

A utilização de ambas as abordagens nos permitirá conferir as características socioeconômicas do eleitor petista e a localização geográfica de seu voto, resultando em uma observação de sua evolução ao longo dessas cinco eleições, como, também, da identificação de mudança e transformação desse eleitorado, tanto do ponto de vista socioeconômico como geográfico.

Tendo em vista a complexidade do tema, não apresentaremos explicações definitivas sobre as causas da mudança e nem daremos uma resposta ao porquê delas ocorrerem. Contudo, ainda que nosso propósito não seja o de explicar o porquê do ocorrido, pretendemos tecer alguns comentários nas **Considerações finais** a respeito dos resultados observados e sugerir caminhos para compreender o que aconteceu.

Em suma, esperamos que essa dissertação apresente a evolução da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo, como é o seu perfil atual, se mudou e quando

---

<sup>2</sup> Devido à ausência de dados eleitorais disponíveis para consulta relativos às eleições para prefeitura de São Paulo de 1985 a 1992, tanto no TSE quanto no TRE-SP, não foi possível a realização da análise espacial dessas eleições.

mudou, destacando, ainda, as regiões geográficas onde sua penetração é maior, da mesma forma aquelas onde há uma maior resistência à entrada do partido.

## 2. CAPÍTULO I – COMPORTAMENTO ELEITORAL EM SÃO PAULO

Estudos sobre o comportamento eleitoral na cidade de São Paulo existem há pelo menos 60 anos. No período de 1985 a 2012, quase todas as eleições municipais, com exceção da de 2012, por ser recente, foram objeto de observações e análises, especialmente nos âmbitos da ciência política e da sociologia eleitoral, tanto pelo destaque como pela importância da capital paulista na cena política e na esfera nacional.

Os primeiros trabalhos foram produzidos nos idos dos anos 1950, com o propósito de analisar a relação entre a base social e o voto (Simão, 1956)<sup>3</sup>. O debate prosseguiu pela década de 1960, analisando a influência do processo de industrialização no comportamento eleitoral (Oliveiros, 1960; 1964)<sup>4</sup> e o conteúdo de classe no voto (Weffort, 1965)<sup>5</sup>.

A partir da década de 1970, os estudos entram em um novo patamar, com um aumento expressivo da produção acadêmica sobre o tema, que dá continuidade à temática dos anos anteriores e insere um novo componente: a identificação partidária como um elemento preditor de voto (Lamounier, 1975; 1980).

Dado o propósito deste trabalho, a revisão da literatura sobre o comportamento eleitoral na cidade de São Paulo se concentrará nos estudos que foram produzidos a partir do surgimento do PT, em 1980, e do seu ingresso nas disputas eleitorais — que vai ocorrer a partir das eleições de 1982, priorizando, sobretudo, aqueles que tiveram

---

<sup>3</sup> Segundo o argumento utilizado por Simão (1956), seria possível identificar a partir da análise do voto operário na cidade de São Paulo – observado nas eleições realizadas em 1945 e 1948, a existência de uma forte relação entre o voto e as regiões da cidade de São Paulo, identificando, assim, quais os bairros com características operárias tenderiam a votar no PTB e no PCB. Ver Simão, 1956.

<sup>4</sup> Oliveiros (1960) busca introduzir ao debate a necessidade de compreender os contextos socioculturais e de incorporar elementos irracionais, isto é, elementos não institucionalizados para a interpretação do comportamento eleitoral. Identificando, com isso, padrões de comportamento diferenciados de acordo com o lugar onde o eleitor residiria: na cidade ou no campo. Conforme aponta o autor, seria necessária a incorporação de três elementos para análise do comportamento eleitoral dos indivíduos, a saber: o aspecto estrutural, o determinante sociopsíquico e a hierarquização do poder. Ver Oliveiros, 1960.

<sup>5</sup> Weffort (1965) faz uma descrição em nível exploratório do populismo paulista em suas formas “janista” e “ademarista” no que se refere à relação do seu conteúdo social e, também, identificar, em ambos, as suas diferenças ideológicas e de posição social. Para isso, o autor partiu de uma concepção do populismo, distanciada do senso comum da época, que o percebia como um fenômeno não ideológico e sem apoio de qualquer posição social particular. Ver Weffort, 1965.

como foco principal de observação o Partido dos Trabalhadores (PT), mas, buscando incluir os que de alguma forma apresentaram dados ou informações relevantes referentes à base eleitoral do PT nas eleições paulistanas.<sup>6</sup>

Tendo em vista que o período analisado neste trabalho abrange as eleições municipais de 1996 a 2012, damos destaque ao que foi apontado pela literatura como sendo as principais características da base eleitoral petista — das primeiras eleições disputadas pela agremiação até as eleições de 1992, a fim de reconstituirmos a caracterização inicial da base do partido e de verificarmos o entendimento de como era essa base em São Paulo e como ela evoluiu nessas eleições, conforme apresentado nesses estudos.

É importante destacar que, embora o nosso enfoque seja exclusivamente direcionado para a disputa municipal, apresentaremos os dados das eleições para o Governo do Estado de 1982 e 1986, com o propósito de contribuir para a compreensão e reconstituição das características iniciais do eleitorado petista em São Paulo, e, também, fazemos menção às eleições para a Presidência da República em 1989, por terem sido analisadas a partir do eleitorado paulistano e serem compostas por elementos significativos para a caracterização da base eleitoral petista na cidade.

Desta forma, esperamos que os dados das eleições de 1982 a 1992 possam servir de ponto de partida para a verificação da evolução da base eleitoral do PT na cidade, com a qual buscaremos complementar com os dados das eleições posteriores (de 1996 em diante), nos Capítulos II e III desta dissertação.

Como complemento à revisão bibliográfica referente ao comportamento eleitoral na cidade de São Paulo, pretendemos, também, pontuar algumas contribuições da literatura em relação às eleições municipais paulistanas de 1996 a 2008.<sup>7</sup>

Procuramos, quando necessário, situar o contexto e o cenário político das disputas eleitorais em cada período, para, depois, focarmos na análise da literatura sobre a composição da base eleitoral do PT em cada eleição e a sua evolução ao longo dos anos.

---

<sup>6</sup> Uma observação importante a ser destacada é que o foco da literatura do início da década de 1980 não estava centrado na observação do PT. Foi somente a partir do final da década de 1980 que os estudos sobre o comportamento eleitoral deram uma maior atenção ao eleitorado do PT na cidade.

<sup>7</sup> Até a data de conclusão desta dissertação não havia sido publicado nenhum estudo com relevância sobre as eleições municipais paulistas de 2012 e/ou sobre a base eleitoral do PT nessas eleições.

## **2.1. As bases eleitorais do PT na cidade de São Paulo: o que diz a literatura**

### **2.1.1. O PT nas eleições de 1982 a 1992**

#### **As eleições de 1982**

O PT disputou sua primeira eleição em 1982, dois anos após a fundação do partido, em 1980. Nessa candidatura para o Governo do Estado de São Paulo, o PT, com Lula, recebe na capital 14,9% dos votos válidos, votação superior à obtida no conjunto do estado, que foi de 10,8%.<sup>8</sup> É interessante observar que, retirada a capital paulista do computo geral da votação do partido no estado, o percentual da agremiação no estado cairia para 8,4% dos votos válidos, uma diferença de mais de 2 (dois) pontos percentuais. Ou seja, a votação do candidato petista obtida na cidade fez com que o percentual geral da agremiação no estado fosse elevado.

Um dos recursos utilizados pela literatura da época para analisar as características do eleitorado que votou no PT em São Paulo e os determinantes do voto no partido nessas eleições foi a verificação das regiões da cidade em que um partido era mais bem votado e quais seriam as características dessas regiões, utilizando, para isso, um conjunto de dados disponíveis do resultado das urnas e os das pesquisas de opinião pública (*surveys*) realizadas à época.

Esse recurso, muito comum na produção sobre o comportamento eleitoral do início da década de 1980, serviu de influência para muitos trabalhos que buscavam analisar o voto em São Paulo nos anos de 1970<sup>9</sup> e, como veremos adiante, foi utilizado até meados da década de 1990. Sua utilização teve início na segunda metade da década de 1970 e tinha por objetivo analisar a relação entre base social e voto e verificar a existência de um componente de identificação partidária no

---

<sup>8</sup> Em votos totais, Lula (PT) obteve 14,3%, na capital, e 9,9%, no estado. Fonte: TRE-SP/Seade.

<sup>9</sup> Desde meados dos anos de 1970, um conjunto de estudos foi realizado para verificar o comportamento eleitoral em São Paulo e, dentre eles, destacam-se *Os partidos e as eleições no Brasil* (Cardoso F. H, e Lamounier, B. org., 1975) e *Voto de desconfiança* (Lamounier. B. org., 1980).

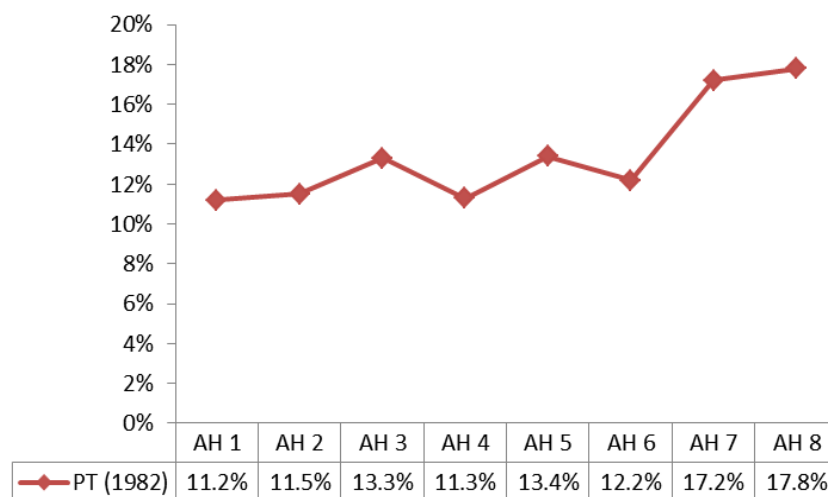
eleitorado paulistano, a partir do uso de entrevistas, *surveys* e por agregados de regiões da cidade, as chamadas áreas homogêneas (AH).<sup>10</sup>

Desta forma, para caracterizar o voto petista nessas eleições de 1982, averiguou-se o desempenho do PT nas eleições de 1982, a partir da observação da votação obtida pelo partido em cada uma das oito AH da cidade. Na medida em que o mapa se desloca das regiões mais ricas para as mais pobres da cidade, constatou-se que os percentuais de votação do partido vão aumentando, o que para muitos analistas (Lamounier, 1983; Lamounier e Muszynski, 1983; Sadek, 1984; Meneguello, 1989) concebem como uma penetração do partido no eleitorado de baixa renda em São Paulo.

Como é possível observar no Gráfico 2.1 (a seguir), com os dados eleitorais do PT para as eleições a Governador do Estado na cidade de São Paulo nessas eleições, agregados por áreas homogêneas, verificamos que, de fato, a votação do partido na cidade vai apresentar os seus maiores percentuais nas AH 7 e AH 8, e, conforme a categorização realizada pela SEPLAN, corresponderiam às áreas da capital paulista com características socioeconômicas mais pobres. Nas demais áreas da cidade, as regiões mais ricas e intermediárias (AH 1 a AH 6), a votação obtida pelo PT vai apresentar percentuais mais próximos entre si e inferiores às das regiões mais pobres indicadas anteriormente.

---

<sup>10</sup> “Áreas homogêneas” (AH) é uma classificação territorial da Secretaria de Economia e Planejamento do Governo do Estado de São Paulo (SEPLAN) que dividia o município de São Paulo em 08 (oito) áreas homogêneas. Tendo como base principalmente a renda familiar, mas que também incluía aspectos referentes à qualidade da infraestrutura da localidade, as áreas seriam agrupadas da menor para maior renda, o que permitiria uma maior semelhança entre os diversos distritos da cidade. Segundo Lamounier (1980), essas áreas foram utilizadas em virtude da necessidade de uma identificação mais aprimorada do voto na cidade de São Paulo, em razão da dificuldade de análise mais detalhada do voto por zonas eleitorais, por serem extensas e muito heterogêneas entre si e, também, devido à inexistência de dados socioeconômicos que correspondessem a essas zonas eleitorais. Para informações mais detalhadas sobre as áreas homogêneas, ver Lamounier, 1980, p. 26.



Fonte: TRE-SP. In: Lamounier e Muszynski, 1983, p.16

Gráfico 2.1 – Votação para Governador do Estado no município de São Paulo, em 1982, por área homogênea – somente votos no PT

A constatação de que havia um apoio do eleitorado de baixa renda ao PT na capital paulista é um fato importante a ser destacado, dado que à época, para muitos analistas, as características do voto petista estavam mais associadas com os segmentos de renda média. Como observa Lamounier (1983), em artigo publicado em 1983:

[...] O desempenho de Lula nas oito áreas requer uma observação mais detida. Ao contrário do que se tem afirmado, a votação do PT não foi proporcionalmente mais alta “nos jardins” ou “nos bairros de classe média”. É possível que tenha sido uma votação mais jovem, ou ainda, dentro de cada área de eleitores com nível de instrução mais alta, mas esta é uma conclusão que não podemos extrair dos dados aqui apresentados. O que o quadro (...) revela é que a votação de Lula é um pouco inferior à sua média da área 1 a área 6, e um pouco mais alta nas áreas 7 e 8, ou seja, nos bairros mais pobres e na periferia. (LAMOUNIER, 1983, pág. 07)

Do mesmo modo que Lamounier (1983), Sadek (1984) argumenta de forma muito semelhante em relação ao voto ao PT entre o eleitorado mais pobre. Ao analisar os resultados dessas eleições, Sadek (1984) assinala que:

[...] Estes dados demonstram que é infundada uma interpretação corrente segundo a qual o PT identifica-se preferencialmente com as camadas médias, sobretudo de nível universitário, que vivem nos bairros mais sofisticados da cidade. Pode até ser que o PT tenha obtido um bom percentual de votos junto a estes grupos, mas isto não significa (...) que o partido não tenha tido uma significativa penetração nos bairros de periferia, e entre estes, em particular naqueles vizinhos ao ABC. (SADEK, 1984, pág. 135)

Se por um lado, Sadek (1984) corrobora com os argumentos de Lamounier (1983) em relação ao PT apresentar uma votação também na periferia, por outro, a autora avança, ao buscar uma resposta para o porquê da votação obtida pelo partido nessas localidades apresentarem percentuais mais favoráveis do que as demais áreas da cidade.

Conforme observa Sadek (1984), uma das características geográficas das AH mais pobres é justamente sua proximidade com a região do ABC paulista. Uma parcela significativa dos distritos<sup>11</sup> que compõem a AH7 e a AH8 faz divisa com a região do ABC, berço do partido. Essa é, sem dúvida, uma contribuição importante de Sadek (1984) para compreendermos o alto desempenho do PT nas áreas homogêneas mais pobres.

Sadek (1984) ainda alega que quando verificadas as votações obtidas pelo partido dentro destas AH mais pobres (AH 7 e AH 8) e comparadas entre si, constata-se que elas vão apresentar diferenças significativas. Nos distritos eleitorais próximos ao ABC paulista, a votação recebida pelo PT é superior à dos distritos que não fazem

---

<sup>11</sup> As divisões territorial e administrativa do município de São Paulo mudaram ao longo dos anos. Entre 1964 e 1991 a cidade dispunha de 48 subdistritos e 08 distritos e, a partir de 1991, o número de distritos do município foi redefinido, passando aos 96 atuais. Para maiores informações, ver lei estadual nº 8.092, de 28/02/1964 e leis municipais nº 10.932 de 15/01/1991 e nº 11.220, de 25/05/1992.



fronteira com essa região.<sup>12</sup> Isto significa que a penetração do partido junto ao eleitorado mais pobre, nesse sentido, devia-se mais à influência da proximidade das áreas com a região do ABC do que às suas características socioeconômicas, principalmente quando observadas a renda e a escolaridade desse eleitor.

A importância das observações apontadas por Sadek (1984) é de fundamental relevância para analisarmos a evolução do voto do PT na cidade, principalmente, nas regiões fronteiriças ao ABC, pois possibilita não somente verificarmos que desde sua primeira eleição (1982) o partido já havia fincado bases em regiões periféricas da cidade, mas, sobretudo, que o apoio ao PT nessas localidades estava sujeito mais à sua localização e à influência da proximidade com o ABC paulista do que determinado pela situação socioeconômica da parcela desse eleitorado.

Certamente esse conjunto de apontamentos é significativo, pois denotam que, desde 1982, o PT teria uma penetração no eleitorado mais popular, embora, ele fosse aquilo que poderíamos denominar como um apoio popular localizado, ou melhor, uma base popular localizada. Isto porque, esse apoio estaria principalmente concentrado em uma determinada região geográfica da cidade de São Paulo, próxima ao ABC paulista<sup>13</sup>. A região serviria, segundo Sadek (1984), como um “polo de propulsão” de onde partiria “a força de atração da mensagem petista”, sendo um importante centro de difusão do partido.<sup>14</sup>

Antes de prosseguirmos com a exposição dos argumentos presentes na literatura, gostaríamos de fazer uma pequena digressão a fim de incluímos neste capítulo os mapas da divisão por áreas homogêneas e dos limites do ABC paulista, com o propósito de ilustrarmos as afirmações a respeito da composição das oito áreas homogêneas, localização das áreas mais pobres e sua proximidade com a região do ABC paulista.

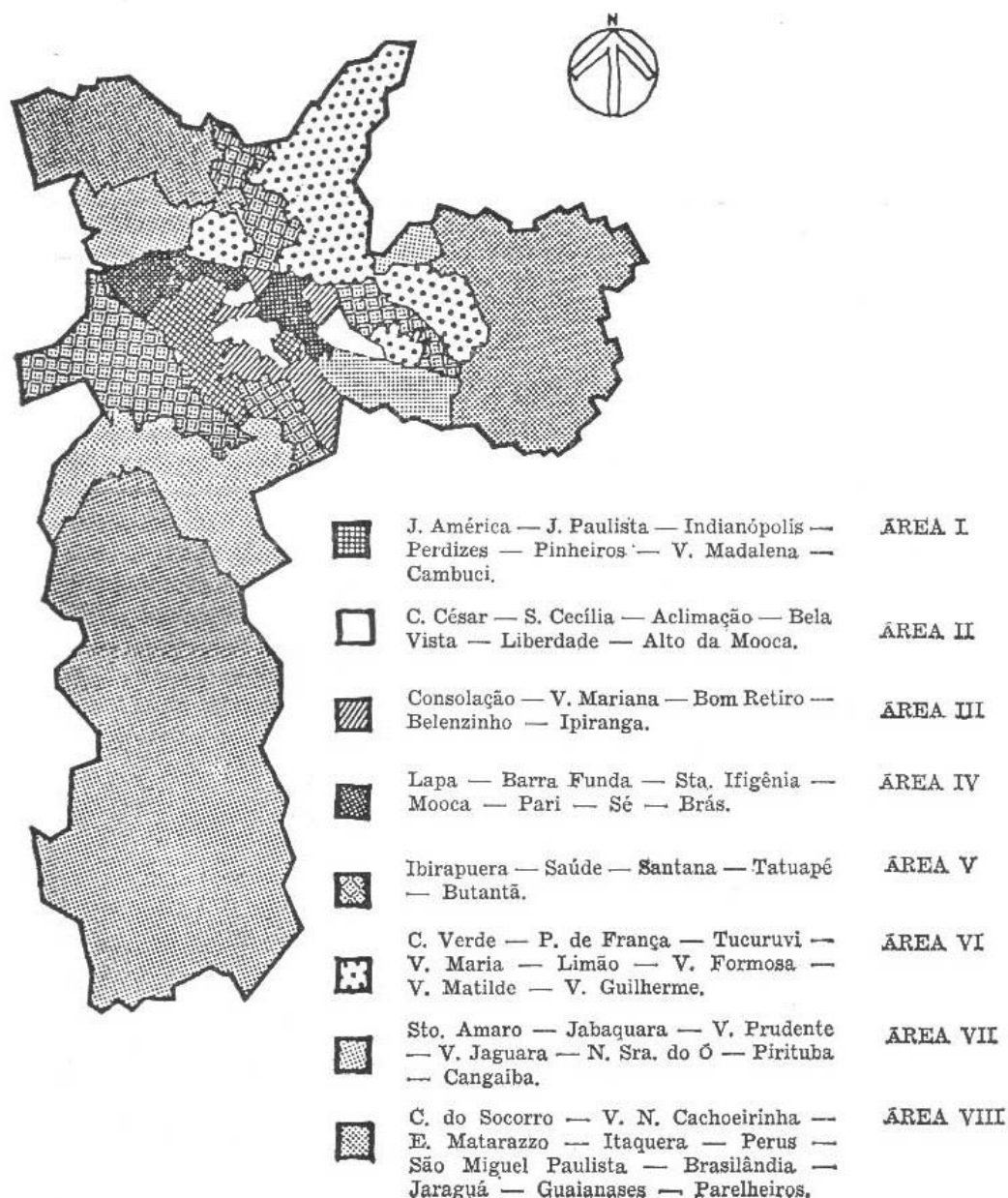
---

<sup>12</sup> Conforme observa Sadek (1984), “nos distritos eleitorais contíguos ao ABC o percentual de votos dados ao PT é sempre mais alto que o verificado nos distritos igualmente pobres, mas que se localizam nos outros extremos geográficos da cidade”. Ver Sadek (1984, p.134)

<sup>13</sup> Os distritos próximos ao ABC são: Itaquera, Vila Prudente, Ipiranga, Saúde, Jabaquara, Campo Limpo, Santo Amaro e Capela do Socorro. Eles estão situados nas regiões Leste e Sul da cidade de São Paulo. Para maiores informações, ver Sadek (1984), p.132.

<sup>14</sup> SADEK, 1984, p.131.

Como pode ser observado nas Figuras 2.1 e 2.2 (a seguir), os mapas da cidade de São Paulo contêm respectivamente: a divisão do município nas oito áreas homogêneas e a nova divisão distrital com os limites dos municípios do ABC paulista. É possível verificar que, de fato, uma grande parte das áreas homogêneas mais pobres, em especial as áreas 7 e 8, se situam próximas a região do ABC paulista.



Fonte: SEPLAN (1977). In: Lamounier, 1980, p. 27

Figura 2.1 – Divisão do município de São Paulo em oito áreas homogêneas



SIGLA	DISTRITO	SIGLA	DISTRITO
AAL	ARTUR ALVIM	LIB	LIBERDADE
ANH	ANHANGUERA	LIM	LIMAO
API	ALTO DE PINHEIROS	MAN	MANDAQUI
ARA	AGUA RASA	MAR	MARSILAC
ARI	ARICANDUVA	MOE	MOEMA
BEL	BELEM	MOO	MOOCA
BFU	BARRA FUNDA	MOR	MORUMBI
BRE	BOM RETIRO	PDR	PEDREIRA
BRL	BRASILANDIA	PEN	PENHA
BRS	BRAS	PIN	PINHEIROS
BUT	BUTANTA	PIR	PIRITUBA
BVI	BELA VISTA	PLH	PARELHEIROS
CAC	CACHOEIRINHA	PQC	PARQUE DO CARMO
CAD	CIDADE ADEMAR	PRA	PONTE RASA
CAR	CARRAO	PRD	PERDIZES
CBE	CAMPO BELO	PRI	PARI
CDU	CIDADE DUTRA	PRS	PERUS
CGR	CAMPO GRANDE	REP	REPUBLICA
CLD	CIDADE LIDER	RPE	RIO PEQUENO
CLM	CAMPO LIMPO	RTA	RAPOSO TAVARES
CMB	CAMBUCI	SAC	SACOMA
CNG	CANGAIBA	SAM	SANTO AMARO
CON	CONSOLACAO	SAP	SAPOEMBA
CRE	CAPAO REDONDO	SAU	SAUDE
CTI	CIDADE TIRADENTES	SCE	SANTA CECILIA
CUR	CURSINO	SDO	SAO DOMINGOS
CVE	CASA VERDE	SEE	SE
ERM	ERMELINO MATARAZZO	SLU	SAO LUCAS
FRE	FREGUESIA DO O	SMI	SAO MIGUEL
GRA	GRAJAU	SMT	SAO MATEUS
GUA	GUAIANASES	SOC	SOCORRO
IBI	ITAIM BIBI	SRA	SAO RAFAEL
IGU	IGUATEMI	STN	SANTANA
IPA	ITAIM PAULISTA	TAT	TATUAPE
IPI	IPIRANGA	TRE	TREMEMBE
ITQ	ITAQUERA	TUC	TUCURUVI
JAB	JABAQUARA	VAN	VILA ANDRADE
JAC	JACANA	VCR	VILA CURUCA
JAG	JAGUARA	VFO	VILA FORMOSA
JAR	JARAGUA	VGL	VILA GUILHERME
JBO	JOSE BONIFACIO	VJA	VILA JACUI
JDA	JARDIM ANGELA	VLE	VILA LEOPOLDINA
JDH	JARDIM HELENA	VMD	VILA MEDEIROS
JDP	JARDIM PAULISTA	VMN	VILA MARIANA
JDS	JARDIM SAO LUIS	VMR	VILA MARIA
JRE	JAGUARE	VMT	VILA MATILDE
LAJ	LAJEADO	VPR	VILA PRUDENTE
LAP	LAPA	VSO	VILA SONIA

Figura 2.2 – Divisão do município de São Paulo por distritos e limites dos municípios do ABC paulista

Prosseguindo com a discussão acerca da composição inicial da base eleitoral petista na capital paulistana, cabe aqui apresentarmos, também, as contribuições de Meneguello (1989), que, em estudo posterior, complementa o que Sadek (1984) havia observado em relação às características da base petista, acrescentando outro aspecto importante referente ao voto ao PT em 1982. De acordo com Meneguello (1989), o partido obteve altos índices de votação nos locais da cidade onde conseguiu estruturar uma organização partidária.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> A exemplo do que já havia sido observado por Sadek (1984), Meneguello (1989) também destaca que “o voto petista de 1982 concentrou-se nas regiões que abrigam os segmentos mais carentes da população do município e que, além de periféricas, são em sua maioria geograficamente vizinhas à

Assim, como já havia indicado Sadek (1984) e com a inclusão de um novo aspecto para compreender o voto petista, Meneguello (1989) afirma que a combinação da tríade: maior nível de pobreza, organização partidária local e proximidade geográfica com a região do ABC<sup>16</sup> vão ser importantes para a determinação do voto no PT nas eleições de 1982.

Há outros aspectos referentes às características do eleitorado petista em 1982 na cidade de São Paulo que vão ser apontados pela literatura e que gostaríamos de destacar. Segundo os estudos, esse eleitorado tinha ocupação predominantemente ligada à indústria, que possuía baixa escolaridade<sup>17</sup> (Meneguello, 1989) e era jovem<sup>18</sup> (Lamounier e Muszynski, 1983; Meneguello, 1989). Sobre o primeiro e o terceiro aspectos não temos comentários a fazer. Em relação ao segundo, gostaríamos de apresentar os dados da preferência partidária pelo PT, por escolaridade (a seguir), para, depois, tecermos algumas considerações a respeito desta afirmação.

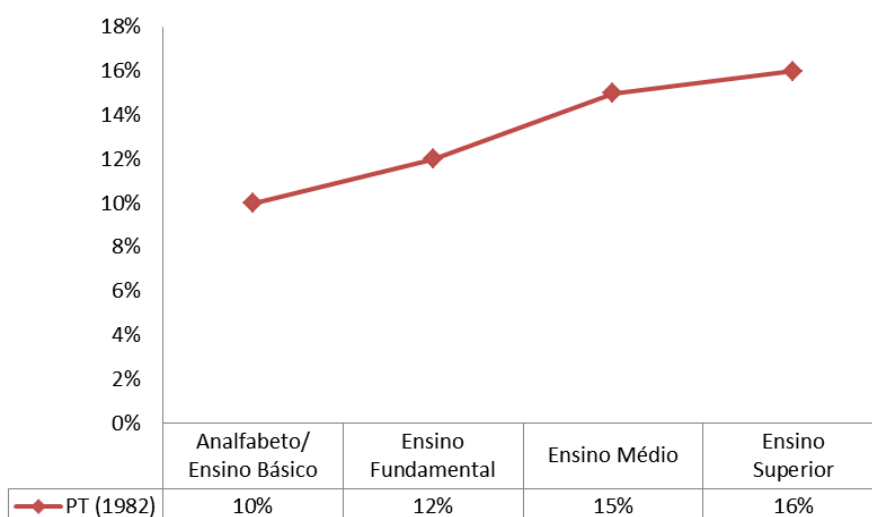
---

região industrial do ABC, sugerindo ser ali um local de concentração da força de trabalho ligada ao setor industrial.” Ver Meneguello, 1989, p.176.

<sup>16</sup> Conforme observa Meneguello (1989), “a dinâmica que definiu os resultados eleitorais do PT nas eleições de 1982 recebeu a denominação de ‘efeito de propinquidade’. Este fenômeno define-se como a orientação do comportamento eleitoral e da identificação partidária pela influência da semelhança estrutural e da proximidade geográfica de um polo difusor (no caso, a região do ABC) sobre certas regiões”. Ver Meneguello, 1989, p. 133.

<sup>17</sup> Sobre esse aspecto, em estudo realizado sobre a base do partido em 1982, Meneguello (1989) destaca que apenas na cidade de São Paulo verificava-se uma distribuição dos petistas concentrada no mais baixo nível de escolaridade. Nos demais grandes centros estudados verificava-se que parte significativa do petismo se encontrava nos estratos mais favorecidos, o que sugeriria um comportamento em São Paulo diferente das demais localidades. Ver Meneguello, 1989, p.173.

<sup>18</sup> Quando comparado às demais faixas etária do próprio partido.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa IDESP (1982). In: Meneguello, 1989, p.175

Gráfico 2.2 – Preferência partidária pelo PT, por escolaridade (1982)

Conforme é possível de ser observado no Gráfico 2.2 (acima), os dados que chamam a atenção quando se observa a pesquisa utilizada por Meneguello (1989), são os percentuais da preferência partidária pelo PT por escolaridade, que crescem à medida em que a escolaridade do eleitor aumenta, de modo que vai ser entre aqueles que possuem um maior nível de instrução que o partido vai ter seus melhores índices de preferência (16%). Ou seja, esses dados divergem da afirmação de Meneguello (1989).

Esse equívoco ocorre devido à opção feita pela autora ao constatar o peso de cada faixa de escolaridade na composição da amostra dos que afirmam ter preferência pelo PT, observando os percentuais que cada faixa possui,<sup>19</sup> ao invés de comparar o percentual das faixas entre si utilizando como parâmetro a amostra como um todo, tal como fizemos acima. Feito o reparo ao mal entendido, verificamos que é

<sup>19</sup> Quando analisamos o peso de cada faixa na composição final do voto, é necessário que se faça essa comparação tomando como parâmetro o total da amostra a fim de evitarmos equívocos de interpretações. Isso porque, em uma determinada faixa em que o contingente é bem elevado, como é o caso dos eleitores com escolaridade baixa (analfabeto/ensino básico) que representavam 54% do total da amostra nessa pesquisa das eleições de 1982, se reparássemos somente a proporção desse segmento no PT, que possui 46% do total de simpatizantes da legenda nessa faixa, observaríamos que quase metade dos simpatizantes do partido se situaria nesse segmento. Contudo, esse percentual é inferior ao da amostra, o que é um indicativo de que o PT, na realidade, possui entre esse segmento do eleitorado menos simpatizantes do que o esperado. Para conferir esses dados, ver Meneguello, 1989, p.175.

correta a percepção da literatura que apontava o maior apoio ao PT entre o eleitorado que possui escolaridade elevada.

Antes de prosseguirmos na discussão sobre as características do eleitorado petistas nas demais eleições, cabe-nos aqui pontuar algumas observações importantes com relação à penetração junto ao eleitorado das áreas homogêneas mais pobres.

Em primeiro lugar, como foi destacado anteriormente, o apoio ao PT nessas regiões da cidade estaria mais condicionado à sua proximidade com o ABC do que ao fato de serem habitadas por famílias e baixa renda. Nas demais regiões pobres de São Paulo, a votação do partido aproximou-se da média recebida na cidade. Como observa Sadek (1984), “enquanto a média de votos conquistados pelo PT nas áreas vizinhas ao ABC é de 18,4%, nas zonas norte e oeste é de apenas 15,2% e 15,3%, respectivamente”<sup>20</sup>, o que reforça o argumento de que essa seria base popular localizada e influenciada pelo efeito propinquidade do ABC paulista.

Além disso, é preciso cautela quanto às inferências que relacionam o voto do eleitor ao seu local de moradia. As regiões mais pobres abrigam mais famílias de baixa renda, mas, dada a amplitude territorial e as diversidades das próprias regiões, elas costumam comportar distintas categorias de faixas de rendimento.<sup>21</sup> Os resultados agregados permitem algumas afirmações mais gerais sobre o comportamento eleitoral de cada região da cidade. Entretanto, não é possível fazer inferências sobre o comportamento do indivíduo a partir unicamente desse tipo de dado, sob a possibilidade da ocorrência da falácia ecológica.

Assim, analisando os argumentos e os dados disponíveis apresentados pela literatura, verificamos que o PT de 1982 além do apoio que obteve junto aos segmentos médios e mais escolarizados do eleitorado, também conseguiu penetrar nas parcelas mais pobres do eleitorado paulistano, em especial aqueles que moram

---

<sup>20</sup> SADEK, 1984, p.135.

<sup>21</sup> Apesar de ser um instrumento útil para compreensão de aspectos do comportamento eleitoral na cidade de São Paulo, ao agregar as regiões da cidade com características socioeconômicas similares, em especial no caso da periferia, a análise do comportamento eleitoral a partir da utilização das áreas homogêneas dilui suas diferenças geográficas, fato já observado na época por Pierucci (1989), destaca que “as camadas de baixa renda apareciam indistintas: os pobres da periferia e os pobres das áreas centrais e mais ricas vinham diluídos num mesmo agrupamento estatístico indiferenciado”. Ver Pierucci, 1989, p. 8.

próximos à região do ABC paulista, o que indica a existência de uma base popular localizada.

### **As eleições de 1985**

Poucas mudanças foram observadas pela literatura em relação ao perfil do eleitorado petista na cidade de São Paulo das eleições de 1982 para as de 1985. Ainda que o partido tenha aumentado o percentual de votos totais recebidos nesse pleito — saltando dos 14,3%, obtidos por Lula na disputa estadual de 1982, para os 19,7%,<sup>22</sup> dados ao então candidato a prefeito Eduardo Suplicy, em 1985, esse crescimento ocorreu de forma linear e em todas as “áreas socioeconômicas e unidades administrativas, e em quase todos os distritos eleitorais”<sup>23</sup>, conforme verificado por Meneguello e Alves (1986).

Todavia, os melhores índices de votação permanecem concentrados nas áreas homogêneas mais pobres, com destaque, novamente, para as regiões AH 7 e AH 8, nas quais o PT obteve 19,8% e 24,3% dos votos, respectivamente. Dentro dessas regiões estão os distritos próximos à região do ABC, que alcançam novamente índices superiores – tais como Itaquera, Vila Prudente, Jabaquara, Capela do Socorro, Campo Limpo, Itaim Paulista e Parelheiros.<sup>24</sup> Esses resultados demonstram a permanência da base popular localizada, como já havia constatado nas eleições de 1982.

Sobre essas eleições, Lamounier e Muszynski (1986) ainda destacam que, em 1985, o PT ampliou a sua penetração junto aos segmentos mais ideológicos à esquerda do eleitorado paulistano, conseguindo atrair os votos de um segmento até então fiel ao PMDB, sobretudo, entre o eleitorado mais jovem e escolarizado.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> Em votos válidos, segundo os dados do Seade/TRE-SP, Suplicy obteve 20,7% contra 14,7% de Lula em 1982.

<sup>23</sup> MENEGUELLO; ALVES, 1986, p.98.

<sup>24</sup> O PT vai obter na AH 7: 26,3%, em Vila Prudente; 24,4%, em Santo Amaro; 24,5%, no Jabaquara. Na AH 8: 28%, em Capela do Socorro; 27,1%, em Itaquera; 30,6%, em Parelheiros; 25,7% dos votos no distrito de Itaim Paulista. Ver Meneguello e Alves, 1986, pp.111-12.

<sup>25</sup> Contudo, tanto Lamounier e Muszynski (1986) como Meneguello e Alves (1986) destacam que nos redutos de baixa renda o PMDB, nessas eleições de 1985, ainda apresentaria um importante apoio.

Entretanto, cabe destacar que o aumento do eleitorado petista em 1985 não foi suficiente para levar a candidatura Eduardo Suplicy além da terceira posição no resultado final da disputa pela prefeitura paulistana. E a literatura específica, à época, voltou-se mais para trabalhos que buscavam compreender e explicar a derrota do candidato do PMDB, Fernando Henrique Cardoso, como a vitória do ex-presidente Jânio Quadros, então no PTB<sup>26</sup>. Isso explica, em certo modo, a ausência de análises mais detalhadas da base eleitoral petista nessas eleições.

### **As eleições de 1986**

O PMDB foi, novamente, o partido vitorioso nas eleições para o Governo do Estado em 1986, com Orestes Quércia, a exemplo do que já ocorrera em 1982, com Franco Montoro. Contudo, o que mais chama a atenção da literatura é o fato de que, na cidade de São Paulo, o candidato mais votado foi Antônio Ermírio de Moraes do PTB, tendo obtido 31,4% dos votos totais na capital paulista — ou 34,6% dos votos válidos. O declínio do PMDB na capital e, principalmente, a ascensão de candidaturas de direita, como já havia sido observado na eleição de Jânio Quadros no pleito anterior (1985), vão dominar o debate sobre o comportamento eleitoral.

O fraco desempenho eleitoral do PT em 1986, com Suplicy, que obteve apenas 11,1% dos votos totais na capital paulista — 12,3% votos válidos,<sup>27</sup> um percentual bem abaixo do recebido pela agremiação nas duas eleições anteriores, deixará o partido praticamente à margem das análises acadêmicas sobre esse pleito. A bibliografia traz poucas referências e carece de estudos mais elaborados sobre o partido e sua base eleitoral.

Das poucas análises realizadas, o que se constatou é que durante essas eleições, o PT manteve sua penetração junto ao eleitorado de baixa renda, residente nas áreas homogêneas mais pobres<sup>28</sup>, nas regiões periféricas da cidade e nas

---

<sup>26</sup> O fato mais importante analisado pela literatura em relação às eleições de 1985 foi a vitória de Jânio Quadros sobre Fernando Henrique Cardoso. Para maiores informações sobre essa análise ver LAMOUNIER, B. (org.), 1985: O voto em São Paulo.

<sup>27</sup> No total da votação para Governador do Estado de São Paulo, Eduardo Suplicy obteve 9,8% dos votos totais ou 11% dos votos válidos. Fonte TRE-SP/Seade.

<sup>28</sup> A partir de 1986, houve uma modificação na quantidade de áreas homogêneas. O número diminuiu de oito para cinco, com a reformulação realizada pelo Datafolha em 1986. Pierucci (1988).



“franjas” do ABC.<sup>29</sup> Dados que comprovam a manutenção do que denominamos como base popular localizada nessas eleições de 1986.

É importante destacar aqui em relação à composição da base eleitoral petista é que os dados mais relevantes dessas eleições, embora constem no trabalho, tiveram uma atenção lateral. Ainda assim, dado o nosso propósito de verificar as características da base petista gostaríamos de introduzi-los ao debate.

O primeiro deles que chama a atenção está em Pierucci (1989a). Embora o autor destaque o apoio do eleitorado jovem, que permanece em 1986 (característica que se mantém desde as eleições de 1982), a contribuição fundamental de Pierucci (1989a) é detectar que, entre os mais pobres, os melhores índices do PT vêm daqueles que possuem nível de escolaridade mais elevado. Esse dado é significativo, pois demonstra a existência de uma diferença dentro das regiões mais pobres, que não pode ser ignorada, e que vai além do aspecto referente à sua proximidade ao ABC, que já havia sido observado por estudos anteriores.

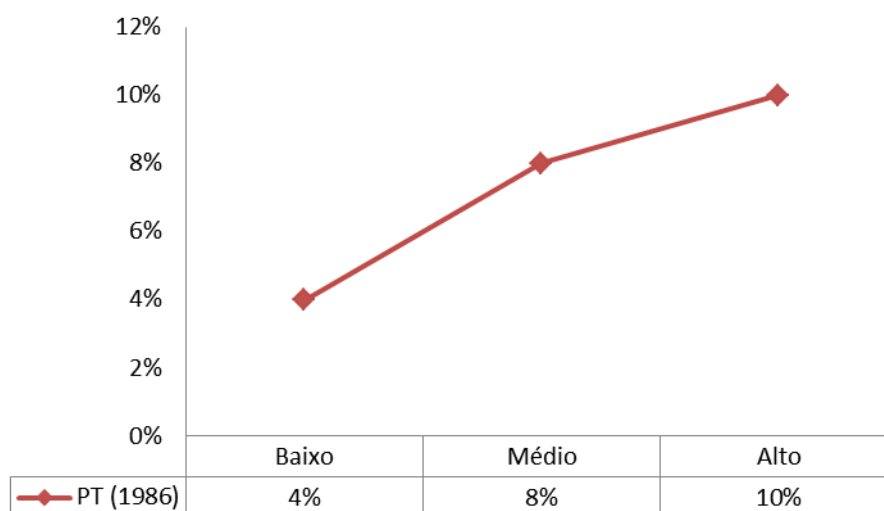
Pierucci constata que dentro dessas regiões mais pobres também existe uma diferença em relação à renda e educação do eleitor, o que influenciou o voto no partido. Esse aspecto é interessante e, inclusive, auxilia-nos, em parte, na compreensão das diferenças observadas em relação aos percentuais do PT nas áreas homogêneas e nos *surveys* verificados por faixa de renda e escolaridade.

Muszynski (1989a), por sua vez, afirma que, embora a votação geral do PT tenha decrescido em 1986, quando comparado ao desempenho do partido em eleições passadas, o perfil do eleitorado petista ampliou-se quando comparado aos pleitos anteriores, expandindo-se para outros estratos socioeconômicos. Segundo a autora, nesse momento, “o PT aparentemente conseguiu superar sua imagem de partido das minorias sindicais e de estudantes universitários”<sup>30</sup>. Entretanto, não verificamos dados que corroborem essa percepção da autora.

---

<sup>29</sup> As zonas eleitorais que o PT obtém seus melhores percentuais são: Vila Prudente, com 14,6%; Sapopemba, com 16,7%; Itaquera, com 15,9%. Fonte: Seade/TRE-SP.

<sup>30</sup> MUSZYNSKI, 1989a, p.66



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa IDESP (1986). In: Muszynski, 1989a, p.63

Gráfico 2.3 – Intenção de voto, por nível ocupacional (1986) – somente intenção de votos no PT

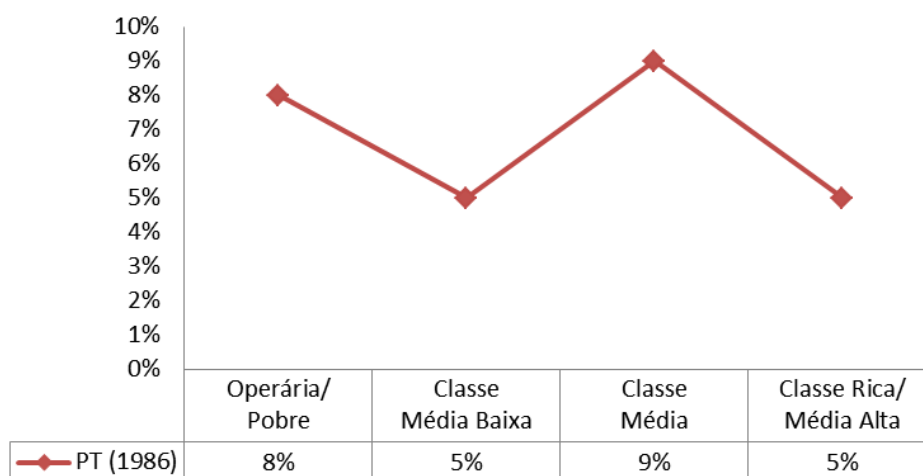
No caso do estudo de Muszynski (1989a), o dado mais importante apresentado pela autora diz respeito ao nível ocupacional dos eleitores petistas de 1986. A pesquisa realizada pelo IDESP, no ano das eleições em questão, mostra que o percentual de voto no PT subiu na medida em que aumentou o nível ocupacional do eleitor<sup>31</sup>, resultado que dialoga com o que foi apresentado por Pierucci (1989a), demonstrando que o partido possuía um melhor desempenho entre aqueles que possuíam melhor qualificação.

O gráfico (Gráfico 2.3) com cruzamento de classes sociais mostra que os melhores resultados do partido estão entre os eleitores que se identificavam como sendo de classe média e os pertencentes às classes operária/pobre (Muszynski, 1989a, p.63).<sup>32</sup> Esses dados sinalizam dois aspectos: reforçam que a percepção da penetração do PT junto ao eleitorado de classe média, ao menos entre aqueles que se identificavam como pertencentes a essa classe, estava correta; e, demonstram o

<sup>31</sup> Classificação utilizada por Muszynski (1989a) a partir da classificação elaborada por Valle Silva cria uma escala ocupacional que relaciona, a partir de análises estatísticas, as informações sobre a profissão, a renda e a escolaridade. Para maiores informações ver *Posição social das ocupações* (Valle Silva, N., 1974).

<sup>32</sup> Classificação social intenção de voto no PT subia de 4 para 10, e quando verificada a intenção de voto por autodefinição do entrevistado os maiores índices de intenção de voto estavam no segmento que se autoclassificava como pobre/operário, com 8%, e na classe média, com 9%. Ver Muszynski, 1989a, p.63.

apoio da agremiação junto a uma parcela do eleitorado operariado, confirmando o que já havia sido apontado anteriormente.



Fonte: elaboração própria com base nos dados da pesquisa IDESP (1986). In: Muszyski, 1989a, p.63

Gráfico 2.4 – Intenção de voto, por autodefinição de classe (1986) – somente intenção de votos no PT

A partir das afirmações bibliográficas e da observação dos dados disponíveis nos *surveys*, o que se constata é a existência de uma permanência do padrão que vem das eleições de 1982, com os melhores percentuais de votação nas regiões próximas ao ABC paulista, confirmando persistência de uma base popular localizada. Quando analisamos as características individuais desse eleitor petista nos argumentos e nos dados disponíveis, a que mais se destaca é a intenção de voto no PT ser maior entre os jovens, os pobres mais escolarizados, os universitários e os trabalhadores sindicalizados, quanto maior o nível ocupacional.

### As eleições 1988

As eleições de 1988 são um marco para o PT. Pela primeira vez, a agremiação conquista a prefeitura de São Paulo elegendo Luiza Erundina prefeita com 29,8% dos votos totais — ou 36,8% dos válidos. A vitória do partido foi um fator de surpresa para

época, dado o fraco desempenho do partido nas eleições para o Governo do Estado, em 1986, que não o credenciava como um forte competidor na disputa municipal que iria ocorrer dois anos mais tarde (1988).<sup>33</sup>

Para tentar compreender a vitória do PT nas eleições de 1988 e para explicar seus motivos, os estudiosos do comportamento eleitoral em São Paulo trilharam novos caminhos a fim de elucidar o que, segundo Muszynski (1989c), foi considerado um “resultado surpreendente”.

Um dos principais argumentos utilizados para explicar a vitória de Erundina foi o do oposicionismo sistemático (Meneguello, 1989), segundo o qual as últimas eleições tinham dado a vitória, na capital, a partidos que faziam oposição ao governo estadual. Esse oposicionismo estaria mais presente no eleitorado de baixa renda e baixa escolaridade (Sadek, 1986; Muszynski, 1989a:1989c), enfatizando que, entre esse segmento do eleitorado, haveria uma disposição maior ao oposicionismo.

Outras análises creditam a vitória de Erundina a fatores mais conjunturais do que estruturais. Como, por exemplo, a migração de votos na reta final da eleição para a petista de potenciais eleitores do PSDB e PMDB, que queriam impedir a vitória de Paulo Maluf através do chamado “voto útil” (Muszynski, 1989c; Pierucci e Lima 1991). Na opinião de Muszynski (1989c):

[...] A candidata [do PT] atraiu, nos momentos finais, não apenas boa parte dos indecisos, que normalmente pertencem ao grupo dos menos escolarizados e informados, mas também aqueles que esperam até o último momento para verificar qual seria o candidato mais viável para derrotar Maluf. (MUSZYNSKI, 1989c, p.24)

---

<sup>33</sup> O desempenho do candidato Paulo Maluf nas eleições de 1988, em São Paulo, vai chamar a atenção dos estudiosos. Embora Maluf tenha sido derrotado nessas eleições para prefeitura da capital, o percentual significativo de votos obtidos pelo candidato chamou atenção, principalmente por apresentar uma tendência de crescimento constante entre as eleições que disputava, transformando-se em um importante ator do processo eleitoral em São Paulo.

Esse argumento do “voto útil” é, inclusive, muito similar ao utilizado por Pierucci e Lima (1991), que assinalam que:

[...] É sabido que a surpreendente vitória de Luiza Erundina (PT) ocorreu graças a uma ponderável migração de votos de outros candidatos — principalmente de José Serra (PSDB) e João Leiva (PMDB) — acompanhada da adesão daqueles que sempre se decidem no último momento: os mais pobres, menos escolarizados e do sexo feminino. (PIERUCCI; LIMA, 1991, p.21)

Embora, como também vai ser observado por Pierucci e Lima (1991), esse movimento do voto em direção à candidata do PT nas regiões periféricas da cidade tenha afetado mais diretamente a candidatura de José Serra (PSDB) e tenha produzido pouco impacto na candidatura de João Leiva (PMDB) de forma a não comprometer significativamente o desempenho histórico do partido entre os eleitores mais pobres de São Paulo.

Para além dos argumentos relativos aos motivos da vitória do PT em 1988, Muszynski (1989c) acrescenta algumas contribuições referentes às características da base eleitoral do partido nessas eleições. Conforme afirma a autora:

[...] Sabemos que o voto no PT não tem ocorrido predominantemente entre as camadas mais pobres da população. Em eleições passadas, ao contrário, o partido era até mais votado pela classe média e média alta, e particularmente por grupos mais escolarizados do eleitorado. Em 88 o PT venceu com o apoio em todas as camadas [...]. (MUSZYNSKI, 1989c ,p.9)

O excerto acima, no qual verificamos os argumentos de Muszynski (1989c), aparecem dois aspectos importantes em relação ao voto do PT que auxilia-nos na compreensão das características da base eleitoral petista e que são merecedores de

uma atenção especial. O primeiro é referente ao apoio do partido junto à classe média, que segundo Muszynski (1989c), era algo característico do PT. O segundo é em relação ao pleito de 1988, que, conforme a autora, a candidata petista conseguiu vencer em todas as camadas sociais.<sup>34</sup>

Sobre o primeiro aspecto, sua importância se dá por demonstrar que havia uma percepção entre pesquisadores de que o PT era um partido de classe média (a despeito do que verificamos e já assinalamos anteriormente em relação à base popular localizada). A afirmação de Muszynski (1989c) está em consonância com a impressão de que o eleitor petista estava concentrado entre uma parcela mais escolarizada e entre os trabalhadores, que se organizavam nos sindicatos, e, que, conforme observamos anteriormente, tem respaldo nos dados eleitorais.

Em relação à observação do desempenho eleitoral do PT por AH, o padrão verificado foi o mesmo das eleições passadas, com o aumento do percentual do partido nas AH mais pobres da cidade. Em 1988, não foi diferente. Estava localizado nas regiões onde o PT obtinha seus maiores percentuais de votação.<sup>35</sup> E, como já pontuamos, com relação à composição das AH mais pobres, entre os distritos fronteiros ao ABC paulista, os percentuais do partido foram elevados mais uma vez, reforçando o caráter localizado dessa base eleitoral popular.<sup>36</sup>

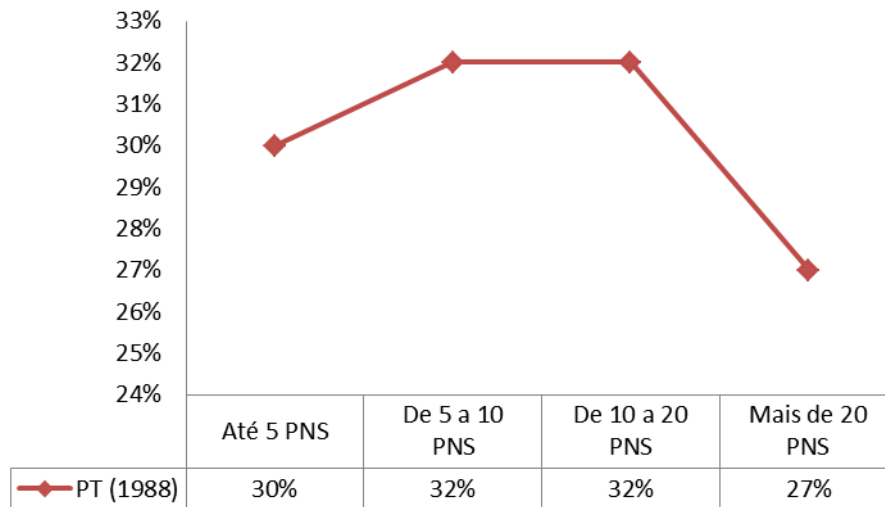
Com relação à vitória petista em todas as camadas sociais, tal como aponta Muszynski (1989c), é interessante notar que estão contidas as intenções de voto na agremiação por renda e escolaridade, o que ocasiona um relativo equilíbrio no desempenho do PT nos diferentes camadas do eleitorado. Isso é possível de observar nos dados dos *surveys* do Datafolha (Gráficos 2.5 e 2.6) a seguir:

---

<sup>34</sup> Em artigo intitulado “PT teve voto de periferia”, Mendes afirma: “Em todas as eleições que o PT disputou na capital desde 1982, o grosso do seu eleitorado veio dos bairros operários da zona sul e leste. Uma novidade na votação de Erundina está nos altos percentuais que conseguiu no extremo norte/noroeste. Mais uma vez, comprova-se que o voto para o PT não é de classe média”. Folha de São Paulo, dia 01 de dezembro de 1988, Antônio Manuel T. Mendes com colaboração de Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi.

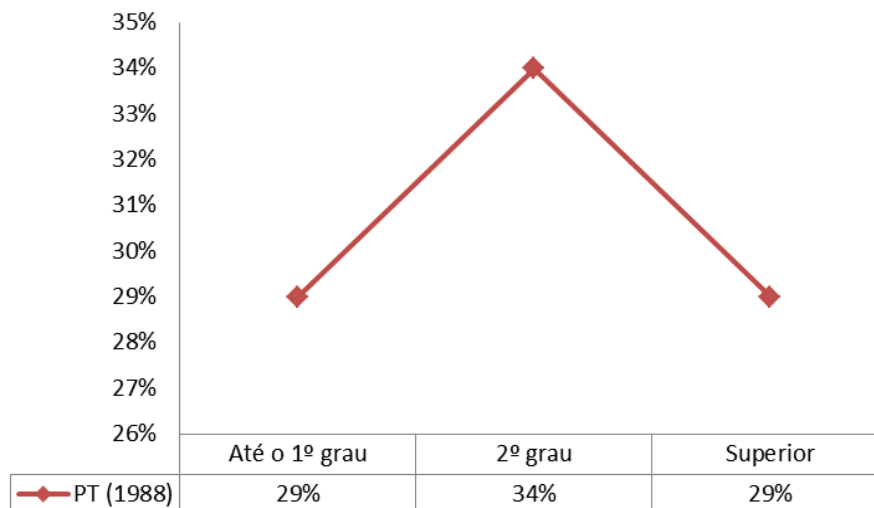
<sup>35</sup> Segundo a pesquisa de boca de urna realizada pelo Datafolha em 15 de novembro de 1988, Luiza Erundina (PT) obteve 27% dos de votos na AH 1, 26% na AH 2, 30% na AH 3, 32% na AH 4 e 30% na AH 5. Ver Folha de São Paulo, 17 de novembro de 1988.

<sup>36</sup> Na zona leste de São Paulo, nas zonas eleitorais de Sapopemba, Itaquera e Itaim Paulista podem ser observadas as maiores diferenças percentuais entre Erundina e Maluf. Nestas zonas eleitorais Erundina e Maluf obtiveram, em votos válidos, respectivamente, 48,4% contra 25,6%, 44,1% a 22,2% e 40% a 29,3%. Fonte: Seade/TRE-SP.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha. In: Folha de São Paulo, 01/12/1988.

Gráfico 2.5 – Intenção de voto para prefeito, por renda familiar (1988) – somente intenção de votos no PT



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha. In: Folha de São Paulo, 01/12/1988.

Gráfico 2.6 - Intenção de voto para prefeito, por escolaridade (1988) – somente intenção de votos no PT

Conforme se observa nos dados dos Gráficos 2.5 e 2.6 da pesquisa do Datafolha de 1988, é possível constatar que o partido teve um apoio equilibrado nos diferentes segmentos do eleitorado paulistano.<sup>37</sup> Com exceção dos mais ricos e dos eleitores com 2º grau de escolaridade, os demais estratos de renda e escolaridade fornecem à agremiação percentuais de voto muito próximos entre si, o que reforçaria o caráter mais homogêneo dos eleitores petistas em 1988.

Os resultados obtidos pelo PT nas eleições de 1988, de acordo com o que observamos no conjunto das informações disponíveis na literatura e nos *surveys*, demonstram a repetição do padrão de base eleitoral petista, que se mantém característico desde as eleições de 1982 com bons resultados nas camadas médias de renda e escolaridade elevada, quando analisado o eleitorado como um todo, e a existência de uma base popular localizada de votação, quando verificada geograficamente. Porém, nessa eleição os resultados indicam que houve um movimento de setores mais populares em direção à candidatura petista, embora, como observaremos nos dados das eleições de 1989 e 1992, ele tenha sido um fenômeno conjuntural.

### **As eleições de 1989**

O resultado das eleições de 1989 para Presidência da República reforçou o caráter conjuntural da vitória do partido, na cidade de São Paulo, já observado pelos estudos relativos ao pleito do ano anterior.

Nacionalmente, Lula e o PT foram para o segundo turno contra Fernando Collor (PRN). Na cidade de São Paulo, porém, o partido e seu candidato terminaram o primeiro turno em um modesto quarto lugar (atrás de Mario Covas, Paulo Maluf e Fernando Collor), obtendo apenas 15,2% dos votos, metade do que recebera nas municipais de um ano antes. Já no segundo turno, a capital paulista deu 40,3% a Lula, contra os 52,8% recebidos por Collor.

---

<sup>37</sup> Os dados por renda familiar do Gráfico 1.4 faz referência ao Piso Nacional de Salário (PNS), que foi utilizado entre 1987 e 1989 e equivalia ao salário mínimo da época. Ver artigo 1º do Decreto-lei nº 2.351 de 7 de agosto de 1987 e artigo 5º da lei 7.789 de 3 de julho de 1989.



O mapa de votação em São Paulo, nas eleições de 1989, mostra uma repetição do padrão eleitoral em relação ao PT. O partido vai manter a localização onde obtém seus melhores percentuais, mais uma vez, situada nos distritos localizados próximos ao ABC. Verificando o desempenho do candidato petista, constata-se que é nas zonas eleitorais de Sapopemba e Itaquera que Lula obteve seus maiores índices no primeiro turno (25,9% e 22,7%, respectivamente). É interessante notar que foi somente nessas (duas) zonas eleitorais que o candidato do PT consegue superar Collor no segundo turno das eleições presidenciais de 1989.<sup>38</sup>

Ainda em relação às eleições de 1989, há um dado importante apontado por Singer (1990). Analisando os resultados de São Paulo em cinco zonas eleitorais situadas inteiramente dentro de cinco áreas homogêneas, numa escala que vai da mais rica para a mais pobre, um detalhe chama a atenção de Singer (1990): na última zona eleitoral, a mais pobre das cinco, o partido vai apresentar uma pequena queda, fato que também pode ser observado nas eleições municipais de 1988. Para o autor, esse fato indica que “o partido tende a se fixar nos bairros pobres, porém, não miseráveis da cidade, e que sua capacidade de expansão nestes é limitada”<sup>39</sup>.

O indicativo da existência de uma resistência ao PT entre os eleitores de baixíssima renda é relevante, pois conforme assinalado por Pierucci (1989a), havia uma diferença entre os eleitores das AH mais pobres. O desempenho do PT era melhor entre aqueles que possuíam renda média e escolaridade elevada, demonstrando que existia, de fato, uma resistência do eleitorado mais pauperizado em apoiar uma candidatura petista.

Além da dificuldade de penetração consistente do partido nesse segmento, também pode se constatar uma permanência da base peemedebista no eleitorado paulistano mais pauperizado, ainda que declinante (Singer 1990).

Assim, apesar da vitória de 1988 para a prefeitura, os dados referentes à eleição de 1989, tal como observados pela literatura, indicariam que embora o PT tivesse conquistado uma parcela significativa do eleitorado de baixa renda, a maioria do eleitorado mais pobre, em especial, os miseráveis e os residentes na “última

---

<sup>38</sup> No segundo turno das eleições presidenciais de 1989 em São Paulo, Lula obteve 47,4% na zona eleitora de Itaquera e Collor, 45,3%. Em Sapopemba, Lula recebeu 48,7% e Collor, 44,7% dos votos. Fonte: Seade/TRE-SP.

<sup>39</sup> SINGER, 1990, p.148.

periferia”, que tradicionalmente se identificavam com o PMDB, votaram em Collor (Singer, 1990).<sup>40</sup>

### **As eleições de 1992**

Se nas eleições municipais paulistanas de 1988 a grande surpresa foi a vitória do PT, nas de 1992, foi a vez de Paulo Maluf, do PDS, ocupar esse lugar de destaque. Ao derrotar Eduardo Suplicy (PT) no pleito, Maluf ressurgiu à cena política, induzindo boa parte das análises sobre o comportamento eleitoral em São Paulo à busca por compreender os motivos dessa vitória.<sup>41</sup>

O PT, a propósito, além da derrota sofrida no resultado geral do pleito, não só vai perder em todas as regiões da cidade para Paulo Maluf como vai ter sua votação geral reduzida em relação às eleições de 1988, caindo de 29,8% dos votos para 23,6% — ou em votos válidos de 36,7%, com Erundina em 1988, para 30,6%, com Suplicy em 1992.

O revés sofrido pelo partido, com uma significativa retração de sua votação na capital paulista, vai ser justificado, segundo Limongi e Mesquita (2008), por uma possível deserção de eleitores de baixa renda, que haviam votado no PT em 1988 (Limongi e Mesquita, 2008).<sup>42</sup>

Contudo, há quem observe que esses resultados também colocaram em questão a ampliação da base petista nos termos até então verificados (Pierucci e Lima 1993). Ainda que houvesse forte presença do PT entre o eleitorado de baixa renda<sup>43</sup>, Paulo Maluf também havia sido vitorioso nesse segmento, o que foi um indicativo da dificuldade da penetração do partido no eleitorado mais pobre na cidade

---

<sup>40</sup> Singer (1990) sugere um “grande contingente de eleitores da última periferia de ter passado de uma identificação partidária com o antigo partido da oposição, o PMDB, para uma identificação de tipo personalista com um candidato que em um dado momento apareceu como diagnosticador mais preciso e como proponente das soluções mais diretas para os graves problemas sociais e econômicos daqueles votantes.” Singer, 1990. p.149.

<sup>41</sup> Nas eleições de 1992, Maluf obteve 37,3% votos no 1º turno (48,8 % votos válidos) e 52,2% no 2º turno (58,1 % votos válidos). Fonte: TRE-SP/Seade.

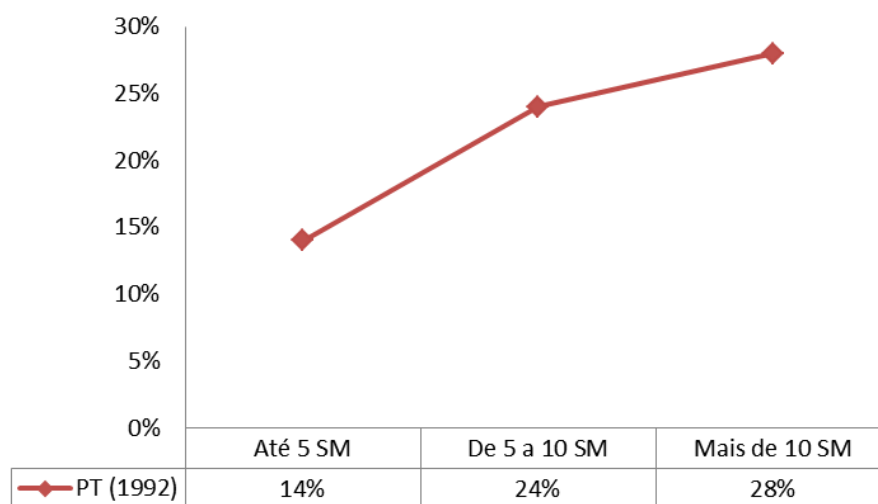
<sup>42</sup> Segundo Limongi e Mesquita (2008) vai ser verificada uma baixa votação no PT entre os eleitores com baixa escolaridade, quando analisados a votação por urna e a média de anos de estudo do eleitor. Ver Limongi e Mesquita, 2008.

<sup>43</sup> Conforme observado por Pierucci e Lima (1993), utilizando como base para análise das eleições de 1992 os resultados eleitorais agregados por áreas homogêneas. Ver Pierucci e Lima, 1993.

— ou seja, havia um limite para o PT nessa parcela da população (Singer, 1990; Pierucci e Lima, 1993).<sup>44</sup>

Quando se observa o desempenho dos demais competidores entre esse segmento, é possível constatar que tanto o PMDB como as candidaturas com perfis de direita, como é caso de Collor em 1989 e de Maluf em 1992, saíram vencedores nessa parcela do eleitorado mais pobre.

Atentando às características do eleitorado petista em 1992 — para além da retração de voto e da possível deserção de parcela do eleitorado —, o que se constata é a manutenção do padrão observado nas eleições anteriores, tal como apontado por parte da bibliografia. Ou seja, o PT aumenta sua votação na medida em que o eleitorado se desloca das áreas homogêneas mais ricas para as mais pobres de São Paulo (Pierucci e Lima, 1993). Porém, quando analisado o desempenho do partido no conjunto de eleitorado, os melhores resultados estão entre os segmentos de maior renda e escolaridade (vide os Gráficos 2.7 e 2.8, a seguir).



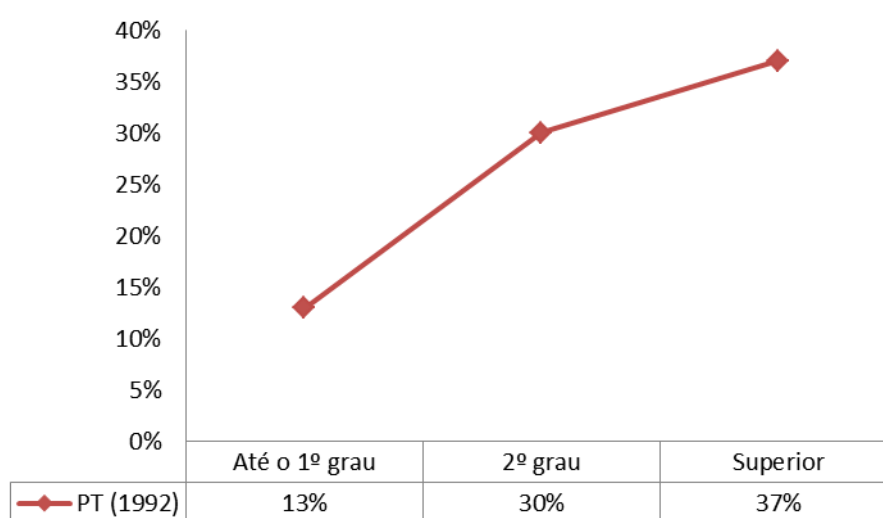
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha de 29/09/1992.

Gráfico 2.7 - Intenção de voto para prefeito, por renda familiar (1992) – somente intenção de votos no PT

<sup>44</sup> Pierucci e Lima (1993) destacam que o “PT [...] talvez esperasse que uma administração voltada para periferia lhe valesse o reconhecimento dos bairros mais pobres e carentes.” Ver Pierucci e Lima, 1993, p.98.

Quando verificados os dados dos *surveys* do Datafolha (Gráficos 2.5 e 2.6) o que se constata é que a curva de intenção de voto do PT aumenta de acordo com a faixa de renda (Gráfico 2.5) e a faixa de escolaridade do eleitorado paulistano (Gráfico 2.6), por isso, podemos afirmar que os melhores resultados do partido estão localizados principalmente entre os eleitores com renda e escolaridade elevadas.

Entretanto, é importante notar que esses percentuais, quando comparados com os que foram observados nas eleições de 1988 para prefeito da capital, vão demonstrar que há uma queda nos índices petista, em especial, entre os dos eleitores de renda e escolaridade baixa. De fato os percentuais obtidos pelo PT nos estratos de baixa renda e média escolaridade em 1992 (Gráficos 2.7 e 2.8, a seguir) vão ser muito inferiores aos de 1988 (Gráficos 2.5 e 2.6) — o que a princípio corroboraria a afirmação de Limongi e Mesquita (2008), que assinalam a deserção desse eleitorado de baixa renda e escolaridade em relação à candidatura petista.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha de 29/09/1992.

Gráfico 2.8 - Intenção de voto para prefeito, por escolaridade (1992)  
– somente intenção de votos no PT

Por fim, cabe destacar algumas considerações presentes na literatura que apontam que, diferentemente do ocorrido em 1988, eleições nas quais uma parcela do eleitorado paulistano mobilizou-se para derrotar a candidatura de Paulo Maluf e a

beneficiada desses votos “anti-Maluf” foi a candidata petista, tal como pontuamos anteriormente, desta vez o alvo dessa mobilização foi o próprio PT. Nas eleições de 1992, o partido vai observar uma parcela do eleitorado movimentar-se para derrotá-lo e “para manter longe do poder o partido que mais lhes desagrada (que, neste caso, parece ser o PT)”<sup>45</sup>. Apesar do movimento por parte do eleitorado de renda mais elevada em direção à candidatura de Maluf, Pierucci e Lima (1993) e Lima (1996) sugerem um apoio elevado entre esses eleitores à candidatura petista, conforme demonstrado os dados dos gráficos anteriores.

Os dados das eleições de 1992 reforçam a premissa de que o PT possui uma base popular localizada, contígua ao ABC — vide o desempenho do partido por áreas homogêneas —, e, também, de classe média, quando observado o desempenho do partido no eleitorado como um todo, haja vista o desempenho da agremiação entre os segmentos de renda mais alta e escolaridade elevada — na qual se observa resultados mais favoráveis ao partido do que os dos estratos inferiores. Esse perfil duplo é algo constante, que pode ser observado desde a primeira eleição em 1982 e que, ainda, vai permanecer como uma característica do partido, inclusive, nas eleições de 1992.

### **2.1.2. O PT nas eleições de 1996 a 2008<sup>46</sup>**

Ainda que a caracterização da base eleitoral a ser utilizada como ponto de partida pelo presente trabalho termine nas eleições municipais de 1992 — tendo em vista que buscaremos trabalhar com dados próprios para 1996 a 2012, consideramos que é importante inserir o que foi observado em relação às eleições posteriores a 1992, estendendo essa revisão até 2008, não apenas para situar o que foi produzido nesses períodos, mas, inclusive, para que esses dados sirvam de subsídio, contribuindo, assim, para o desenvolvimento dos Capítulos II e III.

---

<sup>45</sup> LIMA, 1996, p.37.

<sup>46</sup> Ver nota 7

## As eleições de 1996

Nas eleições de 1996, o PT se candidata com Erundina, mas perde novamente a disputa pela prefeitura paulistana, desta vez para Celso Pitta, PPB, candidato apoiado por Paulo Maluf para a sua sucessão, e, ainda, vê seu percentual de votos decair. Em votos válidos, obtém 24,5% em 1996, contra 30,7% em 1992 e 36,8% em 1988.

Dos aspectos apontados pela literatura, observamos que, em relação à disposição geográfica, o partido continua concentrando seus melhores resultados nas periferias das zonas leste (Figueiredo *et al.*, 2002) e sul, próximas ao ABC, e, segundo Novaes (1996a:1996b), na região nordeste da cidade, obtendo nesses locais percentuais um pouco acima dos observados nas eleições de 1992. Observando os dados agregados por região em São Paulo, verificou-se que o PT aumentou sua votação na região Leste 1 de 28%, em 1992, para 31% em 1996 e na região Sul de 23% para 26% do votos.<sup>47</sup>

O desempenho do partido também melhora nas regiões onde as condições sociais do eleitor eram piores, se utilizado o índice de exclusão social da cidade de São Paulo (IEX)<sup>48</sup>. Mas, é preciso destacar que, inclusive nessas regiões, a candidata petista ficou atrás de Celso Pitta, segundo dados de Novaes (1996b).

Por outro lado, ocorreu um fenômeno novo, que foi a ampliação do apoio ao PT em quase todos os demais estratos socioeconômicos do eleitorado paulistano, com exceção dos setores mais ricos, do topo da pirâmide<sup>49</sup> — quando comparado com os dados das eleições de 1992 (Limongi e Mesquita, 2008).<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> Novaes (1996a:1996b) utiliza uma nova divisão regional para agregar os distritos a partir de metodologia própria, diferente das áreas homogêneas e das divisões por regiões (norte, sul, leste, oeste e centro). Para verificar a composição dessas regiões e sua metodologia, ver Novais 1996b, p.5.

<sup>48</sup> O índice de exclusão é uma classificação que inclui um conjunto de variáveis, entre elas: renda, escolaridade e condições de moradia. Esse índice foi desenvolvido pelo núcleo de Assistência Social da PUC-SP e permite desenvolver uma escala das condições dos distritos da cidade para classifica-los com as melhores e as piores condições inclusão/exclusão social. Para maiores informações, ver Novaes, 1996b, p.6.

<sup>49</sup> Limongi e Mesquita relativizaram a não ampliação do PT nesse segmento, dado o baixo número de eleitores nesse estrato social. Ver Limongi e Mesquita, 2008.

<sup>50</sup> Para a verificação do desempenho do PT e dos demais partidos em relação aos diversos segmentos do eleitorado paulistano, Limongi e Mesquita (2008) utilizam a votação obtida por cada partido e a educação média da urna, a partir da utilização de técnicas estatísticas. Ver Limongi e Mesquita, 2008, p.51.

Esse crescimento ocorre entre os eleitores de baixa escolaridade, tal como assinalam Limongi e Mesquita (2008), o que indica um sinal de popularização do partido junto a essa faixa do eleitorado, mesmo tendo em vista o declínio da votação obtida pelo partido em 1996. Entretanto, essa parece ser uma faceta interessante, porém difícil tendo em vista que os autores, em um texto posterior (Limongi e Mesquita, 2011), vão relativizar essa observação.<sup>51</sup>

Por fim, é interessante notar que o partido ainda apresenta o perfil que observamos até as eleições de 1992, em relação ao desempenho favorável nas regiões próximas ao ABC, embora, conforme observou Novaes (1996a;1996b), também se saiu bem na região nordeste da capital paulista.

Com relação ao perfil do eleitorado petista, por renda e escolaridade, com exceção de Limongi e Mesquita (2008;2011), que utilizaram os dados de escolaridade do eleitor por urna e assinalam uma ampliação em todos os estratos socioeconômicos, nos demais trabalhos observados (Novaes, 1996a:1996b; Figueiredo *et al.*, 2002), as características observadas vão ser em relação a disposição geográfica do voto, destacando as condições socioeconômica dessas localidades em alguns casos.<sup>52</sup>

### **As eleições de 2000**

Após duas derrotas sucessivas, o PT consegue reconquistar a Prefeitura de São Paulo nas eleições de 2000. Marta Suplicy obtém 38,1% dos votos válidos no primeiro turno, o maior percentual do PT até então na cidade, em eleições municipais. No segundo turno, derrota Paulo Maluf (PP) com 58,01% válidos.

O êxito do partido vai ser acompanhado por uma ampliação do apoio ao partido nos vários segmentos do eleitorado paulistano e em todas as regiões da cidade. Em 2000, a votação no PT cresce como resultado da conquista de novos eleitores de todas as camadas sociais, inclusive dos segmentos mais escolarizados (Limongi e

---

<sup>51</sup> No Capítulo II, embora com metodologia diferente a utilizada por Limongi e Mesquita (2008;2011), verificamos a composição da base eleitoral por renda e escolaridade.

<sup>52</sup> Os estudos realizados a partir da segunda metade dos anos de 1990 abandonam o uso das áreas homogêneas e partem em busca de outras ferramentas de explicação do voto pelas regiões. Conforme se observa, Novaes (1996a; 1996b), por exemplo, utilizou os dados do IEX.

Mesquita, 2011). Sob este aspecto, inclusive, Limongi e Mesquita (2011) observam que os percentuais obtidos nas eleições de 2000 entre o eleitorado de alta escolaridade foram maiores que os registrados pelo partido nas eleições de 1992 e de 1996.

Entretanto, a explicação para esse avanço é creditada mais ao declínio da direita em São Paulo, sobretudo pelos desgastes sofridos na administração de Celso Pitta,<sup>53</sup> do que a uma assimilação definitiva pelo PT por esses eleitores (Limongi *et al.*, 2008; Limongi e Mesquita, 2011). Dessa forma, a conquista de uma parcela desse eleitorado para a candidatura petista seria resultado de um apoio apenas conjuntural, tendo em vista o quadro político das eleições de 2000, motivado pela rejeição a candidatura de Paulo Maluf, PP.

Esse raciocínio, em certa medida, recapitula as explicações dadas para a vitória do PT nas eleições de 1988, contra o mesmo candidato, nas quais o argumento era centrado na rejeição a esse competidor, utilizado como uma das explicações possíveis para compreender a vitória da candidatura petista naquela ocasião.

### **As eleições de 2004**

O resultado das eleições municipais de 2004 na capital paulista não foi favorável ao PT. Como em 1992, o partido não logrou êxito em dar continuidade ao comando da Prefeitura de São Paulo, vendo suas pretensões ser interrompidas. Marta Suplicy, então candidata a reeleição pelo partido, é derrotada por José Serra, do PSDB. Serra obtém 43,6% no primeiro turno frente a 35,8% da candidata petista e, no segundo turno, consegue ampliar para 54,9% enquanto Marta cai e recebe 45,1% dos votos válidos.

O perfil do eleitorado petista nessas eleições, conforme apontado pela literatura, mostra que o partido apresentou acentuada entrada entre os eleitores de baixa renda, segundo assinalam Limongi e Mesquita (2008). Por outro lado, o PT perde o apoio

---

<sup>53</sup> Na campanha para prefeito em 1996, Paulo Maluf, então prefeito da cidade de São Paulo, avalizou a candidatura de Celso Pitta. Na propaganda eleitoral, Maluf aparecia na TV e dizia: “Se o Pitta não for um bom prefeito, nunca mais votem em mim”. A atuação de Celso Pitta na prefeitura foi marcada por sucessivos escândalos de corrupção, o que abalou a popularidade do prefeito e, também, de seu avalista, Paulo Maluf.



que obtinha entre os eleitores mais escolarizados e ricos, que, ainda segundo literatura observada, foram importantes para a vitória do partido nas eleições de 2000. Uma das razões do declínio está no enraizamento do PSDB e sua relação com essa fatia do eleitorado, na opinião de Limongi e Mesquita (2011).

É significativo notar que as observações acima reforçam o que foi destacado em relação às eleições de 2000, quando o PT recebeu apoio apenas conjuntural desses eleitores, dada a ausência de uma candidatura viável de centro e o desgaste da direita com as denúncias de corrupção da administração Pitta. A partir do momento que uma candidatura de centro se apresentou viável, como a de José Serra em 2004, foi possível mobilizar esse eleitorado ao seu favor (Limongi e Mesquita, 2008:2011).

Um dado relevante apontado por Limongi e Mesquita (2011) é que, após a administração de Marta Suplicy (2001-2004), o PT só firma bases sólidas junto ao eleitorado de baixa renda. Ao contrário do que havia ocorrido nas eleições de 1992, quando o PT não conseguiu reter o apoio popular majoritário, mesmo tendo se empenhado em realizar ações para esse segmento na gestão Luiza Erundina, o segundo mandato com Marta parece ter obtido êxito na conquista de uma parcela significativa desse eleitorado.

### **As eleições de 2008**

Em 2008, o PT perde novamente as eleições municipais em São Paulo. Gilberto Kassab, candidato à prefeitura pelos Democratas (DEM), derrota Marta Suplicy, mais uma vez candidata do PT.<sup>54</sup> Kassab, ao contrário do que até então demonstravam as pesquisas de opinião pública, termina as eleições municipais em 1º lugar com 33,6% contra 32,8% de Marta.<sup>55</sup> No segundo turno, Kassab obteve 60,7% dos votos enquanto a candidata petista, apenas 39,3%.

---

<sup>54</sup> Entre as eleições de 2004 e 2008, ocorreram dois episódios importantes para o PT no cenário nacional que tiveram impacto na cidade de São Paulo. O primeiro é a denúncia de corrupção no governo Lula, o chamado “mensalão” que deflagra uma crise política que vai fragilizar o PT, sobretudo, em São Paulo. E, o segundo, a reeleição de Lula a presidência da República, que, embora não tenha acabado totalmente com o impacto do “mensalão” entre o eleitor paulistano, atenuou o impacto causado por essa crise.

<sup>55</sup> A pesquisa Datafolha da véspera da eleição dava à candidata do PT, Marta Suplicy a frente da disputa pela prefeitura paulistana no primeiro turno com 34% das intenções de voto, enquanto Gilberto

Para Limongi e Mesquita (2011), o perfil do eleitorado do PT, comparado às eleições passadas, mantém-se estável, ou seja, a maior penetração é verificada entre os eleitores de baixa renda e de pouca escolaridade, permanecendo nesse segmento seus melhores resultados. Entretanto, o crescimento nessa faixa, ocorrido de forma significativa em 2004, teria chegado ao limite e estagnado nas eleições de 2008, não sendo observado mais nenhum tipo de movimento entre esse eleitorado.

Os principais eleitores do PT entre as eleições de 2004 e 2008 estão localizados nos estratos mais baixos da cidade de São Paulo, especificamente os de menor renda e escolaridade (Limongi e Mesquita, 2008, 2011). Um detalhe importante é que a conquista mais permanente desse eleitorado só vai se concretizar a partir das eleições de 2000 (Limongi e Mesquita, 2011).

## **2.2. Algumas questões sobre a literatura**

Encerrando este capítulo de revisão da literatura, gostaríamos de problematizar dois aspectos referentes às características da base eleitoral do PT que são importantes de serem destacados antes de prosseguirmos com a análise dos dados dos *surveys* e com a análise espacial.

O primeiro é referente à caracterização da base petista e sua entrada tanto na classe média quanto na periferia paulistana. E o segundo, é sobre a evolução dessa base eleitoral petista e suas transformações ao longo das eleições. Vamos a eles.

### **2.2.1. A base eleitoral petista: de classe média ou de periferia?**

Quando tomamos como parâmetro para análise das características da base eleitoral petista apenas os dados da literatura referentes às eleições de 1982 e 1992 presentes na primeira parte deste capítulo, é possível identificarmos dois aspectos,

---

Kassab, candidato pelo DEM aparecia um pouco atrás, em segundo lugar com 30%. Vide pesquisa Datafolha de 04/10/2008.

principais em relação à composição dessa base eleitoral petista nessas eleições, que se tornam necessários serem ressaltados aqui.

O primeiro é observar que havia uma percepção de que a base petista era de classe média, o que, conforme foi possível verificar na literatura, tinha respaldo nos dados observados nos *surveys*, nos quais os melhores percentuais do PT estavam localizados entre os eleitores com renda média e escolaridade elevada, tanto em relação à preferência partidária como na intenção de voto à agremiação. Ou seja, a base eleitoral, quando observada a partir do conjunto do eleitorado, demonstrava a existência dessa característica, que aparece como sendo um perfil de classe média.

Contudo, esse não é o único aspecto da base eleitoral petista, tal como pudemos observar. Há, também, um aspecto popular na votação do PT, que denominamos como uma base popular localizada. Essa constatação foi possível quando verificamos o desempenho da agremiação na cidade por regiões agregadas — nas AH, utilizadas por boa parte da literatura para análise dessas eleições, que constata que os melhores indicadores do partido estavam justamente entre aquelas mais pobres da cidade (Lamounier, 1983; Sadek, 1984; Meneguello, 1989). Embora, como também indicado, houve uma distinção importante entre as regiões pobres que faziam divisa com o ABC paulista e as demais, que estavam mais afastadas, demonstrando que a influência da proximidade com o ABC importava mais que as características socioeconômicas dessas localidades (Sadek, 1984).

Desse modo, o PT contaria com um perfil dual, isto é, de classe média, quando analisado o eleitorado como um todo, mas, também, de base popular localizada; de periferia, quando tomando como referência os dados apresentados por áreas homogêneas.

Quando passamos para a verificação das eleições de 1996 em diante, a partir do que foi observado pela literatura, constatamos que há um pouco mais de destaque ao desempenho do partido nas regiões periféricas da cidade, embora não seja dada tanta ênfase em relação à importância da proximidade destas regiões com o ABC — é interessante observar, contudo, que vai ser nessas regiões que o PT continuará tendo seu melhor desempenho nas eleições paulistas.

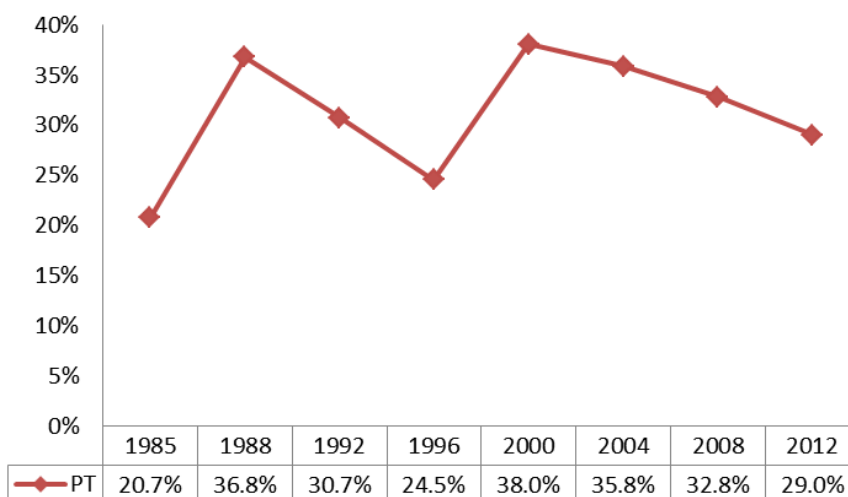
A percepção de que o partido começa a ter um apoio majoritariamente popular é destacada pela literatura entre a metade e o final da década de 1990 e, fundamentalmente, nas eleições de 2004, sobretudo por Limongi e Mesquita (2008; 2011), que observa que o partido, que antes obtinha um apoio relativo na classe média, passa a contar com uma ampliação significativa de sua penetração no segmento popular.

### **2.2.2. Continuidade ou mudança?**

Conforme verificado anteriormente, entre as eleições de 1982 e as de 1992, há uma relativa manutenção no perfil da base eleitoral petista.

A despeito de pequenas variações em relação a alguns aspectos, quando centramos nossa análise nas características de renda e escolaridade do eleitorado petista, é possível observar que, assim como aponta a literatura, os melhores percentuais obtidos pelo PT estão entre aqueles que possuem escolaridade elevada e renda média, característica essa que vai ser uma constante entre as eleições de 1982 a 1992.

Entretanto, não há na literatura nenhuma referência a qualquer tipo de mudanças significativas na base eleitoral petista entre essas eleições. Embora, haja algumas variações significativas entre os percentuais de votos recebidos pelo PT de uma eleição a outra, conforme pode ser observado no Gráfico 2.9 (a seguir).



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do TRE-SP/Seade

Gráfico 2.9 – Percentual de votos válidos para prefeito (1º turno) recebidos pelo PT (1985-2012)

Se até as eleições de 1992 não foi possível verificar nenhuma modificação significativa em relação ao eleitorado petista, entre as eleições municipais de 1996 a 2008, ela vai começar a acontecer. De acordo com Limongi e Mesquita (2008; 2011), a partir de 1996 o PT passa a apontar um crescimento importante entre os eleitores de baixa escolaridade. Este crescimento se mantém constante, conforme pontuam os autores, até as eleições de 2004, quando se estabiliza. É interessante observarmos que, apesar do declínio no seu percentual de votos nessas eleições, entre os eleitores com baixa escolaridade, a votação no PT cresce. Em relação aos eleitores com escolaridade mais elevada, segundo Limongi e Mesquita (2008; 2011), há um recuo a partir das eleições de 2000.

Tendo em vista essas considerações, é possível apontar, tal como foi observado pela literatura, que: (1) até as eleições de 1992 o PT manteve estável o perfil da sua base eleitoral e, (2) das eleições de 1996 em diante, um processo de modificação foi iniciado (Limongi e Mesquita, 2008; 2011) de forma a alterar as características iniciais do seu eleitorado.

Nos próximos capítulos, analisaremos esses dois aspectos a partir dos dados dos *surveys* do Datafolha e dos resultados eleitorais por distrito, verificando a

evolução e o desenvolvimento da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo entre as eleições de 1996 e 2012.

### **3. CAPÍTULO II - AS BASES ELEITORAIS DO PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO PAULO (1996-2012): ANÁLISE DOS SURVEYS**

No capítulo anterior, apresentamos como a literatura observou a evolução da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo, problematizando dois aspectos que pretendemos explorar neste capítulo. O primeiro é em relação ao voto petista na classe média e periferia; e, o segundo, refere-se às transformações dessa base eleitoral do partido (continuidade ou mudança) ao longo das eleições.

Sobre o primeiro aspecto, destacamos a existência de um perfil dual na composição da base eleitoral do PT. O partido possuía uma base popular, todavia era uma base popular localizada, tendo em vista o alto desempenho da agremiação naquelas regiões localizadas nas franjas do ABC paulista, característica que já se manifestava desde as primeiras eleições disputadas pelo PT na capital.

No conjunto da cidade de São Paulo, ou seja, no eleitorado como um todo, a base eleitoral petista destaca-se por ser mais escolarizada e com renda elevada, isto é, de classe média, durante a década de 1980, conforme os argumentos presentes na literatura e nos dados referentes às eleições do período.

E, em relação ao segundo aspecto, observamos que, até as eleições de 1992, o PT conservou, praticamente, o mesmo perfil de sua base eleitoral inicial, a despeito das variações ocorridas nos percentuais de voto obtidos pelo partido entre essas eleições, que passou por momentos de aumento e retração. Desta forma, de 1982 a 1992, é possível afirmar que houve uma manutenção dessa característica dual da base eleitoral petista.<sup>56</sup>

Tomando como referência esses aspectos verificados até as eleições de 1992, buscaremos, neste capítulo, complementar o quadro das eleições municipais paulistanas, com os dados de 1996 a 2012, a fim de verificarmos como se deu a evolução do PT a partir das eleições de 1996.

---

<sup>56</sup> Limongi e Mesquita (2008; 2011) destacam sinais de mudanças na base eleitoral do PT a partir das eleições de 1996. Sobre essa afirmação, buscaremos dialogar com os autores ao final deste capítulo e nas considerações finais desta dissertação.

Para isso, iniciamos com a observação e análise do desempenho do partido nesse período, a partir do uso dos dados dos *surveys* do Datafolha e por meio do cruzamento dos índices de intenção de voto e da preferência partidária, obtidos pelo partido, com as variáveis socioeconômicas renda e escolaridade, a fim de compararmos o desempenho obtido pela agremiação entre essas eleições.

A partir da construção de um painel da evolução do desempenho do partido entre essas eleições, pretendemos observar como cada uma dessas faixas evolui ao longo dos pleitos, com o propósito de indicar ou não a predominância de determinada faixa de renda e escolaridade em cada pleito e verificar mudanças e/ou continuidades de determinado padrão ao longo dessas eleições.

### **3.1. Os *surveys* de 1996 a 2012**

Como indicado acima, serão analisados somente os dados dos *surveys* das eleições paulistanas para prefeito. Para elaboração das tabelas e gráficos (a seguir), foram utilizadas as pesquisas do Instituto Datafolha, priorizando o uso daquelas que foram realizadas nas vésperas das eleições e que se encontram disponíveis no banco de dados do CESOP/Unicamp, do CIS/USP e repositório de dados do Datafolha.<sup>57</sup>

As variáveis utilizadas foram divididas em faixas, com o propósito de permitir a comparação entre elas. Para renda foram utilizadas quatro faixas: até 2 salários mínimos (SM), mais de 2 SM a 5 SM, mais de 5 SM a 10 SM e mais de 10 SM. E, para escolaridade, 03 (três) faixas: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Vamos aos dados.

---

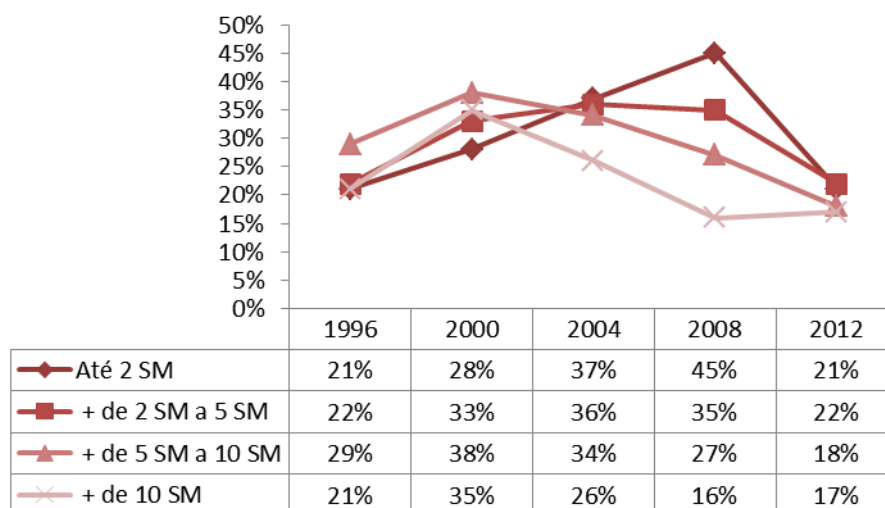
<sup>57</sup> A relação das pesquisas utilizadas pode ser verificada na parte de referências que estão contidas ao final desta dissertação.



### 3.1.1. A intenção de voto no PT

Os dados do Gráfico 3.1 (abaixo), que contém a evolução da intenção de voto do PT por renda, demonstram uma tendência de crescimento em todas as faixas de renda de 1996 a 2000. Esse aumento na intenção de voto do PT, em certa medida, acompanha a evolução que o partido obteve entre essas eleições, quando saltou de 22,8%, em 1996, para 38,0%, em 2000.<sup>58</sup>

O fenômeno, que é observado em todos os segmentos, corrobora para as afirmações da literatura que destacam, em relação às eleições de 2000, a ampliação da penetração do PT no eleitorado paulistano (Limongi e Mesquita, 2008; 2011). De fato, o partido cresce em todos os segmentos de renda, embora, apresente entre os eleitores de renda mais elevada (mais de 10 SM) o maior crescimento em pontos percentuais, indo de 21%, em 1996, para 35%, em 2000.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.1 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (1º turno), por renda (1996-2012) – somente intenção de votos no PT

<sup>58</sup> Em votos válidos. Fonte: TRE-SP.

Se compararmos a tendência do Gráfico 3.1 com o que já pontuamos sobre as eleições municipais anteriores (1985-1992), o partido obteve seus melhores resultados nos *surveys* entre os eleitores de renda média até as eleições de 2000, sendo considerado o comportamento padrão da votação petista em São Paulo.

Se nos atermos ao Gráfico 3.1, verificamos que tanto nas eleições de 1996 como nas de 2000, a intenção de voto no PT era maior entre os eleitores de renda média, isto é, entre os eleitores com renda familiar entre mais de 5 a 10 salários mínimos. Entretanto, este dado não possibilita afirmar que os percentuais dos estratos mais baixos sejam muito inferiores.

O que importa destacar aqui é que, na comparação entre segmentos, o partido se sai melhor nos estratos médios. Ou seja, apesar da evolução da votação da agremiação, sua característica geral de possuir os melhores índices entre os eleitores de renda média permanecia até 2000.

Há, contudo, um dado relevante que chama a atenção no Gráfico 2.1: a curva de intenção de voto no partido apresenta, a partir de 2000, uma inversão de tendência. Como pode ser observado a partir de 2000, apenas nas faixas de renda mais baixas, de até dois salários mínimos (2 SM) e de até cinco salários mínimos de renda familiar mensal (5 SM), o PT apresenta um crescimento contínuo. Nas demais faixas, acima dos 5 SM, as intenções de voto na agremiação apresentam tendência de queda em 2004, acentuando-se nas eleições de 2008.

Em 2004, o que se verifica é que, com exceção das faixas de renda de até 2 SM e de 5 SM, todas as demais faixas apresentam tendência de queda. Os melhores índices de intenção de voto no partido estão justamente nas faixas de renda mais baixa e não mais entre os eleitores de renda média.

Essa tendência, observada em 2004, também vai se intensificar em 2008. Os extremos das faixas de renda, de até 2 SM e mais de 10 SM, vão apresentar movimentos antagônicos — enquanto no estrato de renda mais baixa o percentual de voto no PT vai se elevar, entre os eleitores de renda mais elevada a agremiação vai perder mais apoiadores como pode ser verificado no Gráfico 3.1.

Assim, quando comparados com os das eleições anteriores (1996-2000), os dados observados nas eleições de 2004 a 2008 vão apresentar características

distintas, ou seja, o PT, diferentemente do que era observado até então, vai deixar de apresentar seus melhores resultados entre os eleitores de renda média, passando a apresentar, a partir de então, os seus melhores percentuais entre aqueles de renda baixa, isto é, os eleitores de até 2 SM.

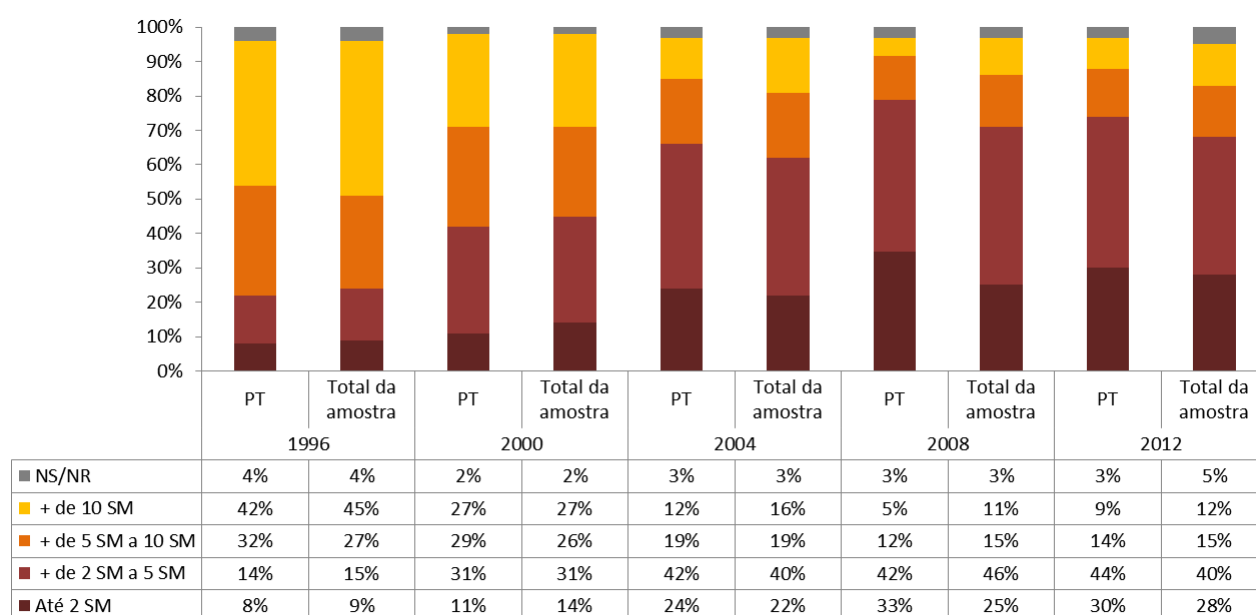
Todavia, os dados de 2012, demonstram uma queda significativa das intenções de voto entre, praticamente, todas as faixas de renda — com exceção dos eleitores com mais de 10 SM — ainda que o PT apresente índices mais favoráveis entre o eleitorado de mais de 2 SM a 5 SM. Esses percentuais encontram-se na margem de erro da pesquisa (dois pontos percentuais), não sendo possível, com isso, fazer inferências em quais faixas, de fato, o partido se sobressaiu.

Dessa forma, os dados de 2012, parecem indicar um novo padrão da votação petista, dado que o partido perde, aparentemente, o apoio entre o eleitorado mais pobre da capital paulista, embora, também não apresente predominância em nenhum outro estrato de renda — diferentemente do ocorrido até 2000, no qual o PT se sai melhor entre os que possuíam renda média e, em 2004 a 2008, quando tinha a predominância entre o eleitorado mais pobre da cidade.

Sobre os dados de 2012, é interessante notar que os resultados apresentados pelo partido aparentam ser similares aos das eleições de 1996, apenas, quando observamos os estratos de renda baixa, de até 2 SM e de mais de 2 SM a 5 SM, é possível constatar, inclusive, que os percentuais nessas eleições são idênticos nessas faixas — até 2 SM, 21%, e mais de 2 SM a 5 SM, 22%, entretanto, nos demais estratos de renda (acima de 5 SM), a intenção de voto no partido vai ser muito inferior à de 1996, principalmente entre os eleitores com renda média, cujo percentual de intenção de voto apresenta uma queda significativa quando comparado os resultados entre essas eleições (é que é justamente nessa parcela do eleitorado que o partido obtinha seus melhores resultados em 1996).

Como complemento à verificação da evolução do PT entre essas eleições, incluímos neste capítulo os dados da composição da intenção de voto no partido entre as eleições de 1996 a 2012, utilizando como parâmetro a comparação os dados da composição da amostra de cada pesquisa. Assim, os dados comparativos entre as amostras permite-nos verificar o peso de cada segmento na composição final da

intenção de voto no PT e identificar em quais desses segmentos o partido vai apresentar os seus melhores e piores resultados. O que significa afirmar que, quanto mais próximos os valores do partido estiverem da amostra, mais homogênea é a sua votação, ao passo que valores abaixo da média da amostra vão indicar uma deficiência do partido nessa faixa. Os valores acima da média da amostra indicam que são nessas faixas que o partido obtém seus melhores resultados.<sup>59</sup>



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

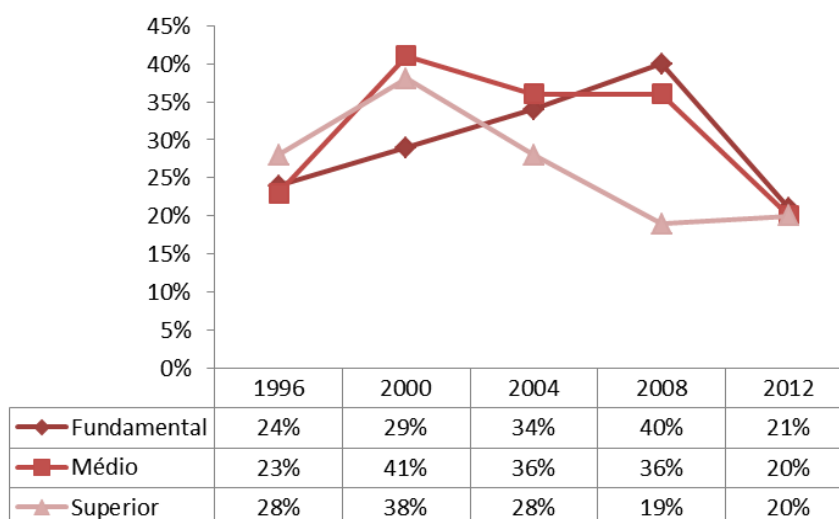
Gráfico 3.2 – Composição da intenção de voto no PT (1º turno), por renda (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra

O Gráfico 3.2 (acima) contém o comparativo entre os dados da composição da intenção de voto do PT com os da composição total da amostra de cada ano e, por isso, reforçar aquilo que foi destacado anteriormente, a saber, que, a partir de 2000, houve um crescimento do apoio ao PT entre os eleitores de menor renda e um declínio entre os eleitores de renda média e alta, tendo em vista que quando comparamos os percentuais do partido com os da amostra, verificamos que nas faixas de renda mais baixa o PT apresenta percentuais superiores aos da amostra,

<sup>59</sup> O propósito da apresentação desses dados não é fazer o comparativo do peso de cada faixa de renda dentro da intenção de voto no PT, mas entre o partido e a amostra total.

enquanto que nas faixas mais elevadas de renda esses percentuais são inferiores, a partir de 2000.

Um dado que chama atenção é que, mesmo em 2012, apesar do declínio da intenção de voto no partido, o percentual obtido pelo PT entre os estratos mais baixos é superior aos mais elevados. Situação diferente quando comparada com os dados das eleições de 1996 e 2000. Em resumo, há um aumento no peso dos eleitores de menor renda na composição do voto do PT a partir de 2000. Aspecto, inclusive, que já havíamos atentado quando chamamos atenção para distinção entre os dados de 1996 e 2012.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.3 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (1º turno), por escolaridade (1996-2012) – somente intenção de votos no PT

Os dados do Gráfico 3.3, relativos à escolaridade do eleitor petista, vai seguir o padrão observado anteriormente. A intenção de voto do PT aumenta em todos os segmentos de 1996 para 2000. Contudo, é importante notar que entre os eleitores de baixa escolaridade, isto é, aqueles que possuem até o ensino básico, a variação será tênue entre esses anos. O partido cresce nesse segmento, mas com uma menor intensidade se comparado ao crescimento das demais faixas de escolaridade. Entretanto, a partir das eleições de 2000, esse é o segmento que apresentará a curva

mais acentuada, tornando-se, em 2008, a faixa de escolaridade em que o PT registrará seu melhor desempenho.

Esses dados (Gráfico 3.3) demonstram que, nas eleições de 1996, a votação no partido foi relativamente homogênea em relação ao nível de escolaridade. Apesar de o PT apresentar maior intenção de voto entre os mais escolarizados, a diferença sobre as demais faixas, em especial a do eleitorado menos escolarizado, foi pequena.<sup>60</sup>

Outra informação relevante, contida no Gráfico 3.3, diz respeito à curva de intenção de voto dos eleitores com escolaridade média e superior. Entre as eleições de 1996 e 2000, são nesses segmentos que o PT obtém seus melhores índices. No entanto, a partir de 2000 até 2008, essas vão ser as únicas faixas de escolaridade em que o partido apresenta declínio.

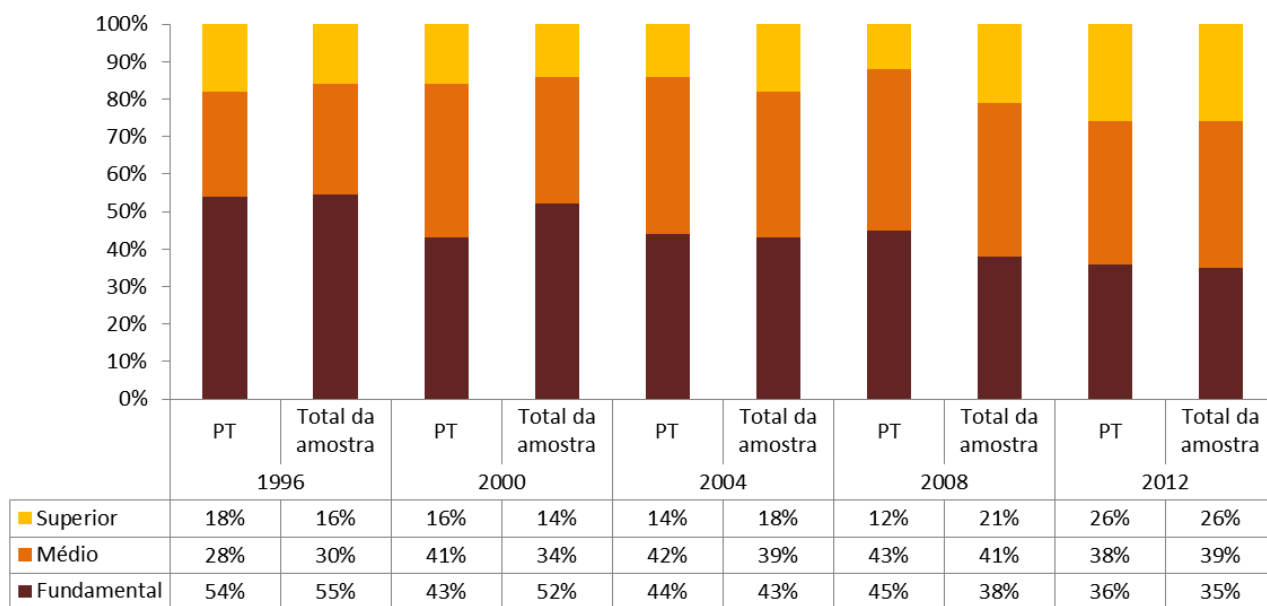
No caso específico dos eleitores com ensino superior, ocorre uma completa inversão de posições entre as eleições de 1996 e 2008. O partido, que obtinha os seus melhores resultados nessa faixa de escolaridade em 1996, vai registrar em 2008 o seu pior desempenho nesse eleitorado.

Com relação aos dados da eleição de 2012, o que se pode verificar é que, com exceção dos eleitores com ensino superior, todas as demais faixas de escolaridade vão apresentar um declínio importante na intenção de voto no PT, quando comparadas as de 2008.

Cabe destacar que os índices de intenção de voto entre aqueles eleitores que possuem o ensino fundamental, ainda que um pouco superior às demais faixas, vão representar metade do percentual de intenção de voto observado nesse segmento nas eleições de 2008. Ou seja, o primeiro turno de 2012, vai apresentar um quadro bem distinto ao observado na eleição anterior (2008).

---

<sup>60</sup> Limongi e Mesquita (2008), analisando as transformações da preferência do eleitor, indicam sinais de uma possível modificação eleitoral do PT já em 1996 com a incorporação de eleitores de baixa escolaridade, fato que não tinha acontecido em 1992, quando a periferia não teria votado no PT. Ver Limongi e Mesquita, 2008, p.60.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

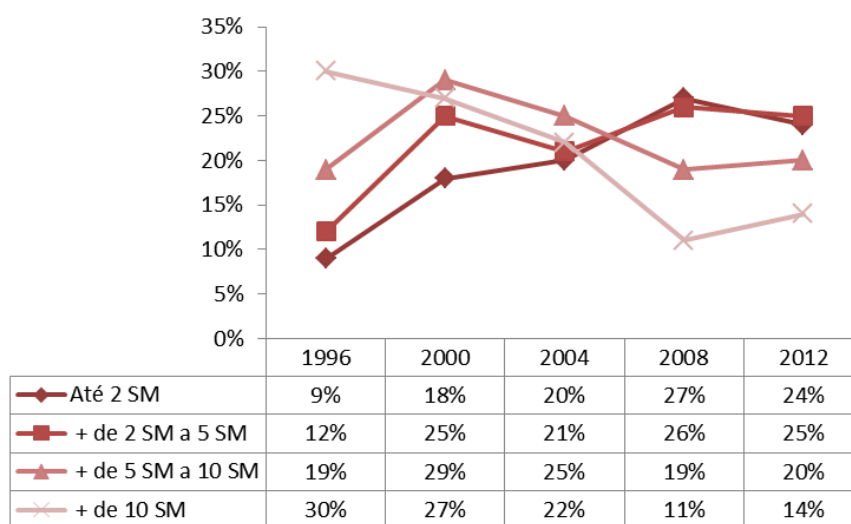
Gráfico 3.4 – Composição da intenção de voto no PT (1º turno), por escolaridade (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra

No Gráfico 3.4 (acima) apresentamos o comparativo da composição da intenção de voto do PT com a da composição da amostra, ambas por escolaridade. Os dados acompanham o movimento já observado anteriormente quando discutimos o que observar no Gráfico 3.3, que há um crescimento do apoio ao PT entre os eleitores menos escolarizados e o declínio entre aqueles com ensino superior a partir de 2000, que vai permanecer até as eleições de 2008. Contudo, nas eleições de 2012, entre os eleitores de todas as faixas de escolaridade, o que se observa é que há uma aproximação entre os índices do partido e da amostra, mas com uma leve margem acima entre os eleitores com menor grau de escolarização.

### 3.1.2. A preferência partidária pelo PT

Torna-se necessário, portanto, conferir a evolução da preferência partidária pelo PT, a exemplo do que fizemos com a intenção de votos, observando o desempenho do partido também por renda e escolaridade. A partir dos dados de intenção de voto

indicados no tópico anterior, vamos comparar a composição da preferência partidária pelo partido com a do total da amostra da pesquisa, nessas duas variáveis.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.5 – Preferência partidária, por renda (1996-2012) – somente preferência partidária pelo PT

No Gráfico 3.5 temos a evolução da preferência partidária pelo PT, por renda. Os dados acompanham, em certa medida, aquilo que destacamos nos Gráficos 3.1 e 3.3, que apontam um crescimento do apoio ao PT entre os eleitores de menor renda a partir das eleições de 2000. No gráfico acima, é possível verificar que a preferência pelo partido, com exceção dos mais ricos (acima de 10 SM), vai aumentar nas demais faixas de renda entre as eleições de 1996 e 2000.

A propósito, é interessante observar que, nas eleições de 1996, em relação à preferência partidária pelo PT, os maiores percentuais de apoio à agremiação estão, justamente, entre os eleitores de renda média e alta (mais de 5 SM a mais de 10 SM), com uma ligeira vantagem para aqueles com renda elevada.

A partir de 2000, há uma queda significativa em quase todas as faixas de renda, com exceção da composta pelos mais pobres (2 SM), que vai apresentar tendência



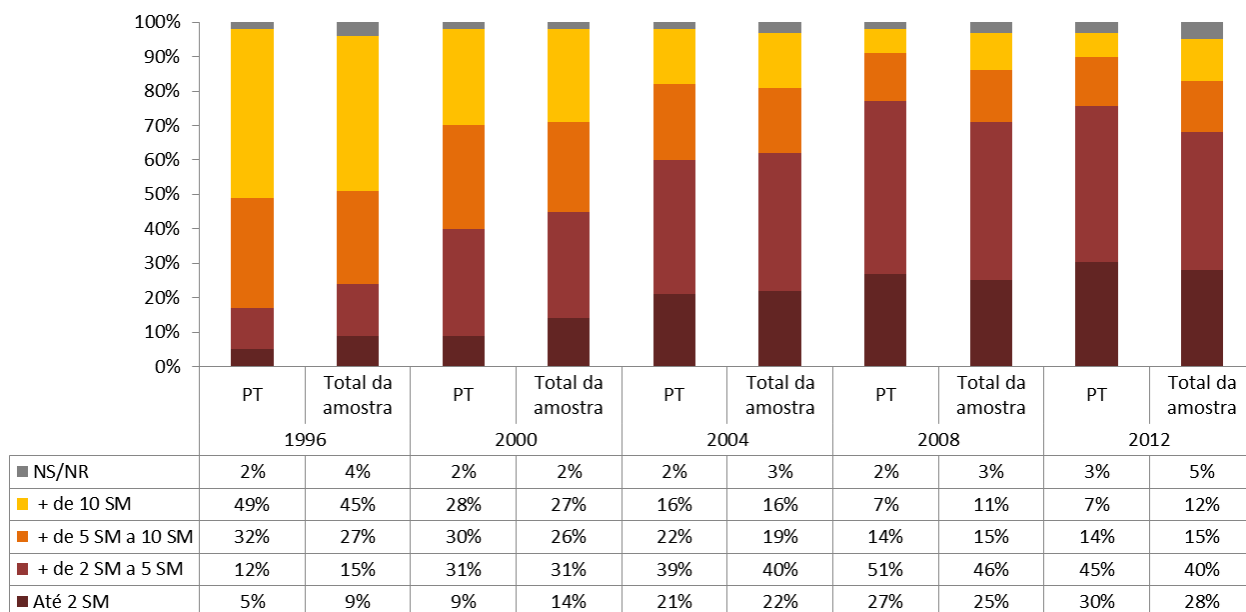
de declínio até as eleições de 2008, principalmente entre os eleitores com renda elevada, que, até as eleições de 2000, eram os que se destacavam como os principais apoiadores do PT. A única faixa que vai manter um crescimento constante, na preferência pelo partido, são aqueles que possuem até 2 SM, ou seja, o eleitorado mais pobre.

É nessa faixa, até 2 SM, que o partido vai apresentar um crescimento constante que, inclusive, pode ser observado desde as eleições de 1996. Entre aqueles que possuem entre 2 SM e 5 SM, nota-se uma pequena queda entre 2000 e 2004. Contudo, a partir das eleições de 2004 há uma retomada de crescimento nesse segmento de renda, que vai se estabilizar nas eleições posteriores.

Nos dados das eleições de 2012, é possível verificar que há um leve declínio da preferência pelo PT entre os eleitores de renda baixa (até 2 SM) e os eleitores com renda entre mais de 2 SM e 5 SM. Observa-se, ainda, que há uma pequena recuperação da preferência partidária entre os eleitores com renda acima de 5 SM e mesmo entre aqueles que possuem renda elevada.

Contudo, dada a pouca variação, que está dentro da margem de erro da pesquisa, os dados indicariam que há, na verdade, uma estabilidade em relação aos percentuais observados nas eleições de 2008, na qual já se observava que os melhores índices de preferência pelo PT se situavam entre aqueles eleitores com renda de até 5 SM.

O que mais chama atenção é a despeito da variação da votação obtida pelo PT no primeiro turno das eleições de 2012 no qual o partido apresentou percentuais inferiores aos observado em 2008. Esses dados demonstram, com relação à preferência partidária, certa similaridade entre esses dois pleitos, o que pode indicar uma estabilização entre o apoio petista nos diferentes estratos do eleitorado.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

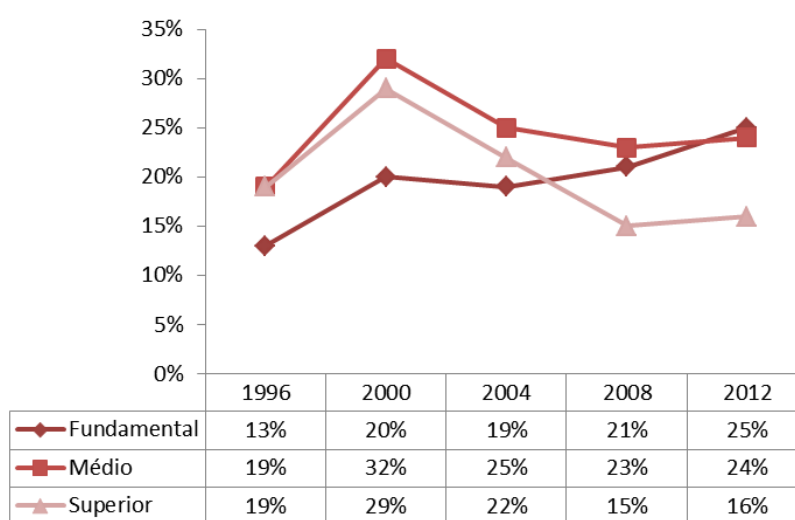
Gráfico 3.6 – Composição da preferência partidária pelo PT, por renda (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra

Os dados do Gráfico 3.6, permitem compararmos a composição da preferência pelo PT com a da amostra por renda, possibilitam-nos complementarmos as observações realizadas anteriormente em relação à evolução da preferência pelo partido nessas eleições.

É possível verificar no Gráfico 2.6 que os percentuais da preferência pelo partido são superiores aos dos observados na média da amostra entre os eleitores que possuem renda de mais de 5 SM e de mais de 10 SM, até as eleições de 2004. Após esse pleito, o que se verifica é que esses estratos começam a apresentar indicadores inferiores aos da média, o que indica uma perda de apoio entre esse segmento.

Se é constatado um declínio entre aos eleitores com maior poder aquisitivo; entre aqueles que possuem renda até 5 SM, o que se constata é oposto. A partir de 2004, estes eleitores vão apresentar percentuais superiores aos da média da amostra, evidenciando um crescimento do apoio petista nessa parcela do eleitorado paulistano.

Em relação especificamente aos dados de 2012, é interessante observarmos que as faixas de renda que apresentam percentuais superiores aos verificados na média da amostra se localizam, justamente, entre os eleitores com renda até 5 SM. Esse aspecto vai reforçar o que havíamos observado anteriormente em relação à estabilização da preferência partidária pelo PT, quando comparados com os dados das eleições de 2008. Assim, apesar do declínio da votação petista em 2012, os dados da preferência partidária pelo partido, aparentemente indicariam estabilização.



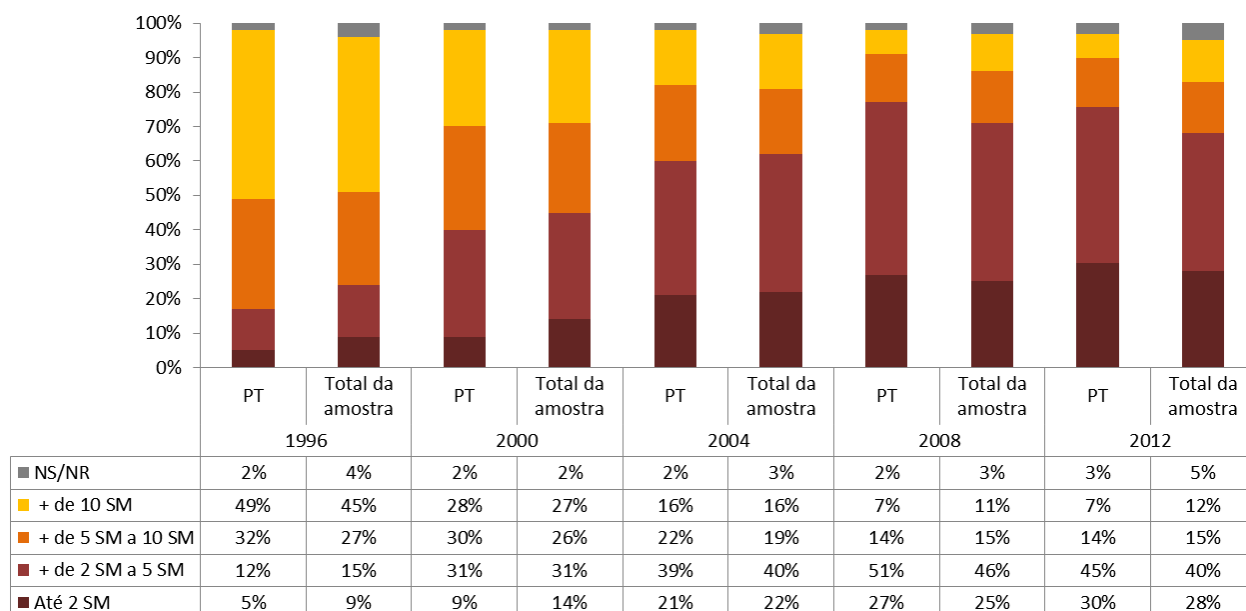
Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.7 – Preferência partidária, por escolaridade (1996-2012) – somente preferência partidária pelo PT

A evolução da preferência partidária por escolaridade, presente no Gráfico 3.7, também seguirá o padrão dos gráficos anteriores (3.1 e 3.3) — nos quais foi verificada uma tendência de queda nos estratos mais elevados a partir de 2004, sobretudo entre os eleitores com maior grau de escolaridade (ensino superior). A preferência partidária pelo PT aumentará no segmento menos escolarizado (ensino fundamental) mantendo-se ascendente desde 1996. Mas, irá diminuir entre os eleitores mais escolarizados, em especial entre aqueles com ensino superior, até as eleições de 2008, tendo apresentado uma leve oscilação positiva nas eleições de 2012.

Embora o partido ainda obtenha bons resultados entre os eleitores com ensino médio, é preciso destacar que esse apoio decaiu após o pico registrado nas eleições de 2000, embora tenha apresentado uma pequena variação positiva em 2012. Mas o dado mais surpreendente e que mais chama a atenção nesse gráfico é em relação à curva da preferência partidária dos eleitores com ensino superior que, a partir das eleições de 2000, apresenta uma queda significativa no apoio ao PT, de modo que esse estrato deixa de ser a parcela dos melhores resultados do PT, passando a ser a faixa na qual o partido obtém os seus piores índices. É interessante notar, inclusive, que, quando comparado com os dados de 1996, esse segmento (ensino superior) vai ser o único a registrar, em 2012, percentuais inferiores aos observados aos daquela eleição.

O declínio da preferência partidária entre os mais escolarizados; entre os eleitores com ensino superior, é um dado de grande relevância, tendo em vista que, conforme observamos na discussão sobre a base eleitoral do PT, era principalmente nesse segmento que o partido obtinha uma forte penetração, quando comparada às demais faixas de escolaridade.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.8 – Composição da preferência partidária pelo PT, por escolaridade (1996-2012) – comparativo com a composição da amostra

Quando verificamos os dados da composição da preferência partidária por faixa de escolaridade no Gráfico 3.8, o mesmo padrão observado em relação composição de renda se repete. Embora notemos a diminuição da distância entre os dados observados na composição do PT com os da amostra na faixa de escolaridade com ensino fundamental, até 2004, os percentuais do partido ainda vão ser inferiores ao da amostra.

O dado que se destaca é que, somente em 2012, o partido apresenta índices nesse segmento (fundamental) superiores ao da amostra. O que indica que o partido aprofundou ainda mais sua penetração junto a essa parcela do eleitorado nessa eleição. Sobre as demais faixas de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio), há duas observações importantes, a serem feitas.

A primeira é sobre o ensino médio. Nessa faixa, apesar de haver algumas oscilações, em todas as eleições observadas, o PT vai apresentar percentuais acima dos verificados na amostra, o que sinaliza a existência de uma permanência na preferência pela agremiação entre essa faixa do eleitorado, dada a sua estabilidade.

A segunda, ainda, é referente ao desempenho do partido entre os eleitores com ensino superior. Desde 2004, o partido passa a apresentar índices inferiores aos da amostra, o que seria um indicativo da perda de suporte partidário entre essa faixa de escolaridade, reforçando o que indicamos anteriormente no que diz respeito a esse aspecto. É interessante notar, sobretudo, que o padrão observado em relação a esse segmento vai ser similar ao verificado quando analisamos a composição da preferência partidária por renda e em que parte dos estratos superiores daquele segmento o PT apresentou comportamento similar ao verificados aqui.

### **3.2. Algumas considerações sobre os dados dos *surveys***

Os resultados dos dados descritivos (Gráficos 3.1 a 3.8) apontam para uma possível modificação da composição da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo. A contar pelos dados, essa mudança tem início em 2004 e se intensifica em 2008.

A composição dessa base até as eleições de 1992, tal como verificamos na literatura, consistia em um eleitorado com renda elevada e um alto grau de escolaridade, que se manterá somente até as eleições de 2000, conforme é possível verificar nos Gráficos 3.1 a 3.8. Os dados relativos às eleições de 2004 e de 2008 apresentam uma situação inversa. O maior eleitorado do PT, passa a se concentrar nos estratos inferiores de renda e de escolaridade.

Entretanto, os dados observados no primeiro turno das eleições de 2012 parecem destoar dessa tendência iniciada em 2004, tendo em vista que o PT apresentou uma queda significativa de apoio nessas eleições, principalmente, entre os estratos mais baixos de renda e escolaridade, de modo a estas faixas apresentarem índices muito similares aos das mais elevadas, ou seja, o padrão apresentado a partir de 2004 não se repetiu no primeiro turno de 2012, quando observados os dados da intenção de voto da agremiação nessas eleições.

De certo, podemos afirmar que, quando observados os dados da preferência partidária pelo PT verificamos em 2012, houve uma manutenção do que havia sido observado em 2008 no que se refere à predominância do apoio ao partido entre o segmento mais pobre do eleitorado paulistano. Contudo, a despeito dessas informações, ainda nos cabe dar uma explicação para o corrido no primeiro turno de 2012.

Dessa forma, para discutir o que foi pontuado anteriormente sobre a evolução do PT entre as eleições de 1996 e 2012 e a modificação da composição de sua base eleitoral, vamos apresentar, abaixo, essa discussão a partir de três momentos: no primeiro, sobre as eleições de 1996 e 2000 e um melhor desempenho do PT nos estratos médios de renda; o segundo, sobre as eleições de 2004 e 2008 e o melhor desempenho nos estratos inferiores; e, no terceiro, sobre as eleições de 2012 e em uma composição um pouco mais homogênea, dado o declínio do apoio partidário nos estratos inferiores de renda e escolaridade.

### **3.2.1. O PT nas eleições de 1996 e 2000**

Conforme pudemos observar nos dados apresentados anteriormente, é possível verificar que, tanto nas eleições de 1996 como nas de 2000, houve um melhor desempenho do partido nos estratos médios de renda, quando observados os índices de intenção de voto e de preferência partidária. Ainda que o PT tenha tido um crescimento nos demais estratos de renda, quando comparados entre si, é na faixa de renda familiar de mais de 5 SM a 10 SM que se verifica os melhores resultados obtidos pelo partido. Com relação ao desempenho por faixa de escolaridade, é o PT teve melhor índice nos segmentos mais escolarizados, entre os eleitores com ensino fundamental e superior.

De certa forma, os dados acima descrevem o perfil que observamos na literatura sobre a composição da base do PT na década de 1980, o que indica uma permanência do padrão anteriormente observado. Apesar da ampliação da votação do PT na cidade de São Paulo de maneira geral, a composição da base eleitoral do partido não teria sofrido grandes transformações.

Especificamente sobre as eleições de 1996, Limongi e Mesquita (2008) observam o início de uma popularização da base eleitoral petista, dado o crescimento partidário entre os eleitores menos escolarizados. Sobre essa afirmação, acreditamos que, embora possa ter ocorrido esse crescimento de apoio entre essa parcela do eleitorado, os dados das eleições de 1996 ainda demonstram um predomínio do apoio petista entre os eleitores com renda mais elevada e com maior grau de escolarização, de modo a não ocorrer uma inversão de padrão na base eleitoral petista, tal como poderá ser constatado nas eleições posteriores.

### **3.2.2. O PT nas eleições de 2004 e 2008**

Ao contrário do que era observado no perfil da composição da base eleitoral do PT até então, o que se verifica a partir das eleições de 2000, isto é, nas eleições de

2004 e 2008, é um melhor desempenho da intenção de voto no partido entre os eleitores com renda e escolaridade baixas.

Se compararmos a composição anterior da base eleitoral do PT com a composição das eleições de 2004 e 2008, o que se nota é uma mudança significativa. Há uma inversão entre os melhores e os piores índices do partido quanto à intenção de voto, tanto em relação à renda como em relação à escolaridade. O partido perde apoio entre os eleitores com renda média (mais de 5 a 10 SM) e ensino superior, passando a ganhar apoio dos eleitores com renda baixa e com baixo grau de escolaridade.

Também é possível verificar mudanças no perfil dos eleitores que admitem preferência partidária pelo PT. O partido, que tinha entre os eleitores com ensino superior os seus melhores índices, passa a obter entre os eleitores com ensino fundamental e, principalmente, com ensino médio seus mais elevados percentuais. Mais do que isso, é entre o eleitorado com ensino superior que o PT registra uma perda significativa de apoio.

Assim, quando comparamos com o que foi observado na literatura, há uma mudança bem consistente. O PT deixa de ser um partido que possui seus melhores percentuais entre os eleitores que possuem renda média e ensino superior, para se transformar em um partido cujos principais apoiadores possuem um novo perfil: baixa renda e escolaridade.

### **3.2.3. O PT nas eleições de 2012**

Os dados das eleições de 2012 destoam do que se verificou nas eleições de 2004 e 2008. Isto porque há uma queda significativa nos percentuais de intenção de voto no PT entre os eleitores com menor renda e com baixo grau de escolaridade, quando comparados às eleições de 2008, estratos nos quais o partido obtinha os melhores resultados. Mais ainda, em 2012, com a candidatura de Fernando Haddad,



o partido obtém o pior percentual de votos válidos recebidos desde 2000<sup>61</sup>, indo para o segundo turno da disputa pela prefeitura paulistana em segundo lugar. Apesar disso, o PT consegue sair vitorioso do pleito e derrota José Serra, do PSDB, no 2º turno das eleições de São Paulo. Haddad vai obter 55,57% dos votos válidos frente a 44,43% de Serra.<sup>62</sup>

Tendo em vista esse cenário, para analisarmos o desempenho do PT nas eleições de 2012 vamos apresentar, em primeiro lugar, a evolução da preferência partidária entre as eleições de 1996 a 2012 com o percentual de intenção de voto, por preferência partidária e, posteriormente, os Gráficos 3.7 e 3.8, com a evolução da intenção de votos no PT do primeiro para o segundo turno, por renda e escolaridade.

Tabela 3.1 – Preferência partidária pelo PT e Intenção de voto comparativo com proporção intenção de voto para prefeito, segundo a preferência partidária pelo PT

	1996	2000	2004	2008	2012
<b>Preferência pelo PT</b>	15%	25%	22%	21%	22%
<b>Intenção de voto PT</b>	84%	72%	80%	80%	56%

Fonte: Datafolha

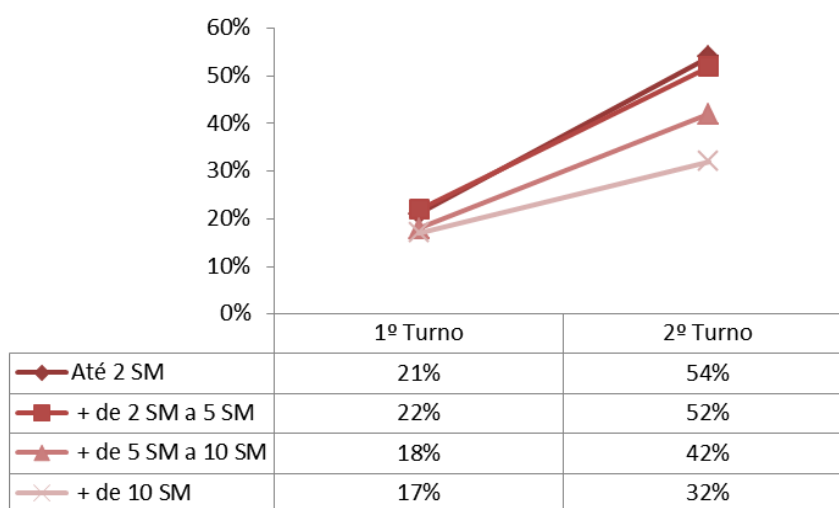
Na Tabela 3.1, observamos a evolução da preferência partidária pelo PT entre as eleições de 1996 a 2012, nas quais é possível verificar uma estabilização no apoio dado ao partido a partir do pico da preferência partidária em 2000 que, após essas eleições, situa-se na faixa dos 21% a 22% de apoio entre os eleitores paulistanos. Entretanto, quando verificamos o percentual de apoio desses simpatizantes em intenção de voto ao candidato do partido em cada uma dessas eleições, o que se observa é um recuo significativo em 2012. Apenas 56% dos que tinham preferência pelo partido estavam dispostos a dar seu voto a Fernando Haddad, candidato a prefeito pelo PT nessas eleições. Ou seja, uma parcela importante de eleitores

<sup>61</sup> Com Fernando Haddad, o PT obteve 29,0% dos votos válidos no 1º turno das eleições de 2012. Ver Gráfico 2.8 no Capítulo 1, p.29.

<sup>62</sup> Segundo os dados do TRE-SP. <[www.tre-sp.gov.br](http://www.tre-sp.gov.br)>.

simpatizantes do partido estaria optando por outra candidatura nas eleições de 2012.<sup>63</sup>

Apesar do baixo percentual do candidato petista nessas eleições, o PT não só foi para o segundo turno das eleições paulistanas, como conseguiu sair vencedor a disputa e eleger, pela terceira vez, seu candidato a prefeito da cidade de São Paulo. Quando observamos a evolução da intenção de voto no PT entre o 1º e o 2º por renda e escolaridade, é possível verificar um dos motivos dessa vitória.



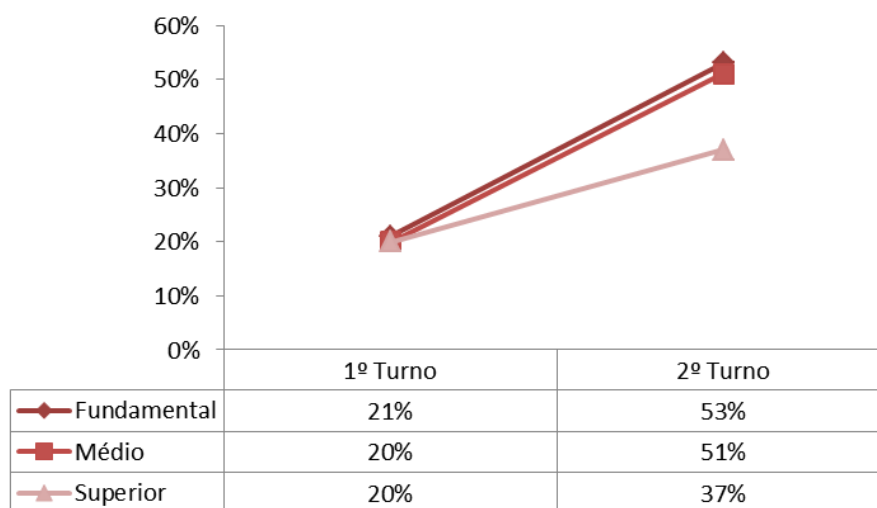
Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.9 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (2º turno), por renda (2012) – somente intenção de votos no PT

Os dados do Gráfico 3.9, que contém a evolução da intenção de voto no PT entre o primeiro e o segundo turnos por renda, demonstram que foi entre os eleitores com as menores faixas de renda que o PT obteve seus melhores resultados e também de onde se deu onde o crescimento entre o primeiro e o segundo turnos de forma mais intensa. Conforme podemos constatar, houve um crescimento entre os eleitores com renda de até 2 SM de 33 pontos percentuais um aumento de mais de 250% entre um turno e o outro. Além disso, o PT também obteve uma ampliação

<sup>63</sup> Segundo a pesquisa Datafolha de 4 e 5 de outubro, véspera da eleição, entre os eleitores que preferiam o PT, 17% indicavam voto a Celso Russomano, do PRB, e 9% a Gabriel Chalita, do PMDB. Fonte: Datafolha.

significativa entre os turnos em disputa entre os eleitores com renda de mais de 2 SM a 5 SM.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados das pesquisas do Datafolha

Gráfico 3.10 – Intenção de voto para prefeito de São Paulo (2º turno), por escolaridade (2012) – somente intenção de votos no PT

Observando os dados do Gráfico 3.10 com a evolução da intenção de voto por escolaridade entre os dois turnos das eleições paulistas, é possível verificar o mesmo crescimento que apontamos anteriormente em relação à renda. Entre os estratos mais baixos de escolaridade, principalmente no ensino fundamental, a ampliação da intenção de voto no PT foi bastante significativa. Foram 32 pontos percentuais entre o primeiro e o segundo turnos. Esse resultado é muito próximo ao observado entre os eleitores com ensino médio, entre os quais o partido também registrou um aumento importante.

Tendo em vista os dados do segundo turno, e tomando como base para análise o desempenho do PT observado nas eleições anteriores, é possível afirmar, que o que houve no primeiro turno de 2012 foi um “soluço”, dado que, quando se observa os dados do partido no segundo turno dessa eleição, o que se verifica é a manutenção do padrão que até então era observado, ou seja, a agremiação volta a apresentar

entre os eleitores de menor renda e com baixo grau de escolarização seus melhores percentuais.<sup>64</sup>

Assim, apesar do partido ter obtido uma baixa votação no primeiro turno dessas eleições, após o “soluço” verificado, os resultados apresentados na evolução da intenção de voto no PT, entre os turnos, associados à verificação dos dados da preferência partidária pelo PT em 2012, sugerem que há indícios da permanência do que havíamos observado anteriormente, ou seja, que houve de fato uma mudança na composição da base eleitoral do PT, que se manifesta a partir das eleições de 2000.

---

<sup>64</sup> Essa constatação será complementada no capítulo seguinte a partir da análise espacial.

## 4. CAPÍTULO III - AS BASES ELEITORAIS DO PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO PAULO (1996-2012): ANÁLISE ESPACIAL

No capítulo anterior analisamos a evolução da base eleitoral do PT a partir do uso dos *surveys* do Datafolha para as eleições municipais paulistanas de 1996 a 2012. Neste capítulo, buscaremos observar se a mudança na base eleitoral petista também vai se manifestar geograficamente, tendo em vista, principalmente, que uma das características do voto petista era de possuir, desde o início, uma base popular localizada, influenciada pela região do ABC paulista. Por isso, para verificarmos a existência padrões de voto, analisando ao longo dessas cinco eleições municipais mudanças e/ou manutenção, utilizaremos a técnica de análise espacial.

### 4.1. As bases geográficas do PT

Utilizaremos como unidade de análise, para verificação das bases geográficas do PT, os distritos da capital paulista que somam um total de 96. Agrupamos a votação para prefeito — somente os resultados do primeiro turno, obtidos pelo partido para cada um dos 96 distritos nas cinco eleições analisadas<sup>65</sup>.

Para testar a existência de correlação espacial em cada eleição, foi utilizado o índice global de Moran, o Moran I. Esse índice, como observa Câmara *et al.* (2004), “presta-se a um teste cuja hipótese nula é de independência espacial; neste caso, seu valor seria zero. Valores positivos (entre 0 e +1) indicam correlação direta e negativos (entre 0 e -1) correlação inversa”<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> Para os anos de 1996, 2000 e 2004, o distrito de Marsilac, ao extremo sul de São Paulo, não possui resultado não sendo incluído para construção do modelo para esses anos.

<sup>66</sup> CÂMARA *et al.*, 2004, p.14.

Conforme se verifica na Tabela 4.1 (a seguir), os índices de Moran I<sup>67</sup> nos testes realizados para essas eleições foram bastante elevados e significativos, o que indica uma forte influência do aspecto regional na composição voto do PT nesses pleitos.<sup>68</sup>

Tabela 4.1 – Teste Moran I (Moran Global) para os percentuais de votos validos do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012)

	1996	2000	2004	2008	2012
I Moran	0.6717	0.5848	0.7548	0.7709	0.7353
p-valor	0.01	0.01	0.01	0.01	0.01

Para a análise dos padrões geográficos, utilizaremos como indicador o Moran Local<sup>69</sup>, o LISA (siga em inglês para “Indicadores Locais de Associação Espacial”), que em termos gerais, faz a verificação da média da votação da unidade, no caso o distrito, comparando-a com a votação das unidades vizinhas fronteiriças e com a votação média total (Câmara *et al*, 2004). Os distritos que possuem significância estatística e apresentam correlação espacial aparecem destacados no mapa. Dessa forma, é possível obtermos *clusters* com a indicação da tendência de voto no PT. Isso nos possibilita observar os distritos onde o PT teve uma votação elevada e onde os votos foram abaixo da média.

O Moran Local (LISA) apresenta quatro categorias: alto-alto, onde a votação foi elevada no distrito e no seu entorno, que está assinalada com a legenda *PT Forte*, colorido em vermelho; baixo-baixo, onde a votação do PT foi baixa no distrito e no seu

<sup>67</sup> Conforme observa Câmara *et al*. (2004), “o índice de Moran I é equivalente ao coeficiente de regressão linear que indica a inclinação da reta de regressão ( $\alpha$ ) de  $wz$  em  $z$ .” Sua formula é expressa como:  $I = \frac{\sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^n w_{ij}(z_i - \bar{z})(z_j - \bar{z})}{\sum_{i=1}^n (z_i - \bar{z})^2}$  em que  $n$  é o número de áreas,  $z_i$  o valor do atributo considerado na área  $i$ ,  $\bar{z}$  é o valor médio do atributo na região de estudo e  $w_{ij}$  os elementos da matriz normalizada de proximidade espacial. Neste caso a correlação será computada apenas para os vizinhos de primeira ordem no espaço, conforme estabelecido pelos pesos  $w_{ij}$ .” Ver Câmara *et al*, 2004, p.14.

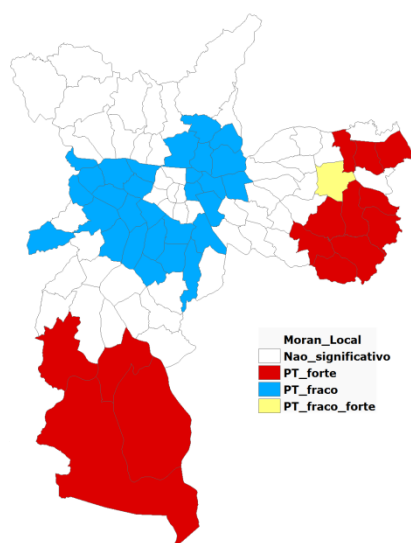
<sup>68</sup> Para a elaboração dos testes e dos mapas foi utilizado o software TerraView 4.2, disponibilizado pelo INPI. <[www.dpi.inpi.br/terraview](http://www.dpi.inpi.br/terraview)>

<sup>69</sup> Segundo Câmara *et al*. (2004): “a significância estatística do uso do índice de Moran local é computada de forma similar ao caso do índice global. Para cada área, calcula-se o índice local, e depois permuta-se aleatoriamente o valor das demais áreas, até obter uma pseudo-distribuição para a qual podemos computar os parâmetros de significância.” E, “pode ser expresso para cada área  $i$  a partir dos valores normalizados  $z_i$  do atributo como:  $I_i = \frac{z_i \sum_{j=1}^n w_{ij} z_j}{\sum_{j=1}^n z_j^2}$ ”. Ver Câmara *et al*, 2004, p.22.

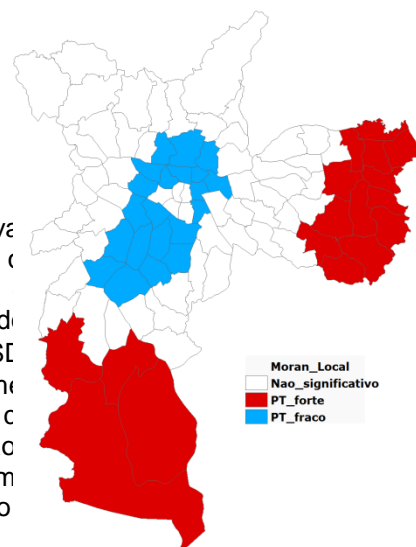
entorno, que está em azul com a legenda *PT Fraco*; alto-baixo, onde a votação do PT foi elevada, mas nos demais distritos do entorno ela foi mais baixa, que tem a legenda *PT Forte-Fraco* e está em laranja; e, por fim a baixo-alto, onde a votação do PT foi baixa e nos distritos vizinhos ela foi elevada, com a coloração amarela e está com a legenda *PT Fraco-Forte*. Os distritos que não apresentam correlação espacial ficaram em branco e exibem a legenda *Não Significativo*.<sup>70</sup>

Na Figura 4.1 (a seguir) observamos os mapas das eleições de 1996 a 2012. Em um primeiro momento, verificamos que o padrão geográfico do voto no PT não sofreu grandes alterações nessas eleições, mas constatamos que houve um aumento da penetração do partido nas regiões periféricas da cidade e uma perda de apoio nas regiões centrais. Contudo, não houve a rigor uma inversão de apoio, o que reforça os apontamentos de Figueiredo *et al.* (2002), que afirma que, no caso do PT, as regiões onde o partido obteve seu melhor e seu pior desempenho demonstram uma estabilidade nos locais de votação,<sup>71</sup> podendo se falar de redutos eleitorais. O “partido parece ter bases sólidas” que possibilitam um apoio estável em todos os pleitos, na análise feita entre 1996-2000.<sup>72</sup>

Eleições 1996



Eleições 2000

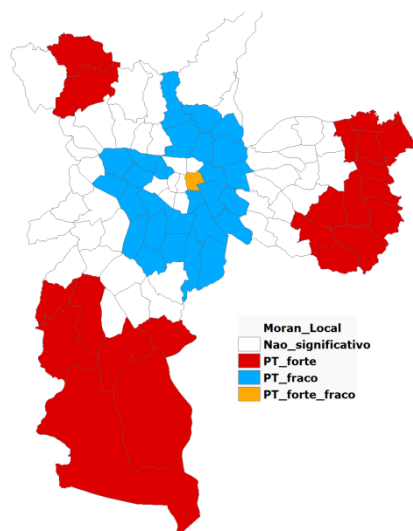


dependência espacial significativa nas de vulnerabilidade eleitoral” (seguinte, indiferente de partido dos territórios eleitorais já formado Figueiredo *et al.* (2002), o PSIs bairros tradicionais de classe média; pobres da cidade. Os autores c e 1982 não tem uma identificação ipalmente os da periferia, teriam PT é composto por muita variação enores rendas.

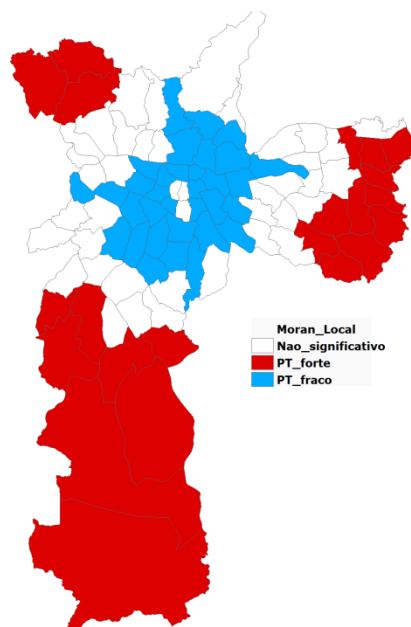
) é possível evidenciar a existênci is autores demonstram que as re

concentração de votos nulos e brancos são compostas principalmente pelos distritos de Jardim Angélica, Jardim São Luís e Parelheiros, e que a região que é possível identificar um dos maiores índices de associação, via modelo de análise fatorial, com o PT, é a região leste, mas especificamente nos distritos de São Rafael, Iguatemi, Sapopemba e São Mateus. Ver Figueiredo *et al.*, p.156-8.

### Eleições 2004



### Eleições 2008



### Eleições 2012

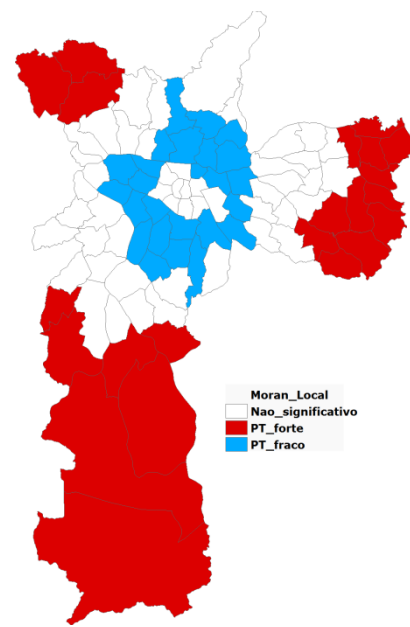


Figura 4.1 – Moran Local (LISA) dos resultados do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) – dados do 1º turno Fonte: Elaboração própria com bases nos dados do TSE

Um fato importante a ser destacado é que não há na cidade de São Paulo o mesmo padrão observado nacionalmente, entre 2002 e 2006, de inversão de bases de apoio geográfica, a exemplo do que verificou Terron (2009) sobre a inversão dos territórios eleitorais petistas<sup>73</sup>. Observa-se uma maior penetração do PT nos extremos e uma perda de apoio nos distritos mais próximos à região central.

<sup>73</sup> De acordo com Terron (2009), com Lula, o PT vai apresentar uma modificação do padrão de votação para a presidência da República nas eleições de 2002 e 2006, entre as regiões do Brasil migrando



A propósito, é interessante notar que há uma permanência dos distritos próximos à região do ABC paulista entre aqueles destacados como *PT Forte*, isto é, onde o partido obtém um alto percentual de voto. Essa região, que entre as eleições 1982-1992, identificamos como sendo uma base popular localizada, tendo em vista a influência que o ABC exercia sobre elas, se mantém, como podemos observar na Figura 4.1, ainda como um importante reduto para o partido em todas as eleições observadas. São nessas regiões que o PT vai apresentar uma alta concentração de votação; os *clusters* em que o PT é forte. Essas regiões, inclusive, apresentam uma estabilidade nas cinco eleições por nós verificadas. Os extremos da zona norte só vão aparecer como uma região significativa nas eleições de 2004, 2008 e 2012.

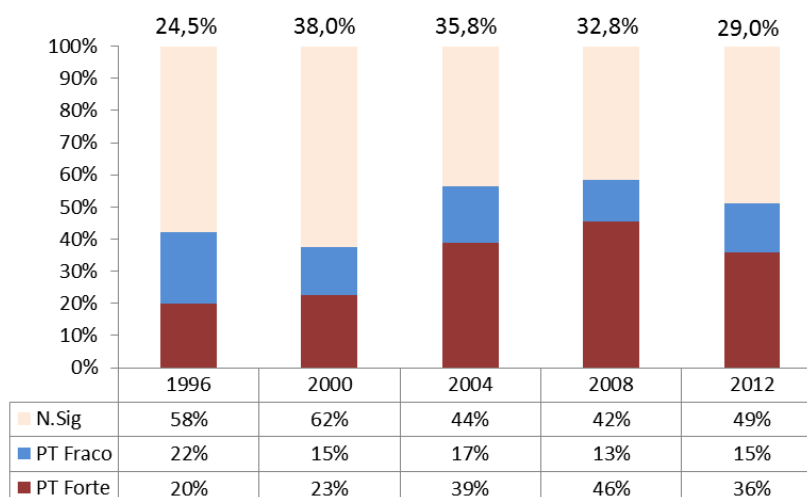
#### **4.2. Peso dos distritos na composição do voto no PT**

Se não houve grandes deslocamentos no apoio ao PT capazes de modificar o padrão geográfico do voto de uma região para outra da cidade, a análise do impacto dos redutos onde o partido obteve seus melhores resultados e das localidades onde sua votação era muito baixa demonstram uma significativa modificação.

No Gráfico 4.1 (a seguir), verificamos o peso de cada uma dessas regiões para a composição final da votação do PT na capital paulista, apresenta um quadro diferente do que pode ser observado quando nos atemos somente ao mapa.

---

seus territórios eleitorais (melhores resultado observados) dos municípios mais ricos do centro-sul do país para os mais pobres e menores do norte-norte. Ver Terron, 2009.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do TRE-SP

Gráfico 4.1 – Peso dos distritos *PT Forte*, *PT Fraco* e *Não Significativo* para a composição do voto do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) – com o percentual dos votos válidos recebidos pelo partido no 1º turno em cada ano

Nas eleições de 1996, do total de votos obtidos pelo PT, 22% foram provenientes das áreas em que o partido tinha os seus menores índices de votação, na região central da cidade, e apenas 20% dos seus votos proveram das áreas que o partido obteve seus melhores índices de votação, isto é, os seus redutos, conforme podemos observar no Gráfico 4.1. A saber, a quantidade de votos recebidos pelo PT foi equivalente em ambas às localidades, sendo inclusive ligeiramente superior nas áreas onde o partido não se saiu tão bem.

Os dados do Gráfico 4.1 corroboram para a percepção do perfil dual do PT, já observado desde a década de 1980, que destacamos no Capítulo I dessa dissertação. Esse perfil dual mostra que o PT possui uma boa aceitação na classe média, mas que também conta com uma base popular localizada, situada na periferia da cidade. De fato, é nas regiões próximas ao ABC que o partido tem o seu reduto geográfico. Contudo, o PT também conta com uma votação importante nas regiões centrais, que, embora não sejam seus redutos, garantem uma parcela significativa dos seus votos.

Essa configuração, todavia, começa a ser alterada nas eleições de 2000 e se intensifica em 2004. O peso de cada região na composição final do voto no partido, em 2000, chega a apresentar um padrão similar ao verificado em 1996. Isto é, há uma relativa proximidade entre o peso das regiões onde o PT é fraco e onde o partido é forte. O destaque, entretanto, é entre as regiões onde não há significância estatística para determinar se o partido é forte ou fraco, isto é, com percentuais muito distintos entre si e sem apresentar padrão de votação semelhante. Nessas regiões o partido concentra a grande maioria dos seus votos.

Nas eleições de 2004 observamos uma mudança na característica do voto petista na cidade. Essa mudança, embora não manifestada geograficamente, pode ser verificada a partir do peso que cada uma das regiões começa a desempenhar na composição do voto no PT. O Gráfico 4.1 aponta que, em 2004, quase 40% dos votos obtidos pelo PT provém de seus redutos, ou seja, há um processo de concentração de votos no partido, fato que até então não podia ser observado. Apesar do PT contar com um apoio importante nos seus redutos em 1996, essas localidades eram responsáveis por uma parcela ainda pequena do montante de voto final, situação essa que muda em 2004.

A dependência cada vez maior do PT nos seus redutos para a composição final do voto pode ser melhor observada em 2008. Nestas eleições, ainda conforme se verifica no Gráfico 4.1, a dependência do partido aumenta ainda mais: 46% dos votos petistas na cidade de São Paulo serão provenientes dessas localidades.

Quando analisamos esses dados e verificamos a variação dos resultados entre 2000 e 2012, percebemos poucas oscilações nos resultados obtidos pelo partido. Porém, notamos uma tendência constante de declínio: em 2000, o PT obteve 38,0%; em 2004, 35,8%; em 2008 32,8%; e em 2012 29,0%<sup>74</sup>. No entanto, o peso da dependência do partido dos seus redutos vai aumentando progressivamente entre 2000 e 2008 e, mesmo com um pequeno recuo observado em 2012, os seus percentuais são próximos aos observados em 2004, acima do que se pode verificar nas eleições anteriores (1996-2000).

---

<sup>74</sup> Segundo dados obtidos junto ao TRE-SP. <[www.tre-sp.gov.br](http://www.tre-sp.gov.br)>.

Tabela 4.2 – Número de distritos por indicação no Moran Local (LISA) das eleições (1996-2012) – dados do 1º turno

	1996	2000	2004	2008	2012
Não significativo	51	57	46	41	49
PT Forte/Forte-Fraco	14	17	22	22	22
PT Fraco/Fraco-Forte	30	21	27	33	25

Conforme pode ser observado na Tabela 4.2, com o número de distritos onde o PT teve sua melhor e sua pior penetração entre 1996 a 2012, a variação entre os distritos considerados como redutos petistas é crescente, passando de 14 em 1996 para 22 em 2004. O número dos distritos que o partido tem um desempenho fraco apresenta algumas oscilações, caindo de 30 para 21, entre 1996 e 2000, e voltando a subir de 2004 a 2008, de 27 para 33 distritos.

Outro dado nos chama a atenção: embora o total de distritos petista não se altere de 2004 para 2008, permanecendo em 22, o Gráfico 4.1 mostra que há um aumento do peso desses distritos na composição do voto do PT nas eleições de 2008, que passam de 39 % para 46%. Contudo, em 2012, observamos um declínio nos distritos onde o PT é forte, com o retorno a valores próximos ao observado em 2004, já em relação aos distritos onde o PT é fraco, o que se verificou é uma estabilidade.

#### **4.3. Os distritos que permaneceram constantes nas eleições municipais de 1996 a 2012**

Com o intuito de verificar quais foram os distritos que permaneceram constantes entre o período de 1996 a 2012, para identificar aqueles se mantiveram imutáveis ao longo destas cinco eleições, nos *clusters* do *PT Forte* ou *PT Fraco*, no primeiro momento, verificamos a disposição desses distritos no mapa da cidade de São Paulo e analisamos o seu peso na composição final do voto do PT.

Pretendemos, ainda, indicar as características dos distritos que estiveram sempre entre os *clusters* e, para isso, utilizaremos os dados da pesquisa *DNA paulistano*, a fim de apresentarmos um perfil mais atual desses distritos.

#### 4.3.1. Localização e o peso dos distritos

Na Figura 4.2 (abaixo) está destacada a localização dos distritos que se mantiveram constantes ao longo das cinco eleições municipais (1996-2012). Em vermelho, estão apontados os distritos onde o PT é forte e em azul aqueles em que o PT é fraco.

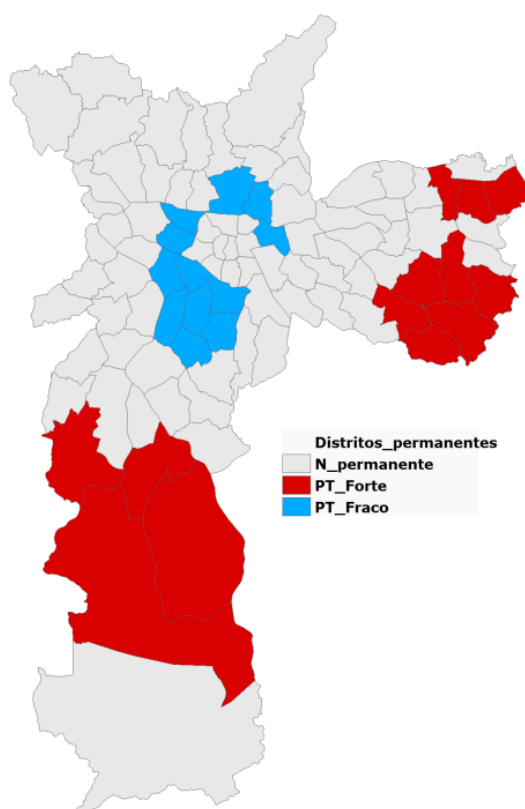


Figura 4.2 – Mapa dos distritos que permaneceram constantes: *PT Forte* e *PT Fraco* nas eleições municipais de paulistanas (1996-2012)

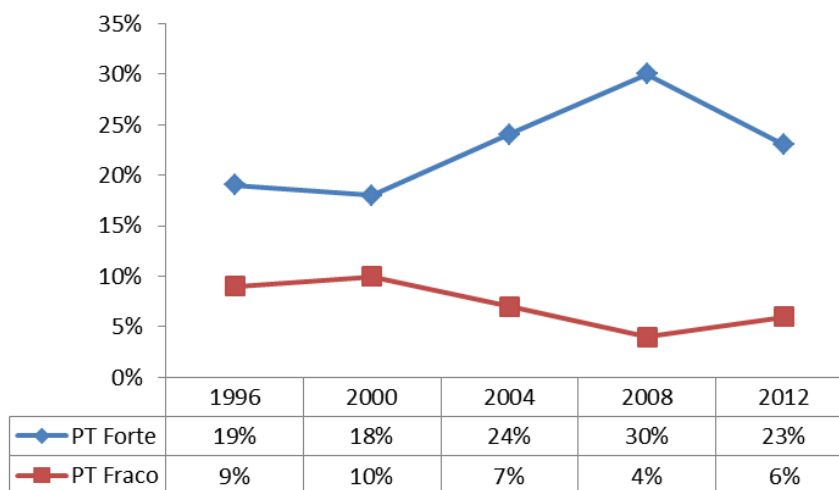
A manutenção das regiões ao longo dessas eleições, com a inclusão apenas dos distritos que se mantiveram constantes, demonstra a existência de uma clara divisão centro *versus* periferia. Conforme é possível observar, a concentração dos distritos *PT Forte* está localizada nos extremos das regiões leste e sul da cidade de São Paulo, enquanto os distritos *PT Fraco* estão situados nas regiões sul, norte e leste próximas à região central da cidade. Mas, como veremos a seguir, essa divisão, que era mais contida, vai se acentuar a partir de 2000.

A concentração desses distritos onde o PT é forte, situados nas regiões sul e leste da cidade, indicam que haveria uma permanência, desde o início, da base eleitoral petista nessas localidades, tendo em vista, principalmente, os dados e os argumentos que verificamos na literatura, que destacavam, desde as eleições de 1982, uma boa votação do PT nessas regiões. Embora que, com o passar dos anos, seja possível supor que a influência da região do ABC no eleitorado residente nessas regiões fronteiriças tenha diminuído, é possível afirmar que depois da influência inicial, o partido tenha fincado bases sólidas nesses territórios.

Tabela 4.3 – Relação dos distritos que permaneceram constantes: *PT Forte* e *PT Fraco* paulistanas (1996-2012)

<b>FORTE</b>	<b>FRACO</b>
CIDADE DUTRA	BARRA FUNDA
CIDADE TIRADENTES	BELÉM
GRAJAÚ	CAMPO BELO
IGUATEMI	ITAIM BIBI
ITAIM PAULISTA	JARDIM PAULISTA
JARDIM ÂNGELA	MOEMA
JOSÉ BONIFÁCIO	PERDIZES
PARELHEIROS	PINHEIROS
SAO MATEUS	SANTANA
SAO MIGUEL	SAÚDE
SAO RAFAEL	VILA GUILHERME
VILA CURUÇÁ	VILA MARIANA
PARQUE DO CARMO	

Na Tabela 4.3 (na página anterior) está a relação dos distritos *PT Forte* e *PT Fraco*. Na primeira coluna, podem ser verificados os nomes dos 13 distritos onde o PT é forte e, na segunda, nos 12 onde o PT é fraco. O número de distritos onde o partido é forte e fraco é bem próximo, o que demonstra certo equilíbrio entre essas regiões.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do TRE-SP

Gráfico 4.2 – Peso dos distritos *PT Forte* e *PT Fraco* na composição do voto do PT nas eleições municipais paulistanas (1996-2012) – somente os distritos que permaneceram constantes

No Gráfico 4.2 (acima), a exemplo do que já discutimos anteriormente, indica qual o peso desses distritos na composição final do voto do PT na cidade. O que pode ser observado nesse gráfico é que há, de um lado, uma diminuição do peso dos distritos onde o PT é fraco e, de outro, um significativo aumento do peso em onde o PT é forte, entre as eleições de 2000 e 2008. Mesmo em 2012, quando é registrado um declínio do peso onde o partido é forte e uma pequena oscilação positiva onde o PT é fraco, é possível verificar que os percentuais petistas são muito próximos aos observados em 2004 e bem distintos das eleições anteriores a esse período.

### **4.3.2. As características dos distritos**

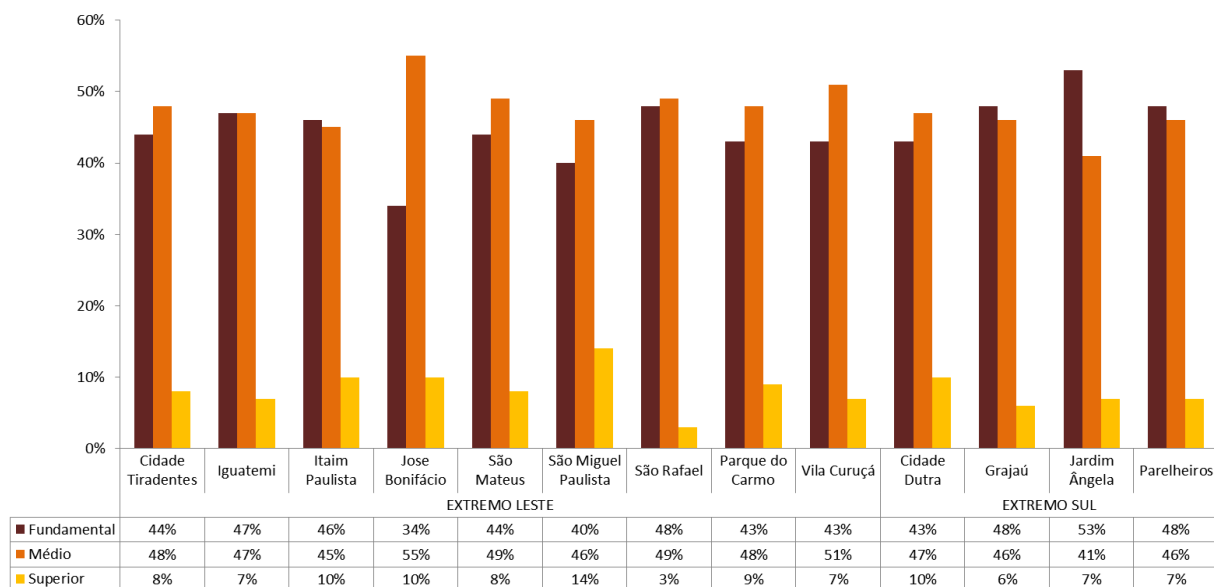
Apresentamos anteriormente o mapa, a relação e o peso dos distritos que se mantiverem constantes entre as eleições de 1996 a 2012, *PT Fraco* ou *PT Forte*, ao longo das eleições analisadas. Cabe nós prosseguirmos com a busca pelas características desses distritos. Para isso, vamos utilizar a pesquisa *DNA paulistano* do Instituto Datafolha para termos como base, assim, verificar algumas das características levantadas.

Para explorar essas características, vamos observar 03 (três) variáveis disponíveis nos dados disponíveis na pesquisa *DNA Paulistano*. São elas: renda familiar, nível de escolaridade e preferência partidária. Observando-as a partir dos distritos onde o PT é forte e depois onde o PT é fraco, com o objetivo de identificar as possíveis semelhanças e diferenças entre distritos.

#### **Dados dos distritos *PT Forte***

O Gráfico 4.3 (a seguir) apresenta os dados por escolaridade desses distritos. É importante destacar o elevado percentual dos eleitores que possuem o ensino fundamental que, somados com aqueles que possuem o ensino médio, totalizam cerca de 90% da amostra, comparado ao baixo percentual de moradores com ensino superior, que também deve ser destacado. Com exceção de um único distrito, José Bonifácio, que apresenta uma alta concentração de fundamental e médio, todos os demais apresentam variações percentuais muito próximas entre si nas faixas de escolaridade.

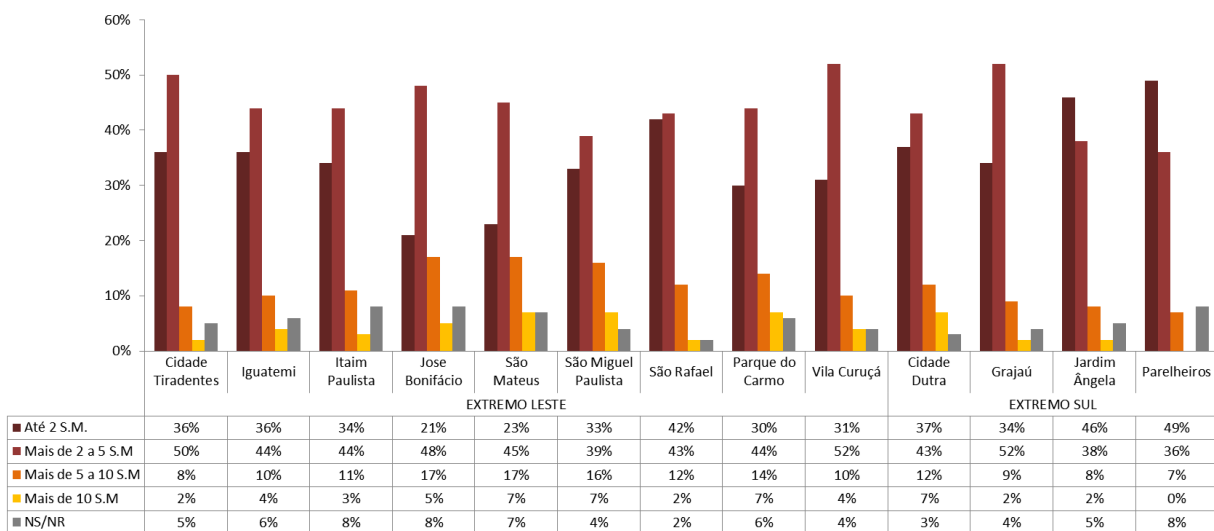




Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha DNA 2008

Gráfico 4.3 – Distribuição por escolaridade nos distritos *PT Forte*

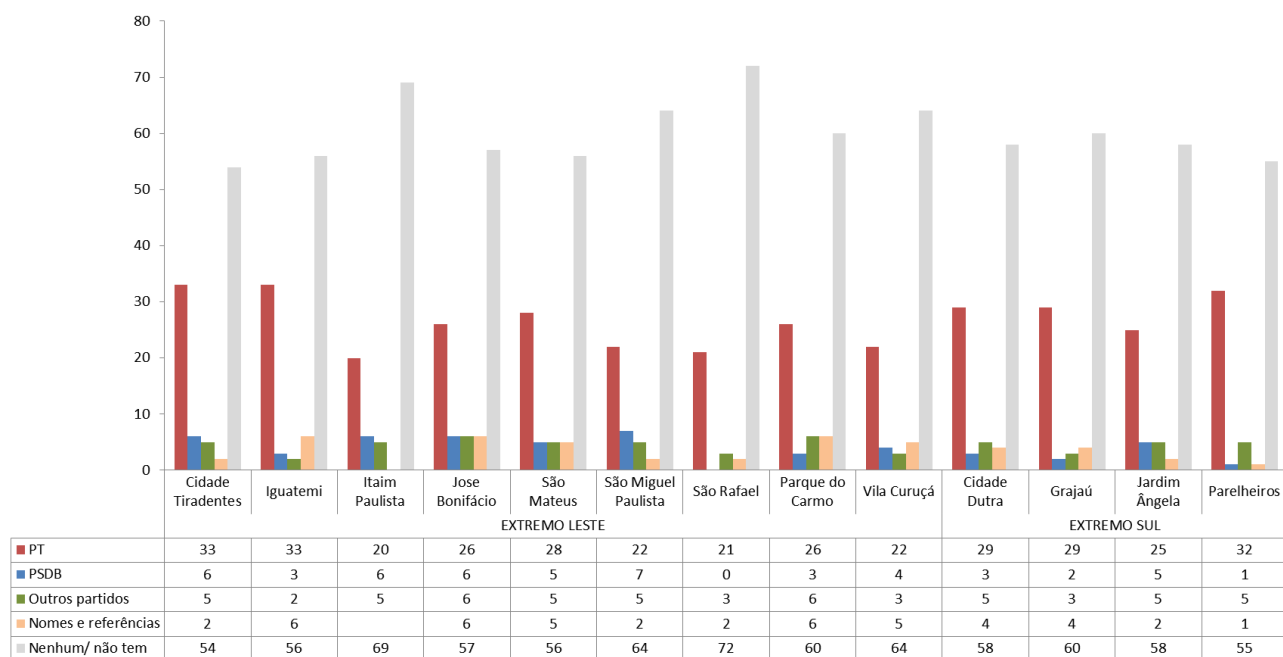
No Gráfico 4.4, estão contidos os dados da renda familiar desses distritos e podemos observar o grande percentual entre aqueles que possuem até 5 SM, com um baixo contingente dos que possuem renda familiar acima destes valores. Com uma variação um pouco maior do que a observada por faixa de escolaridade, os distritos se destacam por apresentar cerca de 70% entre os que possuem até 5 SM.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha DNA paulistano 2008

Gráfico 4.4 – Distribuição por renda nos distritos *PT Forte*

No Gráfico 4.5, os dados a serem analisados tratam da preferência partidária por distrito. Nas regiões onde o PT é forte, verificamos que os índices da preferência partidária pelo PT são bem elevados. O que garante ao partido uma vantagem expressiva em relação aos demais partidos nessas regiões. Nos distritos como Cidade Tiradentes e Iguatemi, situados no extremo leste da capital paulistana, o partido vai obter um percentual de 33%, um índice muito superior ao da média dessa região que registrou para o partido 24%. Outro caso semelhante a esse é o de Parelheiros, localizado no extremo sul da cidade, com índices de 33%, que, também, apresenta valores acima aos que foram observados na região, onde o PT possui 24% da preferência partidária.

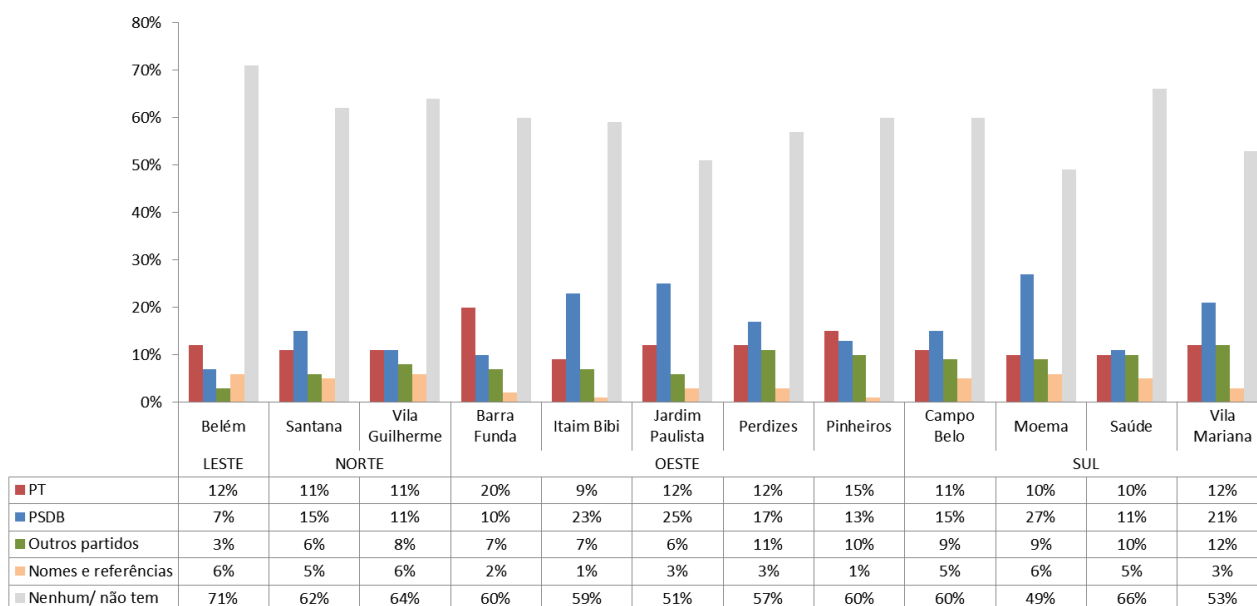


Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa Datafolha DNA paulistano

Gráfico 4.5 – Preferência partidária nos distritos *PT Forte*

## Dados dos distritos *PT Fraco*

Passaremos a examinar os distritos onde o PT é fraco para averiguarmos quais são as características desses distritos, observando os dados de renda familiar, escolaridade e preferência partidária, a exemplo do que foi realizado anteriormente.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha DNA paulistano 2008

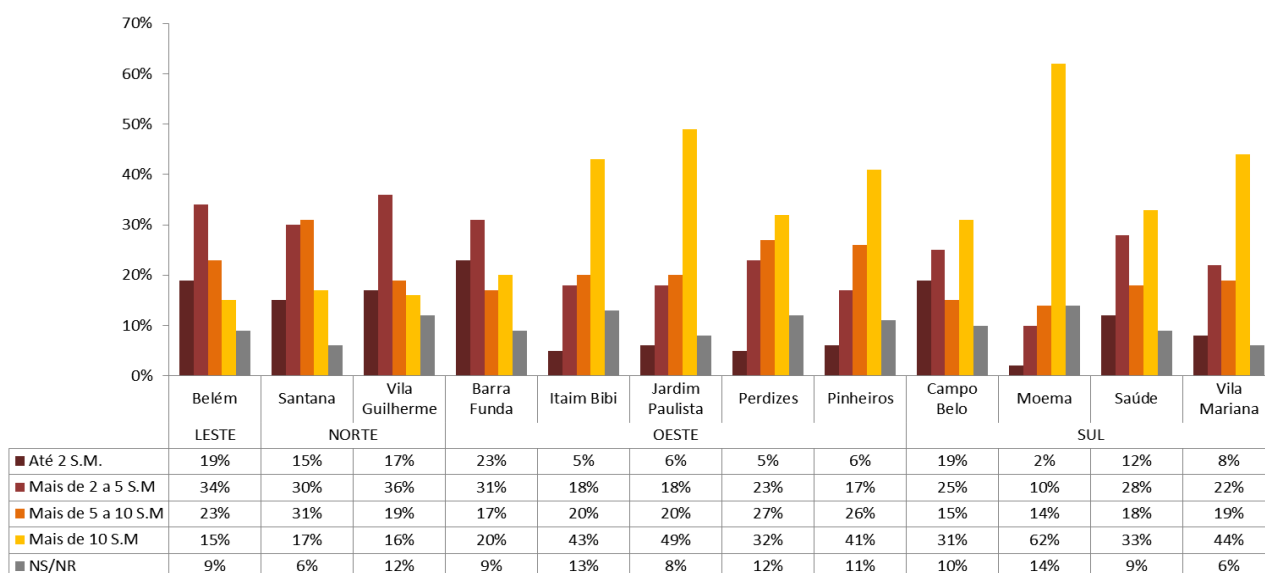
Gráfico 4.6 – Preferência partidária nos distritos *PT Fraco*

No Gráfico 4.6 (acima) estão os dados da preferência partidária. O quadro apresenta-se bem diferente do que foi observado anteriormente quando analisados os dados da preferência partidária nos distritos onde o PT é forte. Neste caso, somente em três distritos (Belém, Barra Funda e Pinheiros) o partido ainda mantém a liderança da preferência partidária. Em Vila Guilherme, o partido vai dividir a dianteira da preferência com o PSDB e, nos demais, vai postular a segunda colocação.

O que mais vai chamar a atenção, contudo, são dois aspectos: os percentuais do partido que são muito inferiores aos observados onde ele é forte; e, o desempenho do PSDB nesses distritos, que vai apresentar percentuais bem elevados na preferência partidária ao garantir para o partido a liderança em oito distritos como, por

exemplo, no Jardim Paulista e Campo Belo, onde chega a apresentar o dobro da preferência em relação ao PT.

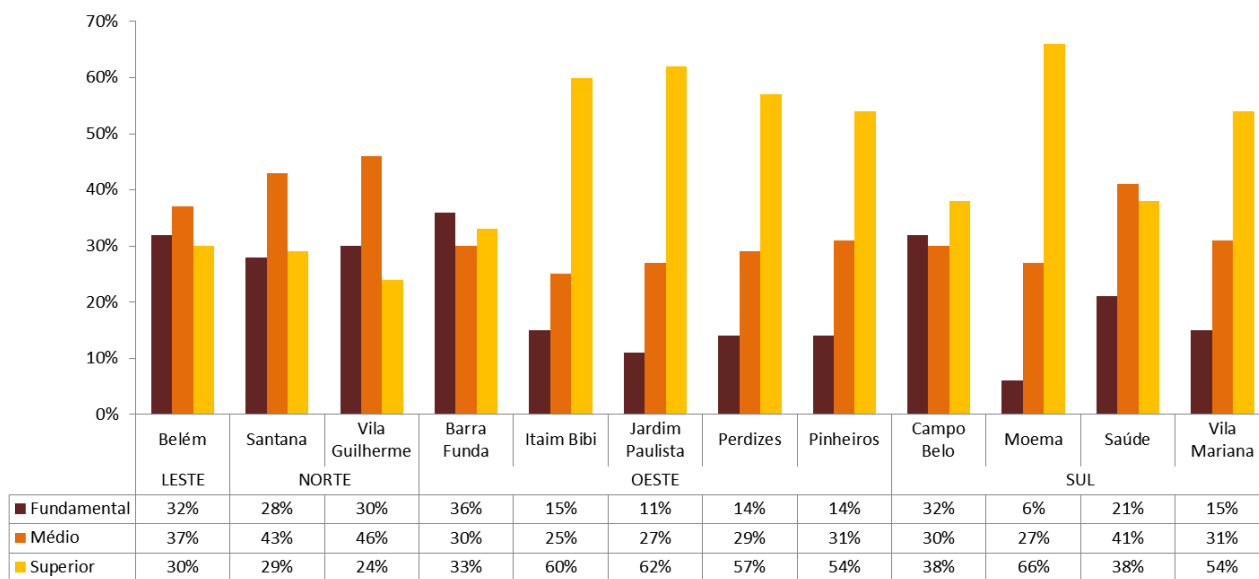
É interessante notar que, comparando o desempenho dos dois partidos com as médias da preferência partidária por região, verificamos que: na região Oeste o PT tem 16% e o PSDB 13%; na sul o PT 15% e PSDB 11%; na leste o PT 19% e o PSDB 8%; e por fim na região norte o PT 16% e o PSDB, 9%. Constatamos, ainda, que, na maioria dos distritos, o PT vai apresentar percentuais inferiores aos que obtém na região correspondente a esse distrito, ao passo que o PSDB, em situação inversa, vai apresentar valores superiores ao que obteve na região.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha DNA 2008

Gráfico 4.7 – Distribuição por renda nos distritos *PT Fraco*

Os dados de renda familiar que observamos no Gráfico 4.7, também são distintos aos dos distritos onde o PT é forte. O percentual dos que possuem renda até 5 SM é menor e a faixa acima desses valores é mais elevada. É possível verificar dois segmentos distintos de distritos: o primeiro, com características de renda bem elevada, situados nas regiões oeste e sul da cidade; e o segundo, com renda média, média baixa, que estão localizados nas regiões oeste, norte e leste da capital paulista.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa Datafolha DNA paulistano 2008

Gráfico 4.8 – Distribuição por escolaridade nos distritos *PT Fraco*

Os dados de escolaridade também apresentam dados diferentes aos observados no Gráfico 4.3, que apresenta os dados de escolaridade dos distritos *PT Forte*. Conforme é possível observar no Gráfico 4.8, o percentual daqueles que possuem ensino superior é bastante elevado e, daqueles com baixa escolaridade, é muito inferior aos distritos onde o PT é forte.

Ainda, é possível constatar a mesma peculiaridade em relação à divisão por renda, na qual há a existência de duas classes de distritos: aqueles que possuem alto contingente com escolaridade elevada, situados nas regiões oeste e sul; e, aqueles que apresentam maior concentração de escolaridade intermediária localizado nas regiões leste e norte da cidade de São Paulo.

Essas duas classes de distritos observados já haviam sido identificadas por parte da literatura. A primeira, mais rica, situada na região sul, (Pierucci e Lima, 1991; Novaes, 1996a; Figueiredo *et al*, 2002) destacam-se por apresentar uma boa recepção ao malufismo<sup>75</sup> e ao PSDB<sup>76</sup>. A segunda, de classe média baixa, localizadas

<sup>75</sup> Conforme aponta Pierucci e Lima (1991) sobre as eleições de 1988, “Maluf aparece como favorito dos bairros ricos das zonas Sul e Oeste, dos setores de renda mais alta e maior instrução, moradores da parte *in da capital*” Ver Pierucci e Lima, 1991, p.16.

nas regiões norte e leste da capital, já haviam sido identificados como antigas bases janistas/malufistas<sup>77</sup>.

Embora nosso foco seja o PT, é interessante notar o desempenho do PSDB nessas localidades. Não apenas os percentuais elevados tanto em relação às regiões mais ricas, onde já havia sido identificada uma parcela de apoio e os percentuais indicam que esse apoio é significativo, mas, sobretudo, indicadores e apoio entre os bairros de classe média baixa, que são reveladores, o que indicam uma captura de parte do eleitorado janista/malufista a esse partido, em ambos os casos existem um processo de identificação partidária com o PSDB.

#### **4.4. As eleições de 2008 e 2012: analisando os dados do 2º turno**

Como forma de fornecer mais elementos para compreender a evolução do voto do PT na cidade de São Paulo, a fim de verificar com um pouco mais detalhe as eleições de 2012, cabe acrescentar nesse capítulo, os dados referentes à comparação dos resultados obtidos pelo PT nos segundos turnos de 2008 e 2012, a partir da análise espacial dessas eleições.

Os dados do teste de Moran I para ambas as eleições apresentam valores significativos (próximos a 1) e muito similares entre si, conforme é possível ser observado na Tabela 4.4, a seguir.

---

<sup>76</sup> Analisando as eleições de 1996, Novaes (1996a) assinala que o PSDB “é mais forte justamente ali no Centro-Sul, onde se concentram as famílias da classe dominante e as da classe média” . Verr Novaes, 1996a, p.7.

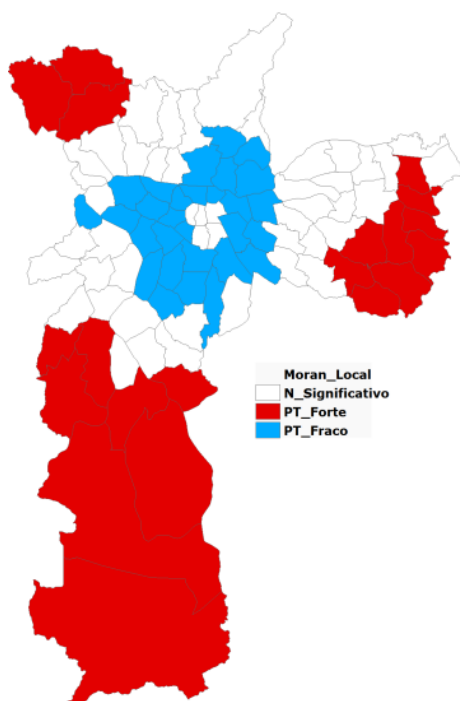
<sup>77</sup> A localização geográfica do voto conservador na cidade de São Paulo já havia sido observada por parte da literatura na década de 1980, que identificou a permanência das lealdades de certas localidades, isto é, de determinados bairros da capital paulistana que haviam sido bases eleitorais de Jânio Quadros nas eleições das décadas de 1950 e 1960 e que, nas eleições de 1982, e, posteriormente, nas eleições de 1985, ainda se manteriam fiéis ao janismo (Lamounier, 1982; Sadek, 1986) e, nas eleições seguintes, migrariam para Paulo Maluf, aderindo ao que se convencionou chamar de malufismo (Pierucci e Lima, 1991). Esses bairros, por suas socioeconômicas foram identificados como bairros de classe média baixa (Pierucci, 1986).

Tabela 4.4 – Teste Moran I (Moran Global) para os percentuais de votos validos do PT nas eleições municipais paulistanas (2008 e 2012) – dados do 2º turno

	2008	2012
I Moran	0.7653	0.7539
p-valor	0.01	0.01

Com respeito à disposição geográfica dos distritos *PT Forte* e *PT Fraco*, como pode ser observada na Figura 4.3 (a seguir), é possível constatar que, salvo algumas distinções entre uma eleição e outra observadas em poucos distritos, de maneira geral, o quadro que se apresenta é o da manutenção do padrão de disposição dos *clusters* que fora verificado anteriormente, com a localização dos redutos eleitorais distribuídos nos extremos da capital paulista, principalmente nas regiões sul e leste, e os dos menos favoráveis ao partido, situados nas regiões mais próximas ao centro da cidade.

Eleições 2008



Eleições 2012

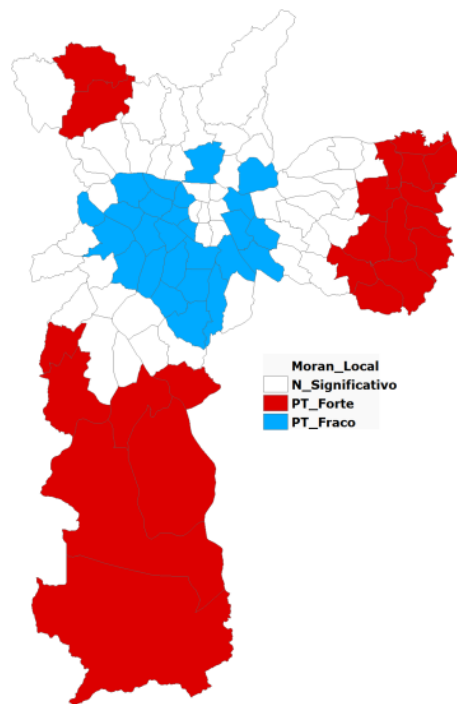


Figura 4.3 – Moran Local (LISA) dos resultados do PT nas eleições municipais paulistanas (2008 e 2012) – dados do 2º turno

A variação do número de distritos entre esses pleitos também apresenta algumas alterações, porém sutis, conforme pode se verificar na Tabela 4.5 (abaixo). No *cluster PT Forte*, observamos um ligeiro aumento de distritos, saltando de 20 para 22. No do *PT Fraco*, um decréscimo, caindo de 29 para 26. Nos distritos *Não significativos*, a alteração é tênue, com uma pequena elevação no numero de distritos de 47 para 48.

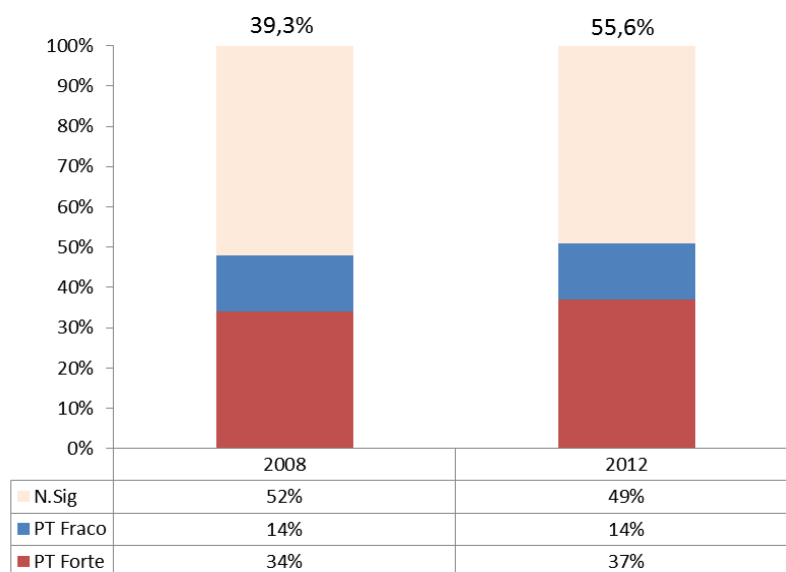
Tabela 4.5 – Número de distritos por indicação no Moran Local (LISA) nas eleições municipais paulistanas (2008 e 2012) – dados do 2º turno

	2008	2012
Não significativo	47	48
PT Forte	20	22
PT Fraco	29	26

É interessante notar que o peso dos distritos para a composição do voto no PT entre essas eleições (Gráfico 4.9) não vai apresentar mudanças significativas dos resultados de uma eleição para outra, diferentemente do que poderia se supor, tendo em vista a diferença dos resultados entre as eleições de 2008 de 2012 — na primeira, como se tem conhecimento, a candidata petista, Marta Suplicy foi derrotada, enquanto que, na segunda, em 2012, Fernando Haddad foi vitorioso.

Quando comparados entre si, os dados dessas eleições demonstram que o partido, de 2008 para 2012, vai aumentar o peso dos distritos forte e diminuir o dos distritos considerados *Não significativos* na composição final de sua votação, mas, em relação ao peso dos distritos *PT Fraco*, o que se constata é uma estabilidade entre uma eleição e outra. Os dados indicam, ainda, que, embora tenha havido um crescimento maior nas regiões onde o PT é forte, ele não foi tão intenso a ponto de modificar substancialmente o padrão da composição do voto do partido, no segundo turno das eleições de 2012.





Fonte: Elaboração própria com base nos dados do TRE-SP

Gráfico 4.9 – Peso dos distritos *PT Forte*, *PT Fraco* e *Não Significativo* paulistanas São Paulo (2008-2012) – com o percentual dos votos válidos recebidos pelo partido no 2º Turno em cada ano

O conjunto dos dados apresentados traz uma informação adicional e demonstra que apesar do baixo resultado apresentado pelo PT no primeiro turno das eleições de 2012, tendo em vista a manutenção do padrão entre os segundos turnos de 2008 e 2012, o apoio ao partido nas regiões periféricas da cidade permaneceu entre uma eleição e outra, como já havíamos observado no Capítulo II, onde analisamos os *surveys* do primeiro e do segundo turnos das eleições de 2012.

Desta forma, a definição de um “solução”, tal como apontamos, é adequada para caracterizar o que teria acontecido em relação ao primeiro turno de 2012, dado que, como foi observado, no segundo turno dessas eleições os padrões de voto do PT voltariam a apresentar as características observadas nas eleições de 2004 e 2008. Assim, é possível sugerir que outros fatores, não captados, possam ter influenciado no baixo desempenho verificado nos percentuais de votos recebidos pelo candidato do PT no primeiro turno dessas eleições.<sup>78</sup>

<sup>78</sup> Sobre essa afirmação, voltaremos a tratá-la nas considerações finais dessa dissertação, oferecendo possíveis contribuições de respostas para esse fato observado.

#### 4.5. Algumas considerações sobre a análise espacial

Os resultados dos dados da análise espacial observados nesse capítulo permitem-nos pontuar três questões a respeito da evolução da base eleitoral do PT entre as eleições analisadas:

A primeira questão, tal como pudemos verificar a partir dos dados apresentados, há indícios que apontam para a existência de uma mudança na composição da base eleitoral do PT. Conforme constatamos houve um aumento significativo a partir das eleições de 2000 em relação às regiões onde o partido é mais fraco houve um declínio, ainda que essa mudança não tenha se manifestado geograficamente, o que foi observado a partir da análise espacial quando verificado o peso da votação do PT nas regiões onde o partido é forte.

Mesmo em relação às eleições de 2012, quando os dados da votação obtida pelo PT no segundo turno foram analisados e comparamos com os dados de 2008, constatamos uma similaridade entre esses dois pleitos em relação à composição da votação do partido.

A segunda, que em parte é derivada da primeira, diz respeito à base popular localizada, umas das características que o PT apresentava desde as eleições de 1982. Com relação aos dados observados das eleições de 1996 a 2012, pudemos identificar nos distritos próximos ao ABC paulista uma permanência de resultados favoráveis ao partido, ao longo dessas eleições. Esses distritos aparecem destacados como *clusters* a partir do uso da técnica de análise espacial, o que indica que essas localidades são um reduto petista e apresentam um elevado índice de votação no partido. O que chama atenção é a permanência dessas localidades ao longo das eleições como uma região importante para o partido.

Por fim, cabe, ainda, tecer algumas considerações com relação às características dos distritos que permanecerem *PT Forte* ou *PT Fraco*, de 1996 a 2012. Sobre os distritos onde o PT é forte, analisando os dados das características de renda e de escolaridade desses distritos, é possível observar uma predominância de renda familiar baixa (até 5 SM). Outro aspecto que pode se constar é a existência de um percentual bastante elevado da preferência partidária pelo partido nessas

localidades, o que poderia indicar que o apoio ao partido para além do voto no candidato sendo também se manifestado em identificação com o PT.

Em relação aos distritos onde o PT é fraco foi observado duas características dessas localidades: a dos distritos de renda alta e alta escolaridade, com baixa preferência pelo PT e elevada identificação com o PSDB; e a dos distritos com renda média e com grau intermediário de escolaridade, onde o PT também vai apresentar um baixo percentual de identificação partidária e que, pela sua localidade, fazem parte dos antigos redutos janistas e malufistas onde o PSDB apresentou números expressivos de preferência partidária, tais como assinalam Sadek (1986) e Pierucci e Lima (1991).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, buscamos encontrar subsídios que permitissem verificar a existência — ou não — de elementos que apontassem para uma modificação da composição da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo entre as eleições municipais disputadas pelo partido no período de 1996 a 2012.

Para isso, em um primeiro momento, foi revisada a literatura sobre as eleições na cidade de São Paulo e as características das bases eleitorais petistas, desde as primeiras eleições disputadas pelo partido na capital paulista, com a finalidade de analisar a evolução dessa base ao longo das eleições para constatar se havia existência de sinais de mudança do perfil do eleitorado em questão e, caso afirmativo, se eles haviam sido captados por esses estudos.

Em seguida, analisamos a evolução da intenção de voto no PT e da preferência partidária pelo partido a partir das variáveis socioeconômicas renda e escolaridade com base nos dados dos *surveys* das eleições municipais de 1996 a 2012, com o intuito de verificarmos as mudanças no padrão do comportamento eleitoral dos eleitores paulistanos entre as diferentes faixas de renda e de escolaridade.

Com o propósito de investigar a composição da base eleitoral petista, procuramos, ainda, fazer o comparativo da distribuição do peso de cada uma dessas faixas (renda e escolaridade) entre os dados do PT e da amostra geral, em cada uma das eleições, observando as diferenças e as semelhanças entre elas que pudessem indicar em quais delas o partido se saiu melhor ou pior.

A partir do uso da análise espacial, identificamos as regiões onde o PT era mais forte e mais fraco nas eleições de 1996 a 2012 e onde, geograficamente, estão situadas na capital paulista, de forma que pudéssemos encontrar a localização dos redutos petistas em São Paulo. Verificamos, ainda, se esses redutos se modificaram ao decorrer das eleições observadas e, procuramos conferir o peso desses distritos (*PT Forte* e *PT Fraco*) para a composição final do voto petista em cada uma desses pleitos.

Por fim, a partir da utilização da pesquisa *DNA Paulistano* (2009), identificamos quais desses distritos (*PT Forte* e *PT Fraco*) permaneceram constantes entre 1996 e 2012 a fim de, conseguíssemos, construir um quadro mais atual de cada um deles em relação à distribuição de renda, de escolaridade e da preferência partidária.

Com isso, constatamos a existência de mudanças na composição da base eleitoral e quando ela pôde ser observada (a partir das eleições de 2000). Além disso, também foi possível observar que o PT apresenta uma base popular localizada desde as primeiras eleições disputadas pelo partido, embora seja preciso destacar que ela tinha, ainda, pouca expressão e estava localizada geograficamente em uma região específica: nos distritos próximos ao ABC paulista.

Ambas as descobertas merecem ser desenvolvidas com mais detalhes, o que faremos a seguir. Do mesmo modo, outros três pontos também merecem destaque antes da conclusão dessas considerações finais. São eles: as eleições de 2012, as possíveis repostas para o porquê da mudança da composição da base eleitoral do PT e algumas considerações sobre o futuro do PT na cidade.

### **5.1. De classe média, mas também de periferia**

Tal como observamos, com respeito às características iniciais do perfil da composição da base eleitoral petista, constatamos que o PT apresentava uma base popular desde a década de 1980. Ainda que o partido possuísse entre os segmentos médios do eleitorado paulistano a sua principal base de apoio, desde o início — e isso é preciso ser enfatizado, contou com o apoio do eleitorado dos estratos mais baixos de renda da cidade de São Paulo, ainda que esse apoio fosse restrito e com uma forte influência da região do ABC paulista, o que denominamos como sendo uma base popular localizada.

Conforme destacamos, houve um esforço por parte da literatura em demonstrar que o PT dos anos de 1980, para além do apoio dos setores médios do eleitorado paulistano, também obtinha votos na periferia da cidade. Esses esforços podem ser observados, sobretudo, em Sadek (1984) e Meneguello (1989), que demonstram a influência da região do ABC na votação no partido em São Paulo. O peso desse

“efeito vizinhança”, inclusive, é importante para compreendermos o porquê do aumento da votação petista quando observamos o desempenho do partido por áreas homogêneas.

Todavia, a ênfase dos estudos ficou mais centrada na observação no desempenho do partido nos segmentos de classe média do eleitorado paulistano e não nas explicações mais elaboradas sobre o perfil duplo do PT.

Como pontuamos anteriormente no Capítulo I, isso se deu pelo fato do foco da literatura de parte do período não estar centrado na análise da base petista, mas em outros temas como o voto emedebista/peemedebista e a ascensão da direita. Com isso, apesar do esforço em destacar o duplo perfil do voto petista em especial na década de 1980, a demonstração dessa característica não vai apresenta grande destaque. De forma que, na verificação da base eleitoral do PT durante a década de 1990, não há uma forma incisiva de discussão mais substantiva sobre o assunto e, também, não se observam debates mais contundentes nos estudos posteriores.

Realmente, os dados observados na primeira parte, na qual analisamos a bibliografia sobre a base eleitoral do partido, evidenciam que o apoio ao partido era melhor entre as camadas médias paulistanas, tanto na década de 1980 quanto na de 1990.

Quando analisado o perfil do eleitor por renda e escolaridade, o desempenho do partido foram verificados pelos *surveys* que demonstram que, comparativamente, são nesses segmentos que o partido obteve seus melhores percentuais. Ou seja, no início, o PT era um partido que apresentava melhores resultados na classe média e entre os que possuíam escolaridade elevada. Era um partido como sugere a literatura: de classe média.

Mesmo na década de 1990, com a ampliação da penetração do PT junto ao eleitorado de baixa renda ou, conforme a literatura sugere, com sua popularização (Limongi e Mesquita, 2008; 2011), o partido ainda manteve seus melhores percentuais entre os estratos médios do eleitorado paulistano. A ampliação da penetração do partido, conforme observado, não é exclusiva do segmento mais pobre. Conforme se observou, o PT cresceu em todos os segmentos do eleitorado paulistano e ampliou, também, sua votação na cidade.

A partir da utilização dos *surveys*, com os quais foram verificadas as características do eleitorado petista entre as eleições de 1996 e 2012 (Capítulo II), pudemos constatar que, de fato, o PT apresentava entre os segmentos médios de renda e entre aqueles com escolaridade elevada seus melhores resultados. Desta forma, os dados corroboram com a percepção apontada na literatura e indicam para a confirmação de um partido de classe média, com os melhores resultados observados entre esse segmento, tanto quando verificamos os percentuais de intenção de voto como os de preferência partidária. Contudo, isto só é comprovado até as eleições de 2000.

Em síntese, é possível afirmar que o PT, até 2000, conforme observamos, era um partido de classe média, mas que, também, obtinha apoio na periferia, ainda que não com a mesma intensidade observada nos outros estratos, que fosse minoritário e, restrito a influência do ABC, tendo em vista que se tratava de uma base popular localizada.

## **5.2. Da classe média à periferia**

Se o que se observava até as eleições municipais de 2000, no perfil da base eleitoral do PT na cidade de São Paulo, era um perfil de classe média, a partir dessas eleições, essa característica apresentada sofre alterações significativas. Conforme buscamos destacar, o partido se tornou mais popular e sua base eleitoral passa a ser constituída majoritariamente por um eleitorado de renda e escolaridade baixas.

Como destacamos anteriormente, o PT contava com uma parcela do eleitorado de renda mais baixa da cidade, principalmente daquelas localidades que se situavam próxima à região do ABC paulista. Entretanto, o que observamos a partir de 2000, a partir da análise dos *surveys*, é que há uma expansão do apoio ao partido nesse eleitorado, inclusive nos segmentos do eleitorado paulistano, que começa a ser observado como sua principal base de apoio e que passam a apresentar os melhores índices de intenção de voto no PT das eleições municipais de 2004 em diante.

Em 2004, os dados apresentam o PT como um partido com mais apoio entre os mais pobres e menos escolarizados; um perfil diferente do que se apresentava em 1996 e 2000. Nas eleições de 2008, o partido aprofunda mais sua penetração no eleitorado de baixa renda. Os índices dos *surveys* são superiores ao verificado nas eleições de 2004. Entretanto, o partido apresenta um declínio mais profundo entre os mais escolarizados e, conforme já pontuamos, há uma inversão de posições entre os segmentos no apoio ao PT.

Em 2012, o partido apresentou uma queda entre os percentuais observados em todos os segmentos. Contudo, como observamos nos Capítulos II e III, os dados do segundo turno indicam a existência de outros fatores que teriam influenciado os baixos índices registrados pelo PT no primeiro turno dessa eleição. Quando analisados os dados da evolução do primeiro para o segundo turno das eleições de 2012, constatamos que as maiores variações percentuais, verificadas entre as faixas de renda e de escolaridade, estão localizadas nos segmentos mais pobres e com menor instrução entre o eleitorado. Ou seja, houve um “soluço” no primeiro turno de 2012.

A comparação entre os resultados dos segundos turnos de 2008 e 2012, também confirmam a manutenção do perfil mais popular do eleitorado do partido, dado que foi observada na composição de voto no PT percentuais muito similares entre uma eleição e outra.

Assim, a partir da análise dos dados dos *surveys*, é possível verificar que, de fato, entre as eleições de 1985 e 2012, o PT sofreu um processo de transformação da composição de sua base eleitoral. Pelos dados observados, é possível constar que o partido entre as eleições de 2000 e 2004 sofreu um processo de perda do apoio dos setores médios e de crescimento entre os eleitores mais pobres e menos escolarizados, entretanto, diferentemente do que foi sugerido pelos autores, esse fenômeno não se estabiliza, ele vai se intensificar nas eleições de 2008.

A partir dos dados da análise espacial, pudemos corroborar com o perfil dual do PT. De fato, o partido contava com um apoio importante nas regiões periféricas da cidade, fundamentalmente aquelas próximas ao ABC. Todavia, apesar de oferecer importante contribuição para o conjunto da votação do PT, a quantidade de votos



obtidas nessas localidades era reduzida. O partido ainda obtinha um apoio expressivo em outros estratos do eleitorado paulistano, em especial o eleitor de renda média, perfil que se mantém até as eleições de 2000. Foi possível constatar uma mudança a partir dessa eleição a partir dos dados de *surveys* e, também, nos dados da análise espacial.

O partido ampliou sua penetração nas regiões periféricas e aumenta, significativamente, seus votos nos seus redutos eleitorais. Em contrapartida, o que observamos é um declínio da votação nas demais regiões da cidade. Esses indícios sugerem elementos que nos permite supor a existência de uma mudança, também, na composição da base eleitoral do PT no município de São Paulo.

Mesmo que essa mudança não tenha se manifestado geograficamente, não havendo inversão de apoio nos distritos, o peso dessas regiões para a composição do voto petista se alterou substancialmente. Em 2008 (vide Gráfico 4.5), quase metade dos votos obtidos pelo partido são provenientes das suas bases geográficas de apoio. E, mesmo em 2012, apesar da baixa votação recebida no 1º turno dessas eleições como foi observado, o partido manteve seu novo padrão, cuja maior parte da contribuição para composição da votação final do partido é oriunda das regiões mais periféricas da cidade.

### **5.3. Razões para explicar a mudança**

Conforme indicamos, há indícios que sinalizam para uma mudança, entre as eleições de 2000 e 2004, que possivelmente alterou a composição da base eleitoral do partido. Não poderíamos deixar de discutir os resultados observados sobre essa mudança, embora, esses apontamentos não sejam definitivos, sendo necessária a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema para que se possa contribuir de forma mais substantiva para essa questão.

Como forma de contribuição para o debate, buscamos pontuar alguns aspectos que poderiam ter sido as principais causas para a ocorrência dessa modificação do voto no PT. O primeiro aspecto é referente ao governo Lula (PT) e suas ações.

Conforme é de conhecimento geral, em outubro de 2002, pela primeira vez a vitória disputa à Presidência da República é petista, elegendo Lula para o cargo. A partir deste fato, autores como Singer (2010), Terron (2009) e Venturi (2012) procuram demonstrar a ocorrência de uma mudança na base do PT entre as eleições de 2002 e 2006. Assim, seria plausível supor que o Governo Lula poderia ter sido um dos motivos da essa modificação do eleitorado de São Paulo já nas eleições de 2004. Entretanto, há um curto espaço de tempo entre a posse de Lula, em janeiro de 2003, e as eleições municipais, que ocorreram em outubro de 2004; um intervalo de menos de dois anos entre um e outro.

O segundo aspecto é referente às ações governamentais do Governo Lula. Muitas das ações de impacto do governo ainda não tinham sido implantadas como é o caso do principal programa de transferência de renda do Governo Lula, o *Bolsa Família*, que estava em fase de implementação — o programa com promulgação datada de janeiro de 2004, não contava até aquele momento com o grande contingente de beneficiários do programa.<sup>79</sup> Mesmo outros programas como o Prouni, ainda não estavam em execução.<sup>80</sup> Outra medida como o crédito consignado, que foi sugerido por Singer (2010) como um elemento importante que afeta positivamente a popularidade de Lula, teria sido recentemente implementada no final de 2003<sup>81</sup>.

Quando avaliamos o potencial de transferência de voto pelo apoio pessoal do presidente Lula, comprovamos que esse apoio em 2004 não foi tão significativo. Segundo dados do Datafolha, apenas 11% do eleitorado votariam no candidato apoiado pelo presidente em um eventual segundo turno. Para a grande maioria, 68% do eleitorado, esse apoio seria indiferente. Mesmo o apoio do ex-presidente entre os eleitores com faixa de renda baixa (até 2 SM) era muito reduzido, somente 15% dessa fatia do eleitorado poderia votar em um candidato apoiado por Lula, e esses baixos percentuais também podem ser observados nas faixas com mais de 2SM a 5SM, com

---

<sup>79</sup> Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), somente 58% da meta de beneficiários haviam sido atendidos entre 2003-2004. O que representava cerca de 6,5 milhões de famílias. Maiores informações ver <[www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br)>.

<sup>80</sup> O Programa Universidade para Todos (Prouni), conforme informações do Ministério da Educação, foi implementado a partir de 2005, pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005. Ver <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>.

<sup>81</sup> O crédito consignado foi implementado pela Lei n.º 10.820 de 17 de dezembro de 2003.

10%, e nas faixas de escolaridade mais baixa, no ensino fundamental com 14% e, no médio com 9%.<sup>82</sup>

Outro fator diz respeito à avaliação do governo do ex-presidente Lula. Segundo os dados do Datafolha em pesquisa realizada em outubro de 2004, o apoio de Lula nos segmentos mais baixo de renda era: ótimo/bom com 36 % (2SM) e, 40% (2 a 5SM); ruim/péssimo com 29% (2SM) e, 22% (2 a 5SM). Quando comparados com os índices gerais dessa pesquisa na qual se verifica: 40% de ótimo/bom, 35% de regular e, 23% de ruim/péssimo, observa-se que a avaliação dos estratos mais baixos (2SM) e inferiores na avaliação positiva e superiores a da negativa com relação avaliação geral.

Se verificados esses índices por escolaridade, em especial entre aquele que possuem o ensino fundamental, eles também vão apresentar percentuais mais desfavoráveis ao PT do que a média geral. Neste segmento, Lula apresentava 36% de ótimo/bom e, 27% de ruim/péssimo<sup>83</sup>, percentuais bem inferiores aos observados mais a frente, quando o presidente vai atingir elevados índices de popularidade pessoal e para seu governo.

Assim, uma das explicações possíveis recai sobre a própria avaliação da gestão Marta Suplicy, que esteve frente à prefeitura paulistana pelo partido. Não buscaremos, entretanto, fazer análise a partir do voto retrospectivo, mas apontar possíveis caminhos para compreender o que possa ter ocorrido.

Conforme Moretto e Pochmman (2002) destacam, houve por parte da ex-prefeita uma política de priorização de ações em determinadas regiões da cidade desde o primeiro ano de gestão, em especial das regiões menos favorecidas, que se situavam na periferia paulistana<sup>84</sup> Um conjunto de políticas sociais foi implementada nessas regiões. Moretto e Pochmman (2002) destacam programas como *Renda Mínima*, *Começar de Novo*, *Bolsa Trabalho* e *Operação Trabalho*.

---

<sup>82</sup> Pesquisa Datafolha de 07 de outubro de 2004. Banco de Dados CESOP/Unicamp 02515.

<sup>83</sup> Pesquisa Datafolha de outubro de 2004. Banco de Dados CESOP/Unicamp 02516.

<sup>84</sup> De acordo com Moretto e Pochmann (2002) treze distritos foram selecionados para fase de testes dos programas sociais da administração Marta Suplicy, PT, 2001-2004. Foram eles: Capão Redondo, Brasilândia, Marsilac, Lajeado, Jardim Ângela, Iguatemi, Grajaú, Cidade Tiradentes, Parelheiros e Anhanguera, Sacomã, Vila Prudente e São Lucas. Para maiores informações ver Pochmann, 2002, p.48.

Entretanto, não foi somente entre os eleitores mais pobres que a administração Marta teve impacto. Também foi constatado um impacto significativo do PT em relação aos eleitores com renda média, em particular aqueles com renda familiar de mais de 5SM a 10SM, Até então, era nesse segmento que o partido apresentava seus melhores resultados e é nele que vai ser apresentar um declínio de popularidade.

Uma das possíveis explicações para o declínio do partido entre esses estratos de renda média estaria em relação às denúncias que envolveram o PT no chamado escândalo do “mensalão”, que pode ter atingido uma parcela desse eleitorado e afastado-o do partido.

Esse episódio, porém, ocorreu apenas em 2005, ou seja, depois das eleições de 2004. Ainda que seja um argumento a ser considerado para explicar o porquê do partido entre 2004 e 2008 manter a tendência à queda entre esse segmento do eleitorado, não é um motivo plausível de ser utilizado para explicar o porquê do declínio em 2004.

Desta forma, a explicação, então, tende a recair novamente sobre a própria gestão: em Marta e no impacto nesse segmento, a exemplo do que argumentamos em relação ao eleitorado mais pobre. Essa é uma possível explicação, que ainda precisa ser passível de uma investigação mais aprofundada capaz de verificar as causas desse desapontamento na classe média e do apoio dos segmentos populares. No entanto, dentro do quadro observado, há indícios das causas da mudança verificada entre as eleições de 2000 e 2004 na composição da base eleitoral do PT.

#### **5.4. O caso de 2012: o que aconteceu?**

Os dados das eleições de 2012 são interessantes para analisar o comportamento eleitoral do partido. Por certo, esses dados trazem certo questionamento em relação à mudança da base eleitoral do PT, tendo em vista o recuo dos percentuais do partido no primeiro turno dessa eleição em relação aos que foram observados nas de 2008, o que indicaria uma perda de parcela do eleitorado.

Isso sugere um esgotamento em relação ao partido ou mesmo que o eleitor de baixa renda e escolaridade não estaria indo de fato para o PT.

Contudo, os dados observados não demonstram que o partido tenha perdido o apoio desse segmento mais pobre e menos escolarizado definitivamente, pois a verificação da preferência partidária mostra outro cenário: que o PT aumentou seu percentual nesse segmento.

Como demonstramos anteriormente ao analisar os dados do percentual da intenção de voto dos que preferem o partido, existe a possibilidade de ter havido por parte do eleitor petista uma hesitação em relação ao seu candidato, o que teria feito esse eleitor aguardar o desenvolvimento do processo eleitoral. Isso é possível quando o eleito não constata no candidato do PT chances de vitória, fazendo com que parte desse eleitorado tenha optando por outra candidatura com maior viabilidade.

Em julho de 2012, em pesquisa divulgada pelo Datafolha passado duas semanas do início da corrida eleitoral, o candidato pelo partido, Fernando Haddad, aparecia com apenas 7% das intenções de voto.<sup>85</sup>

O partido apostou em um candidato novo e, com exceção de Erundina que teve uma vitória surpreendente, todos os demais candidatos apresentados pelo partido para a disputa da prefeitura paulistana já haviam debutado em alguma esfera. Suplicy em 1992, além de Senador da República, já havia sido candidato a prefeito (1985) e governador (1986). Erundina, em 1996, já havia sido prefeita (1988-1992) e Marta Suplicy, em 2000, havia sido candidata a governadora (1998).

Ao observar os dados do segundo turno, notamos que os índices de votação observados nos estratos inferiores de renda e de escolaridade foram os que mais aumentaram de um turno para o outro, o que poderia ser mais um indicativo da força do PT no segmento. Quando comparamos os resultados das eleições de 2008 e 2012, a manutenção da composição da votação petista, localizada nos extremos da capital paulista, isto é, na periferia pode ser observada. Ou seja, o resultado do primeiro turno dessas eleições foi um “solução”, tendo em vista que os dados do segundo turno retomam o padrão anterior observado em relação ao padrão da

---

<sup>85</sup> Pesquisa Datafolha de 19 e 20 de julho de 2012. Fonte: Repositório de dados do Datafolha <[www.datafolha.com.br](http://www.datafolha.com.br)> acessado em 04/03/2013

votação do PT na cidade de São Paulo, que pode ser observado a partir das eleições de 2000.

Em resumo, é possível afirmar que, em 2012, a despeito da queda observada (“solução”) em relação aos índices verificados nas eleições de 2008, os dados revelam a permanência do apoio dos estratos mais baixos de renda e escolaridade, com patamares muito próximos aos observados em 2004. E, quando observados os dados do segundo turno destas eleições, os maiores crescimento foram observados entre os estratos de menor renda e escolaridade, o que indica que pode haver de fato dúvidas quanto a viabilidade. Deste modo, o PT conquistou esse eleitor. Contudo, seu apoio não é automático e depende muito da viabilidade de seu candidato.

### **5.5. O futuro do PT na cidade de São Paulo**

Entre 1985 e 2012, o PT passou por um período de transformação na composição de sua base eleitoral. De um partido com um perfil mais de classe média, entre 1985 e 2000, para um partido com apelo mais popular, de 2004 em diante.

Se antes o voto estava localizado em uma periferia geográfica determinada da cidade, agora, situa-se também na periferia socioeconômica do eleitorado paulistano, o que pode ser comprovado pelo bom desempenho do partido entre os estratos mais baixos de escolaridade e renda.

Contudo, o apoio desses segmentos mais populares ao partido não é automático. Como é possível de ser observado pelos dados das eleições de 2012, o eleitor também precisa estar convencido da viabilidade de seu candidato.

A preferência partidária do eleitorado paulistano pelo PT cresceu e ocupa a primeira colocação da preferência na cidade. Os índices observados entre o eleitorado de baixa renda e escolaridade é superior aos da média da cidade e, verificou-se que, ao longo das eleições, há um crescimento permanente nesse segmento.

As ações da administração petista entre 2001 a 2004 produziram alterações significativas na composição da base eleitoral do partido, fazendo com que o PT aglutinasse apoio dos setores mais populares e perdesse o apoio dos eleitores da classe média. A nova administração petista, que se iniciou em 2013, pode alterar essa configuração ou intensificar esse processo, cabe a nós pesquisadores verificarmos o impacto desse novo mandato nas próximas eleições que virão.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA, Gilberto *et al.* “Análise espacial de áreas”. In: DRUCK, S.; CARVALHO, M.S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A.V.M. (eds.). *Análise Espacial de Dados Geográficos*. Brasília: EMBRAPA, 2004. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/analise/index.html>>. Acesso em: jan. 2012.

CASTRO, Mônica M. “Sujeito e estruturas do comportamento eleitoral”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20, 1992.

CESOP-UNICAMP. Intenção de voto para prefeito 1988 – DAT/SP88.SET-00112. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acesso em: fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Intenção de voto para prefeito 1992 – DAT/SP92.SET-00313. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acesso em: fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Intenção de voto para prefeito 1996 – DAT/SP96.SET-00701. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acesso em: mai. 2011.

\_\_\_\_\_. Intenção de voto para prefeito 2000 – DAT/SP00.SET-01159. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acesso em: abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Intenção de voto para prefeito 2004 – DAT/SP04.OUT-02514. In: Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública. Disponível em: <<http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/busca/php>>. Acesso em mai. 2011.

DATAFOLHA, INSTITUTO DE PESQUISAS. Intenção de Voto para Prefeito de São Paulo, 1º Turno – 3 e 4 de outubro de 2008. Banco de dados - PO3448. In: Consórcio de Informações Sociais, 2010. Disponível em: <<http://www.cis.org.br>>. Acesso em jan. 2012.



\_\_\_\_\_. Intenção de Voto para Prefeito de São Paulo, 1º Turno – 5 e 6 de outubro de 2012. Disponível em: < <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2012>>. Acesso em mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Intenção de Voto para Prefeito de São Paulo, 2º Turno – 26 e 27 de outubro de 2012. Disponível em: < <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2012>>. Acesso em mar. 2013.

FERREIRA, Oliveiros S. “Comportamento eleitoral em São Paulo”. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, v. 8, 1960.

\_\_\_\_\_. "A crise de poder do 'sistema' e as eleições paulistanas de 1962". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, v. 16, 1964.

FOLHA DE SÃO PAULO. *DNA paulistano*. São Paulo: Publifolha, 2009.

FIGUEIREDO, Argelina *et al.* “Partidos e Distribuição Espacial do Voto na Cidade de São Paulo”. *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 64, 2002.

LAMOUNIER, Bolivar. "Comportamento eleitoral em São Paulo: passado e presente". In: id; CARDOSO, Fernando Henrique (org.). *Os partidos e as eleições no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. "O voto em São Paulo, 1970-1978". In: id (org.). *Voto de desconfiança: eleições e mudança política no Brasil, 1970-1979*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/CEBRAP, 1980.

\_\_\_\_\_ “São Paulo: a geografia do voto”. *Folhetim*, nº.315, p.6-7, 30, jan., 1983.

\_\_\_\_\_; MUSZYNSKI, Judith. *São Paulo, 1982: a vitória do (P)MDB*. Texto IDESP, nº 2, 1983. (Mimeo)

\_\_\_\_\_.; MUSZYNSKI, Judith. “A eleição de Jânio” In: LAMOUNIER, Bolivar.(org.). *1985: O voto em São Paulo*. São Paulo: IDESP, 1986.

LIMA, Marcelo Coutinho. “Volatilidade eleitoral em São Paulo, 1985-92”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 46, 1996.

LIMONGI, Fernando *et al.* “Mudanças e continuidade nas eleições de São Paulo”. Artigo para o XXXII encontro anual da ANPOCS, 2008. (Mimeo)

\_\_\_\_\_; MESQUITA, Lara. "Estratégia partidária e preferência dos eleitores". In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 81, 2008.

\_\_\_\_\_; MESQUITA, Lara. "Estratégia partidária e clivagens eleitorais: as eleições municipais pós-redemocratizações". In: KOWARICK, Lúcio; MARQUES, Eduardo (org). *São Paulo percursos e atores*. São Paulo: Editora 34, 2011.

LIPSET, Seymour M. *O homem político*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MAINWAING, Scott; MENEGUELLO, Raquel; POWER, Timothy. "Bases sociais dos partidos conservadores" in: *Partidos conservadores no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MENEGUELLO, Rachel; ALVES, Ricardo Martins. "Tendências eleitorais em São Paulo, 1974-1985". In: LAMOUNIER, Bolivar. (org.). *1985: O voto em São Paulo*. São Paulo: IDESP, 1986.

\_\_\_\_\_. *PT: a formação de um partido 1979-1982*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

MORETTO, Amilton; POCHMANN, Márcio. "A estratégia paulista de inclusão social". In: POCHMANN, M. (org.) *Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade*, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Cortez Editora, 2002.

MUSZYNSKI, Judith. "Os eleitores paulistanos em 1986: a marca do oposicionismo" In: MENEGUELLO, R. (org.) *Eleições 1986*. São Paulo: IDESP, 1989a.

\_\_\_\_\_. *Eleições e Malufismo na voz dos motoristas de táxi: um caso de identidade política*. São Paulo: IDESP, n. 29, 1989b. (Mimeo)

\_\_\_\_\_. *As razões de um resultado surpreendente: a vitória de Luiza Erundina*. São Paulo: IDESP, n. 35, 1989c. (Mimeo)

NOVAIS, Carlos Alberto Marques. "A geografia do voto em São Paulo". In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 45, 1996a.

\_\_\_\_\_. "O primeiro turno da eleição para prefeito de São Paulo". In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 46, 1996b.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Um toque de classe, média baixa". In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 14, 1986.

\_\_\_\_\_. “As bases da nova direita”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, São Paulo, SP, n. 19, p. 26-45, 1987.

\_\_\_\_\_. A direita mora do outro lado da cidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 10, p. 46-64, 1989a.

\_\_\_\_\_. “Camadas médias em São Paulo: Escolhas eleitorais e modos de vida”. *Ciência e Cultura* (SBPC). São Paulo, SP, v. 41, n. 03, p. 204-205, 1989b.

\_\_\_\_\_; PRANDI, Reginaldo. “Migrante vota diferente? O caso da eleição para a prefeitura de São Paulo”. *Travessia Revista do Migrante*. São Paulo, v. 2, n. 5, p. 5-13, 1989.

\_\_\_\_\_. “A Direita Mora do outro Lado da Cidade”. Artigo para o XII encontro anual da ANPOCS, 1988.

\_\_\_\_\_. “Comportamento eleitoral na cidade de São Paulo”. *Cadernos de Mandato*. São Paulo, v. 2, p. 3-24, 1996.

\_\_\_\_\_; LIMA, Marcelo O. Coutinho. “A Direita que Flutua”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 29, 1991.

\_\_\_\_\_; LIMA, Marcelo O. Coutinho. “São Paulo 92, a vitória da direita”, In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 35, 1993.

PIMENTEL Jr, Jairo; PENTEADO, Claudio L. Camargo. “Predisposições, avaliação de governo e campanha eleitoral: a vitória de Kassab em São Paulo”. In: LAVAREDA, Antônio; TELLES, Helcimara (orgs.). *Como o eleitor escolhe seu prefeito*. Campanha e voto nas eleições municipais. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011.

SADEK, M. Tereza R. *Concentração industrial e estrutura partidária: o processo eleitoral no ABC, 1966-1982*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. “A Trajetória de Jânio Quadros”. In: LAMOUNIER, Bolivar. (org.). *1985: o voto em São Paulo*. São Paulo: IDESP, 1986.

SIMÃO, Aziz. “O voto operário em São Paulo”. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, v. 1, 1956.

SINGER, André. “Collor na periferia: a volta por cima do populismo?”. In: LAMOUNIER, Bolivar (ed.). *De Geisel a Collor: o balanço da transição*. São Paulo: Editora Sumaré, 1990.

\_\_\_\_\_. *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. “Raízes sociais e ideológicas do Lulismo”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 85, 2009.

\_\_\_\_\_. “A segunda alma do Partido dos Trabalhadores”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 88, 2010.

TERRON, Sonia. *A composição de Territórios Eleitorais no Brasil: Uma análise das Votações de Lula (1989-2006)*. Tese de Doutorado. IUPERJ, Rio de Janeiro, 2009.

VENTURI, Gustavo. “PT 30 anos: mudanças na base social”, *Revista Teoria e Debate*. Fundação Perseu Abramo, n. 88, 2010.

WEFFORT, Francisco C. “Raízes sociais do populismo em São Paulo”, *Revista Civilização Brasileira*, n. 2, 1965.